



Darkover

*As Amazonas Livres
de Darkover*

Marion Zimmer Bradley
e outros



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

Sabedoria e lenda das Amazonas...

Dos contos de Dama Bruna Leynier, que defendeu o controle do Domínio de Alton com sua própria lâmina... para um desesperado resgate de mulheres escravizadas por bandidos das Cidades Secas... da caça de um *banshee* sedento de sangue por uma Renunciante... para uma Amazona lutando para dominar a tecnologia dos *Terranan*... da construção de uma distante Casa da Guilda... para uma Amazona em missão nas estrelas... aqui estão dezoito histórias sobre incríveis mulheres encontrando o desafio de um mundo comandado por homens, mulheres orgulhosas de carregar o nome de:

AMAZONAS LIVRES DE DARKOVER

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

A Fundação

Uma "nave perdida" originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA

A CASA DE THENDARA

CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA

A ESPADA ENCANTADA

A TORRE PROIBIDA

ESTRELA DO PERIGO

VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Marion Zimmer Bradley & outros



**As Amazonas Livres
de Darkover**

Introdução: Sobre as Amazonas

Eu não tinha noção, quando primeiro criei através de um sonho as Amazonas Livres de Darkover, que elas se tornariam as mais atrativas e controversas de minhas criações, trazendo mais cartas de fãs que todos os personagens juntos. Não são apenas cartas comuns de fãs femininas, há ao menos uma dúzia de mulheres que eu sei (fora as que eu não sei) que mudaram legalmente seus nomes para o estilo das Amazonas Livres; também há um número de Casas da Guilda em várias cidades onde mulheres tentam viver em alguma versão das Amazonas, ou do Juramento das Renunciantes.

As Amazonas Livres têm passado por consideráveis mudanças desde que aquele sonho (meados de 1962) criou uma Amazona Livre, Kyla, como uma guia de montanha em **Os Salvadores do Planeta**, Ace Books, 1962. Eu mesma dificilmente reconheço, em Kyla n'ha Raineach, a personagem pela qual tudo começou.

Na introdução à *Gregg Edition of the Darkover Books*, eu comento a seguir:

“Eu tenho perguntado muitas vezes como, em uma sociedade tradicional e patriarcal como Darkover, conseguiria evoluir uma sociedade como a das Amazonas Livres. A resposta é que elas não conseguem. No tempo que eu escrevi *Os Salvadores do Planeta*, agora conhecido com o título de *Projeto de Jason*, eu não tinha noção da criação de uma sociedade em Darkover; eu simplesmente tinha que dar ao protagonista do livro uma experiência razoável, e um problema. Uma boa base para qualquer bom trabalho de ficção é que o personagem principal deve ter a oportunidade de crescimento e mudança. Eu precisava dar a Jay/Jason um problema. Jason poderia aceitar uma mulher como líder de uma expedição? E se ele pudesse, poderia sua alternada personalidade submersa, Jay Allison, misógina e provavelmente homossexual, aceitá-la e cooperar com ela? Kyla caminhou para fora da minha subconsciência como um problema para Jason; uma mudança de sua comandante, não mais.

(Este problema não é limitado nos dias de pré-liberação em torno de 1960. Em seu excelente livro sobre as mulheres em

expedições de escalada no Himalaia, *Annapurna: A Woman's Place*, o qual serviu como experiência para mais tarde no livro sobre Amazonas Livres, Cidade da Magia, Arlene Blum comenta sobre a composição de homens machistas nas expedições de escalada nas montanhas. Para aqueles que pensam que eu exagero, eu sugiro ler o livro de Blum; a uma candidata a escaladora se disse - em 1977! - que ela não poderia entrar para a expedição, a menos que aceitasse dormir entre todos os outros membros homens, enquanto uma candidata a uma expedição ao Everest foi avisada que poderia ir como cozinheira ou tomar conta do campo, mas não sairia da Base. A insensatez dessa atitude foi demonstrada quando a primeira expedição japonesa ao Everest colocou cinco mulheres no topo do mundo, e mais tarde quando quatro membros da expedição *Annapurna* de Blum escalaram aquela montanha de oito mil metros, apesar de dois deles nunca retornarem.)

A primeira de muitas das Amazonas Livres de Darkover será descrita a seguir, pelo narrador da história, Jason.

"E eu quase desisti quando vi o guia. Pois o guia era uma mulher."

"Ela era pequena para uma darkovana, uma compleição pequena, o tipo de corpo que poderia ser de um menino, mas certamente não, à primeira impressão, feminino. Cabelos encaracolados cortados bem curtos, castanhos e ralos, moldando o mais lívido dos traços sobre um rosto queimado de sol, e seus olhos eram tão grandes, com pestanas grossas e negras que eu não pude adivinhar sua cor. Sua boca era larga e seu queixo redondo. Ela estendeu sua mão e disse sombriamente: Kyla Raineach, Amazona Livre, guia licenciada de montanha."

"... A Guilda das Amazonas Livres entra em qualquer área, mas aquela guia parecia um pouco esquisita, mesmo para uma Amazona. Ela parecia resistente e ágil o suficiente, debaixo do pesado manto, seu corpo de quadris estreitos e peito tão liso quanto o meu."

Kyla guia Jason com êxito, talvez com grandes chances (pelo menos para um dos críticos) de se apaixonar por ele. Eu nunca pretendi trazer de volta a Guilda das Amazonas Livres, mas talvez a criação significasse mais para mim do que eu pensei na época, pois

no décimo-sexto livro de Darkover, *Destruidores de Mundos*, o qual eu atualmente vejo como a última das séries, (minha própria conduta equivalente a abandonar Sherlock Holmes em *Reichenback Falls*) duas Amazonas Livres apareceram no livro. Elas foram descritas como companheiras livres (provavelmente, não explicitamente, homossexuais, para balancear as crises de identidade sexual dos personagens masculinos).

Naquele tempo eu tive atenção em retratar exatamente a sexualidade de uma sociedade alienígena; e me senti compelida honestamente em confrontar este problema, pois estudos mostraram que nenhuma sociedade é capaz de eliminar a homossexualidade. Mesmo as mais chocantes penalidades, incluindo a morte na Idade Média, nunca conseguiram eliminá-la; em sociedades permissivas, ela é aceita em geral. (Eu defino permissividade como uma recusa usada como lavagem cerebral nos jovens pela frustração dos pais.) Mesmo na China comunista, eu percebi que isso também ocorre... embora os chineses comunistas clamem que não há um único homossexual em todo o seu país.)

"Ambas eram membros da Guilda das Amazonas Livres e se vestiam tipicamente como as amazonas; botas baixas de couro resistente, calças compridas e coletes revestidos com pele de animal para montaria, e pesados mantos bordados com capuz. Uma tinha cabelos vermelhos e trançados, enrolados embaixo de seu pescoço e escondidos dentro do capuz; e a outra cabelos encaracolados cortados curtos. As duas eram fortes, o jeito masculino de quando as mulheres optam por parecer, contra todas as regras de uma sociedade patriarcal, para fazer o trabalho do homem e ter a sua liberdade."

Eu tenho me perguntado de onde vieram essas descrições. Tão próximo quanto eu posso lembrar, meu modelo para a maioria das Amazonas Livres foi uma mulher fazendeira que viveu perto da casa de minha família; com seu pai velho de cama e seu marido no exército, ela comandou duas fazendas com a eficiência - ou até mais - que qualquer homem que eu já tenha conhecido. Ela foi certamente a primeira mulher que eu conheci que vestia calças todo o tempo; em 1945 era muito diferente de 1980, quando o jeans se

tornou a vestimenta universal para ambos os sexos. Os homens de minha família e a maioria das mulheres na comunidade rural onde eu vivi, não a aprovavam; eu a achava maravilhosa, apesar dela não gostar de crianças e de eu duvidar ter falado com ela uma dúzia de vezes, exceto quando eu ia pedir para meu pai permissão para uma fogueira; ela era também a responsável pelo fogo. Eu mesma raramente vestia, nem mesmo calças próprias para mulheres, até os dezesseis anos, quando eu descobri o delicioso conforto e liberdade de usar calças... Eu ainda não conseguia imaginar como alguém podia usar saia a menos que precisasse; ao menos, paradoxalmente, um dos meus irmãos se sentia desse jeito sobre calças, e preferia usar uma saia! Gostos diferem e como uma personagem em outro livro dos nossos foi gentil em dizer: *"Alegro-me na diversidade das criações."*

A série de Darkover não terminou com Destruidores de Mundos. Quando Don Wollheim fundou a DAW Books e me convidou a escrever um livro para ele, sugeriu outro livro de Darkover, dizendo que essa era uma "série conhecida" e os distribuidores gostavam dela. Eu escrevi A Queda de Darkover, atacando os problemas da sobrevivência, e ainda em A Corrente Partida (1976) eu trouxe mais Amazonas Livres que em qualquer outro livro. Kindra n'a Mhari, Amazona Livre, Renunciante, estava propensa a ser a personagem principal neste livro; porém, Dama Rohana saiu da minha subconsciência para desempenhar a parte principal.

Escritores feministas não gostaram de A Corrente. Ao menos um escritor me chamou *"inadequada para a mudança de conduta em uma sociedade totalmente feminina."* Desde então não teve mais, e eu não penso que nunca mais terá (e se tiver seria a autodestruição de uma geração), eu pessoalmente vejo isso como uma fuga para criar uma sociedade onde todos os cromossomos Y convenientemente desaparecem ou morrem. (Apesar disso eu recebi um manuscrito de uma mulher que propôs, eu acredito seriamente, uma teoria que na atualidade a tecnologia existe para mulheres terem filhas de criação independente e que essa dita tecnologia tem sido oprimida por homens que desejam conciliar isso, para as mulheres precisarem dos homens ao menos para reprodução.) Eu

não consigo imaginar como um mundo unissex poderia atrair qualquer um; pura paranóia. Pessoalmente eu penso que dois sexos são uma excelente idéia. Um mundo onde todos são iguais seria pior do que uma sociedade comandada por um Big Brother.

Poucos anos depois, eu dei a Kindra uma história só para ela, criando uma lembrança para Camilla n'ha Kyria, a *emmasca* que foi uma personagem benquista em *A Corrente*. *To Keep the Oath* (1979) tratou das restrições do recrutamento de Amazonas Livres na sociedade de Darkover; uma sociedade restrita pode durar muito mais se fugas honoráveis forem permitidas e eu resguardei as Amazonas como uma honorável alternativa.

Depois de *A Corrente Partida*, muitos fãs de Darkover consideraram as Amazonas como a parte mais interessante das séries. Os "Amigos de Darkover" começaram então a receber mais cartas e histórias amadoras sobre as Amazonas do que de qualquer outro personagem. Algumas mulheres tomaram, e procuraram viver através disso, uma versão do Juramento, ou até mudaram seus nomes legalmente para nomes de Amazonas. Um grupo de pessoas da SCA (Sociedade para Anacronismo Criativo, um grupo dedicado a reviver o medievalismo) de fato tentou obter permissão para organizar seu grupo de uma Casa da Guilda como um reino, e uma pequena comunidade de mulheres organizou uma Casa da Guilda por si própria. Ela dura até hoje; e isso é raro onde algumas pretendentes a Amazonas falharam ao pedir a mim para aceitar seu Juramento de Amazona. Eu normalmente questiono seriamente à mulher se elas estão a par do número de restrições e renúncias nisto envolvido e se elas me parecerem levar a sério eu aceito seu juramento. Isso é uma fantasia, eu suspeito, pelo menos não mais prejudicial do que "adoção" das bonecas de *Cabbage Patch* (repolhinhos).

Havia muitos leitores que queriam saber mais sobre o dia-a-dia dentro de uma Casa da Guilda das Amazonas, e assim, quase pela demanda popular, nasceu *A Casa de Thendara*, continuando as histórias de Magdalen Lorne e de Jaelle, que trocaram de lugar no Império. Feito isto, é claro, ambas aumentaram os limites de seus eus anteriores.

Depois de A Casa de Thendara, examinando o Juramento da Amazona, uma de minhas Amazonas adotivas foi mais longe, até criar uma versão do Juramento para cada mulher vivendo em uma avançada sociedade tecnológica. A existência dessa versão do Juramento (impressa no final do livro) na verdade deflagrou o pensamento da Sociedade da Ponte, a qual se tornou o centro do mais recente livro sobre Amazonas Livres, Cidade da Magia, e também personagens como Vanessa e Erin.

Desde A Corrente Partida muitas mulheres têm desejado escrever pequenas histórias sobre Amazonas Livres. Por um tempo nós recebemos mais histórias sobre Amazonas Livres do que todos os outros personagens juntos. Duas das melhores histórias no primeiro volume de pequenas histórias de Darkover foi "O Resgate" de Linda McKendrick, uma engraçada história atacando sérios problemas: entre um homem que respeita a independência da mulher e uma mulher que não respeita, quem está mais próximo do espírito do Juramento? A outra, por Patrícia Mathews "Sempre há uma alternativa", é uma cruel história sobre o desespero que algumas mulheres devem passar para abandonar sua sociedade.

Foi Patrícia Mathews, no livro escrito por fãs "Darkover", o qual ela escreveu mais tarde, entrando num mundo próprio, quem criou a Irmandade da Espada. Eu gostei da idéia e Pat me deu permissão para usar a Irmandade, o que fiz em Dois para Conquistar, junto com outra "tendência" de honoráveis alternativas para as mulheres. Mesmo na Idade Média aqui na Terra, mulheres optaram por ficar fora de sua sociedade entrando em conventos; e toda cultura sem exceções parecem ter suas feiticeiras e irmandades de curandeiras. Então eu criei, como um contra-ataque, as Sacerdotisas de Avarra e essas duas foram, no final de Dois para Conquistar, o começo da aliança. Mais tarde em A Dama do Falcão, a personagem principal, Romilly, entra para a Irmandade da Espada. As Amazonas continuaram a ser as mais populares facetas de Darkover; quando nós estávamos publicando o Boletim de Darkover e uma revista de ficção sobre Darkover chamada Pedra da Estrela, as nossas maiores vendas foram duas coleções chamadas Contos das Amazonas Livres e acompanhada de Mais Contos. Nós simplesmente não

conseguíamos manter essas duas em estoque, mesmo quando eram comercializadas em livrarias femininas locais. Contudo, uma total e irrealista política de preços nos forçaram a refazê-las para publicação; e quando se tornou possível fazer uma terceira antologia dos "Amigos de Darkover", nós decidimos reeditar o melhor das duas edições, ao mesmo tempo solicitando um pouco mais de profissionalismo ao escrever histórias para o volume.

A cada dois meses eu recebo uma carta de algum (geralmente homem) fã quem reclamando que estou perdendo o rumo da "real" Darkover, e escrevendo apenas sobre assuntos de mulheres. Essas cartas me deprimem por alguns minutos até eu perceber que se para cada carta dessas, eu receber dez ou doze de mulheres, agradecendo por eu estar escrevendo para elas, sobre os seus problemas e suas vidas. Há tantos livros de ficção científica escritos exclusivamente para homens que eu receio não ter muita simpatia por esses fãs masculinos. Eu recomendo a todos eles escritores de Anderson a Zclazny.

Eu posso honestamente olhar para minha primeira personagem Amazona Livre, Kyla, e dizer a ela "*Você tem um longo caminho, criança.*" E, guiada por ela, então, eu penso, que eu também tenho.

Marion Zimmer Bradley

O JURAMENTO DA COMHIL- LETZII DA "ORDEM DAS RENUNCIANTES"

*Conhecidas como "Amazonas Livres",
com Comentários Explicativos*

Sobre Walter Breen e o Juramento das Amazonas Livres

Quando A Corrente Partida foi publicada, um desiludido ex-fã de Darkover criticou-o sob o título de "O Sonho Partido", especificando que sua ilusão sobre Darkover como uma boa sociedade foi destruída pelo "feminismo radical" e "ódio pelo homem" de A Corrente Partida. Ele também especificou que possivelmente nenhum homem poderia aceitar este tipo de relacionamento com nenhuma mulher. Contestando, eu apresento a análise de meu próprio marido do Juramento, o qual ele me ajudou a criar, o qual foi impresso em Darkover Concordance (*Gráfica Pennyfarthing*, 1979, hoje fora de funcionamento).

Walter Breen é um escritor perito em inventar personagens raros, um profissional exemplar, que está na inviável posição de saber mais do que eu mesma sobre Darkover - ele lembra de tudo que eu esqueci. Nós estamos casados desde 1964, e temos dois filhos, ambos no colégio agora.

MZB

Deste dia em diante (Eu juro):

Men dia pre ´z ´biuro (fórmula ritual)

Renuncio ao direito de casar

Em casamentos arranjados pela família, representando a renúncia e todas as regras e obrigações familiares, incluindo a obrigação mútua entre as Amazonas e seus pais, implicando também na renúncia da herança.

a não ser como uma companheira livre.

A exceção implica que a Amazona acerta a retenção do direito de tomar um parceiro de cama ou amante dentro do status legal do casamento livre, obrigado por mútuas promessas. Companheiros livres dividem propriedades e a responsabilidade pela criação dos filhos.

Nenhum homem me prenderá *di catenas*:

Renunciando então a privilégios, dotes, transferências matrimoniais de terras e outras propriedades, ou de títulos, linhagem para si mesma ou seus filhos, e outros direitos conferidos para esta mais antiga forma de casamento. Com isto, renuncia também à autoridade (ou proteção) do Lorde de Domínio (mesmo Lorde Hastur), que normalmente tranca as catenas das duas partes como uma união aceita pelo Comyn pelo status conferido.

e não habitarei em casa de nenhum homem como uma *barragana*,

Da mais prestigiosa à menos prestigiosa (salvo a prostituição) de todas estão rejeitadas. As duas cláusulas estão exatamente equilibradas na casta.

Eu juro

Eu estou preparada a me defender pela força se for atacada pela força,

Mais duas cláusulas equilibradas. O sentido é a renúncia de proteção normalmente esperada por pai ou marido, e aceitando isso, ela pode e deve aprender a sobreviver sem isso.

e que não recorrerei a nenhum homem em busca de proteção.

Renunciando a qualquer direito por proteção da família mesmo em necessidades de vida ou morte. A partir daí sua casa não é mais a casa de seu pai, mas sua Casa da Guilda.

Desde dia em diante eu juro: eu nunca mais serei conhecida de novo pelo nome de qualquer homem, seja ele pai, guardião, amante ou marido, mas apenas e exclusivamente como (nome dado) *nikhya mic* (nome da mãe).

Renunciando a qualquer identificação com casta, clã ou família de origem, tal como com família adquirida por casamento. exemplo: Margali, filha de Ysabet. Vínculo mãe-filha, a ligação biológica fundamental, está afirmada neste grau limitado.

Deste dia em diante juro:

não me darei a qualquer homem a não ser por meu próprio prazer e no meu tempo e opção.

O que está sendo renunciado são os vínculos sociais do casamento, não sexo ou até mesmo amor. Quer dizer ser dona do seu próprio corpo e o direito de usá-lo como desejar, ao invés de ser objeto do desejo de um homem.

Eu nunca ganharei meu pão como objeto de desejo de nenhum homem.

Não apenas a prostituição está sendo renunciada, mas também ao status de barragana, não ainda o tipo de entretenimento baseado em mostrar corpo e caras bonitas para homens, mas também qualquer ocupação onde a Amazona apareça, principalmente ou somente, como um objeto sexual, por exemplo, aderindo às regras de vestimentas da Terra.

Desde dia em diante eu juro: Eu não gerarei nenhuma criança para homem nenhum salvo por meu próprio prazer e no meu tempo e opção; não gerarei nenhuma criança para homem nenhum por casa ou herança, clã ou linhagem, orgulho ou posteridade;

Renunciando ao primeiro propósito de todas as formas de casamento em Darkover. Iguais as causas na próxima sessão.

Juro que somente eu determinarei a criação de qualquer criança que gerar, sem consideração pelo lugar, posição ou orgulho de qualquer homem.

Afastar seus filhos de qualquer reivindicação de família ou clã - mesmo o Comyn - pela decisão do outro. Na prática, não há limite em quem pode ser escolhido para criar a criança de uma Amazona; filhas são normalmente criadas da Casa da Guilda, filhos após a idade de cinco anos (não é a idade mais fácil para a separação!) são mandados para serem criados por quem a mãe escolher, preferivelmente deve ser feito mais cedo também.

Deste dia em diante (eu juro)
renuncio à fidelidade

Renunciando a qualquer forma de proteção daquelas mesmas instituições.

a qualquer família, clã ou casa, guardião ou suserano, presto o juramento de que

Reconhecendo até mesmo que a palavra de um Hastur não é a lei.

só devo fidelidade às leis da terra como uma cidadã livre deve fazer:

Declarando que ela não é uma fora-da-lei. Cidadã livre: como o status do homem.

ao reino, à coroa e aos Deuses.

A ordem aqui é ascendente: o sistema social, suas regras e os Quatro Deuses estão sucessivamente acima de seu próprio ser.

(Deste dia em diante eu juro)

Não apelarei a qualquer homem pelo direito de proteção, apoio ou socorro;

Normalmente uma mulher tem um apelo legal por proteção em sua família de origem ou na família de seu marido; isso é renunciado e a direção desse apelo será acertada na próxima cláusula.

deverei fidelidade apenas à minha mãe-de-juramento, às minhas irmãs na Guilda e ao meu empregador durante a duração do contrato.

A mãe-de-juramento é quem aceitou o Juramento da nova Amazona. Irmãs da Guilda significa principalmente aquelas em sua Casa da Guilda, mas também todas as outras Amazonas. A menção de seu empregador quer dizer a antiga tradição de que o contrato de trabalho é livremente combinado entre os envolvidos, seja ele escrito, verbal ou implícito, sobre as mútuas obrigações para proteger os interesses de cada um.

Juro também que todas as associadas da Guilda das Renunciantes serão para mim, cada uma e todas, como minha mãe,

minha irmã ou minha filha, nascida do mesmo sangue, e que nenhuma mulher ligada por juramento à Guilda apelará a mim em vão.

Família por escolha, mas com as mesmas obrigações que estão normalmente ligados os membros de uma família de sangue. Assume a obrigação mútua da proteção que normalmente existe entre pais e filhas ou entre marido e mulher.

Deste momento em diante, eu juro

Forma intensificada da fórmula ritual.

obedecer a todas as leis da Guilda das Renunciantes e a qualquer ordem legítima de minha mãe-de-juramento, das associadas da Guilda ou de meu líder eleito durante a duração de meu contrato.

Em paralelo à sessão anterior, direito implica deveres. A palavra chave aqui é legítima. Apenas nessas circunstâncias deverá receber ordens.

E se trair qualquer segredo da Guilda ou quebrar meu juramento, então hei de me submeter às Mães da Guilda para a disciplina que escolherem; e se eu falhar,

Falhar em cumprir a cláusula precedente, isto é, em cumprir o estatuto da Amazona.

que se vire contra mim a mão de cada mulher, que elas me abatam como a um animal e entreguem meu corpo sem sepultura

Ao contrário da execução legal. Animais normalmente não são enterrados.

à decomposição e (entreguem) minha alma à mercê da Deusa invocada aqui.

Qualquer darkovano pode entender que Avarra foi aqui invocada.

Fim

A LENDA DE DAMA BRUNA

por Marion Zimmer Bradley

Sobre "A Lenda de Dama Bruna"

Por um longo tempo eu não escrevi muito sobre as Amazonas Livres, eu escrevi sobre Bruna Leynier, que, depois da morte de seu irmão, grávida de seu filho, pegou a espada e a posição hereditária de comandante da Guarda do Comyn. Esta história é brevemente mencionada em A Torre Proibida (1977), mas anotações de antes de 1955 sobre esse assunto apareceram nos meus arquivos sobre Darkover. A seguinte versão do "mito" foi escrita para A Casa de Thendara (1983), mas foi retirada da versão final do livro como irrelevante para as crises de identidades de Magda e Jaelle. Isso apareceu em uma pequena publicação chamada Lendas de Hastur e Cassilda, como parte do enorme arquivo de lendas do povo de Darkover. Alguns fãs de Darkover têm escrito histórias sobre Dama Bruna, incluindo a de Jean Marie Verba "This One Time", a qual apareceu mais tarde neste volume. Isso me ocorreu como uma lenda do tipo que seria popular entre as mulheres da Casa da Guilda, como um protótipo da mulher independente e um modelo a seguir para as Renunciantes. Portanto estou incluindo-a aqui.

MZB

...Janetta trouxe um velho volume, com capa dura, couro avermelhado, e colocou nas mãos de Mãe Lauria.

— Bem, minhas filhas — a velha mulher disse satisfeita. — o que eu poderia ler para vocês?

— A Dama Bruna— disse Cloris. — sobre Dama Bruna Leynier, que empunhou sua espada e comandou os homens da Guarda.

— Sim, sim — disse Rafaella. — Agora temos Margali na casa, e ela deve ouvir a lenda da reputação de seu nome.

Mãe Lauria deu uma olhada para Magda por cima do pesado livro. Ela perguntou:

— Onde você conseguiu o nome dessa antiga lenda, Margali?

— Eu não sei— Magda disse. — Eu nunca ouvi a história e eu não sei se minha mãe conhece. — Ao mesmo tempo, ela refletiu, Elizabeth Lorne conhece todas as lendas e baladas das Colinas Kilghard e das Hellers.

Mãe Lauria abriu o livro e começou a ler...

Nos tempos antigos nas Colinas Kilghard, havia três nobres famílias no Domínio de Alton; por um longo tempo eles mantiveram a paz, mas de algum modo uma rivalidade de sangue surgiu entre eles. E, como é bem conhecido, quando irmãos brigam, os inimigos espreitam e então por muitos anos a rivalidade de sangue assolou entre os parentes Lanarts e Leyniers de Armida e seus parentes Lindirs; então, no reinado do rei Alaric, nos dias em que os Hasturs eram reis de Thendara, estas três famílias determinavam o que devia ser feito; então as Grandes Casas do Domínio de Alton não deveriam se extinguir. Neste tempo a cabeça do clã era Dom Kennard Leynier, um homem jovem; seu pai e avô estavam mortos, e seu bisavô era Cathal Leynier, muito velho para manter o controle do clã. Kennard era casado com Margali Lanar e depois do casamento, e o casal consumou, como era costume nas montanhas, então Domenic Lindir, que era primo de Margali (pois sua mãe era da linhagem Lindir), veio até Dom Kennard e pediu Dama Bruna Leynier, irmã de Kennard, em casamento.

— Para isso — ele disse. — nossas três casas acertarão duas alianças e nós deveremos ser amigos daqui em diante.

Pareceu que isso traria paz para o Domínio de Alton, então o casamento foi acertado perante todas as pessoas, mas quando o dia chegou, Dama Bruna Leynier disse:

— Isso não deve acontecer; eu não devo vestir braceletes com nenhum homem vivo e certamente com nenhum homem com as mãos sujas com o sangue de meus parentes.

Então Domenic Lindir deixou a casa dos Leynier muito nervoso e a aliança se quebrou novamente; eles guerrearam por mais um ano, mais violentamente do que nunca; eles lutaram até que nenhum homem adulto dos Lanarts ou Leyniers estivesse vivo, mas apenas alguns poucos garotos. E neste mesmo tempo Kennard Leynier morreu, foi enterrado no lugar sagrado em Hali e, ao lado de sua sepultura, Margali revelou que estava esperando a criança de Kennard, que nasceria então dali a meio ano.

E quando Kennard estava descansando na terra, Domenic Lindir foi novamente a Armida e disse ao velho Cathal Leynier, que havia assumido a Regência do Domínio por Margali, mesmo estando perto dos cem anos e não podendo comandar a Guarda como os Leyniers de Armida faziam naquele tempo.

— Eu assumirei Dama Bruna se ela me aceitar agora. E jurarei que seu filho mais velho será o Herdeiro do Domínio de Alton de Armida e comandará a Guarda quando chegar à maioridade, mas neste meio tempo, eu devo comandar a Guarda e ser Regente do Domínio de Alton.

Dama Bruna não olhou para Domenic, apenas para o velho Cathal e disse:

— Eu fiz um juramento de que não usaria as catenas por nenhum homem vivo; e me espanto pelo senhor, Tio, que pensa em trazer para nossa família, um homem cujas mãos estão sujas com o sangue de todos os nossos parentes e também de meu irmão Kennard.

Domenic Lindir disse, olhando para Bruna:

— Mesmo pela Regência de Alton eu não casaria com esta intrometida de língua comprida que presume poder falar entre os homens; ela deve viver e morrer virgem se depender de mim.

— Este destino eu aceitarei satisfeita. — disse Dama Bruna, jurando pelas suas mãos estendidas nos fogos de Hali.

Domenic Lindir falou:

— Já que a irmã de Kennard jurou não casar com homem algum que pudesse contestar a Regência de Alton, então eu me tomarei a viúva de Kennard como minha esposa e jurarei que, quando seu filho nascer, será adotado por mim; ele deverá comandar a Guarda quando crescer, e meu filho mais velho será o segundo a ele sempre.

— Este me parece um acordo justo. — disse o velho Cathal e fez a barganha.

Mas a mulher ficou de fora e quando Margali foi trazida perante Domenic para o casamento, ela disse:

— Você é rápido em querer casar quando Armida será seu dote, mas eu não casarei com nenhum homem cujas mãos carreguem o sangue da morte de meu marido. Você, Domenic, estenderia suas mãos nos fogos de Hali e juraria para mim que não teve envolvimento, nenhuma maldade na morte de meu marido e pai do filho que você tem tanta pressa em adotar?

Então Domenic olhou com raiva e perguntou ao velho Cathal:

— Deixará você sua casa ser comandada por estas mulheres? Pois a voz é de Margali, mas as palavras são de Dama Bruna, e eu não serei comandado pela sua vontade!

Cathal perguntou a ele:

— Então você não irá jurar que não teve parte na morte de meu bisneto, que está livre de seu sangue?

— Eu não estou aqui para fazer juramentos forçados — disse Domenic. — mas para fazer uma oferta justa para melhorar esta terra. Eu não farei nenhum juramento por ordem de nenhuma mulher.

— Mas jurará pela minha — disse Cathal Leynier. — ou não se casará com Dama Margali, nem hoje e nenhum outro dia.

Domenic riu e puxando a barba do velho, disse:

— Você me impedirá, velho? E para você, Domna Margali, se não se casar comigo, então eu a casarei com algum dos meus homens; e por você ter recusado deixar o filho de Kennard ser meu,

ele ficará de lado e meu filho mais velho deverá comandar a Guarda em seu lugar.

— Isto nunca irá acontecer — Cathal Leynier disse. — pois o filho de Kennard comandará a Guarda e herdará Alton do ventre de sua mãe.

Então Domenic Lindir riu e puxou de novo a barba do velho, cuspiu em seu rosto e atirou-o no chão, dizendo:

— Como manterá o Domínio para ele, seu velho grisalho? Ele me desafiará de dentro do útero de sua mãe, ou uma dessas mulheres desregradas o fará por você?

Ele riu e foi embora. Então, quando ele já tinha ido, Margali e Bruna levantaram Cathal e limparam seu rosto, secando suas lágrimas e confortando-o, dizendo:

— Bisavô, nós nos vingaremos desse homem.

— E como farão isso, sendo duas mulheres e uma está pesada com criança? Vocês deixarão, as duas, que o comando do Domínio de Alton passe para as mãos dos Lindir? Eu imploro, Margali, reconcilie-se com Domenic e case-se com ele, pelo bem do Domínio e pelo bem do filho de Kennard.

— Pelo bem do filho de Kennard, — disse Margali. — Não me casarei com nenhum homem que tenha cuspidos nos grisalhos cabelos de seu respeitável bisavô.

— Isso não é honra em um túmulo — disse Cathal. — eu devo repousar em breve. Eu apenas imploro que vocês, vocês mulheres, que de algum modo façam com que o filho de Kennard não esteja lá repousando ao meu lado! E não há ninguém para comandar a Guarda até ele alcançar a maioridade.

— Não diga que não há ninguém para comandar a Guarda — disse Bruna. — pois eu mesma empunharei a espada e comandarei; ficarei no lugar de meu irmão até que o filho de Kennard que Margali carrega se torne adulto. E quando este dia chegar, eu entregarei o comando da Guarda a ele e ele deverá pegar a espada de seu pai de minhas mãos e de ninguém mais.

E Cathal Leynier disse, lamentando:

— Que assim seja, Bruna, pois você é forte e corajosa como qualquer homem de seu clã.

E com suas próprias mãos ele guardou, na cintura dela, a espada de Kennard.

— Agora — ele disse — só resta dar Margali em casamento a algum parente que possa protegê-la e a seu filho, e desde que não seja Domenic Lindir, nós devemos encontrar alguém, e rápido, não podendo atrasar em escolher, pois até que Margali esteja casada, ficará a mercê de Domenic, sem nenhum marido para protegê-la.

Margali olhou para Bruna, que usava a espada de seu marido e se jogou em seus braços, chorando e disse:

— Poupe-me deste destino, minha irmã, você que é Regente de Alton e tem o direito de dizer sim e não aos casamentos dentro deste clã!

— Eu gostaria — Bruna disse. — mas você é jovem e um dia virá, pois agora você ainda está lamentando a morte de Kennard, e você desejará o amor novamente, ou um marido; e então conspirará com ele para tirar o Domínio de minhas mãos.

— Isso nunca irá acontecer — disse Margali. — e eu juro a você, que nenhum homem vivo quebrará nossos juramentos.

— Então é isso? Então deixe ser como queira.

Bruna disse isso e juntas rumaram para Hali antes que ninguém pudesse impedi-las, e lá, no lugar sagrado, ante as coisas sagradas, elas juraram juntas. Margali jurou que nunca tomaria nenhum homem como marido, salvo se ele reconhecesse Lady Bruna como sua suserana e Regente de seu Domínio.

— Pelo que eu bem sei — ela disse. — nenhum homem vivo faria esse juramento. Se eu jurar não tomar nenhum marido de qualquer jeito, este poderia ser comparado a um juramento de uma viúva em desgraça; mas se eu jurar não tomar nenhum marido salvo pelas minhas condições, então será um juramento leal, e hei de mantê-lo até a morte.

E ela jurou. E na sua vez, Bruna jurou que manteria Margali sob sua proteção nos termos do casamento livre, e jurou criar o filho de Margali como Herdeiro de Alton.

Mas quando se tornou conhecido que Dama Bruna tomou Margali pelo juramento do casamento livre, todos os Hasturs de Thendara disseram:

— Isso é um escândalo, que duas mulheres jurem uma para outra como se estivessem casadas; devemos ser comandados por mulheres que não sejam controladas pelos seus maridos? Pois se permitirmos esse juramento, que mulheres irão querer casar?

Então chamaram as mulheres até Hastur em Thendara e pediram por seu julgamento.

Dama Bruna disse:

— Eu sou Regente de Alton, e estou acima do controle da lei. E por você, Margali, você deseja se ver livre de seu juramento?

— Eu a livrarei ela queira ou não — disse Domenic Lindir. — Ela recusou-se a casar comigo, mas digo que apenas uma louca faria tal juramento com outra mulher. E assim, o juramento de uma louca não tem valor aqui.

— Tem para mim — disse Margali. — não precisa de nenhuma loucura para recusar o casamento que me propôs. Quem senão uma louca casaria com o assassino de seu marido?

Com isto Domenic se enervou e a teria golpeado, se Bruna, com a espada de Kennard, não tivesse ficado entre eles e dissesse:

— Sou a Regente de Alton; se você tiver que duelar com uma Alton, deverá duelar comigo.

— Eu não duelo com mulheres, loucas ou sãs — disse Domenic. — se há um homem do Domínio de Alton para agir como Regente, eu disputarei com ele, não com você.

— Eu não sou um homem — disse Bruna. — mas sou uma Alton, e se devo provar ser um homem melhor do que o assassino de meu irmão, eu provarei.

E ela empunhou sua espada, chamou Domenic para um duelo naquele lugar e eles lutaram, e num curto tempo, ela o matou rapidamente. E então ela fez com que seus irmãos jurassem manter a paz, no que eles fizeram, dizendo:

— Esta mulher é tão boa espadachim quanto qualquer homem.

E daquele dia em diante, os Lindirs se tornaram pacíficos e servis a Alton.

E todos os Hasturs decidiram que Dama Bruna tinha ganhado o direito do comando da Guarda, de reinar como Regente de Alton e a criar o filho de Kennard.

— *E quanto a estas mulheres? — eles perguntaram. — Não está dentro da lei que uma mulher pode tomar outra em casamento.*

— *Por que não? — perguntou Dama Bruna — Pelo que é um casamento... mas eu posso guardá-la com minha espada, cuidar de seu bem-estar e protegê-la contra qualquer outro casamento que possam obrigá-la por razões políticas ou questões de família e linhagem. Eu não posso lhe dar crianças, mas ela já carrega o filho de Kennard e quem sabe se uma ou outra de nós pode algum dia querer gerar uma criança com sangue Alton para o Domínio? Eu pergunto agora, na frente dos Hasturs e dos Deuses; você deseja se ver livre do seu juramento, minha irmã?*

— *Não — disse Margali. — Ninguém além de você, minha irmã, poderá criar a criança de meu corpo, esta ou qualquer outra.*

Então Bruna e Margali se deram as mãos perante o Conselho em Thendara e juraram juntas que se amariam perante Cassilda e Camilla por toda a vida; dali em diante não tomariam homem algum para marido e adotariam uma criança; estenderam as mãos sobre o fogo e as retiraram sem queimá-las; então Hastur legalizou o juramento.

Daí então Dama Bruna Leynier comandou a Guarda por quinze anos, e quando o filho de Margali completou a maioridade, ela lhe entregou a espada de Kennard, mas foi Regente e Conselheira de Alton por toda sua vida. E quando o filho de Kennard estava com vinte e cinco anos, Bruna morreu em batalha contra habitantes das Cidades Secas; Margali ficou sozinha em Armida, lamentou sua irmã ao longo da vida, sem se casar, e era uma velha mulher quando morreu. E todas essas coisas se passaram no reinado de Gabriel Segundo, quando os reis Hastur habitavam em Elhalyn.

Mãe Lauria fechou o livro. Ela perguntou:

— *Gostou da lenda de seu nome, Margali?*

Magda foi tocada pela história; ela pensou como ela derrubou os bandidos que tinham ameaçado Jaelle. Ela perguntou:

— *Essa é uma história verdadeira ou apenas uma lenda?*

— *Eu não sei. — disse Mãe Lauria. — mas é verdade que no reinado de Alaric, que foi sucedido por seu filho Gabriel Segundo, houve uma Dama Bruna que comandou a Guarda depois que seu*

irmão morreu; e que ela derrubou três homens que a desafiaram para uma luta. E é verdade que os Hasturs permitiram que ela tivesse a esposa de seu irmão sob sua proteção até que seu filho se tornasse adulto; então nenhum outro casamento pôde ser forçado à mulher. Se foi como a história disse entre Bruna e Margali, ninguém pode dizer; elas devem estar mortas há tanto tempo que até seus ossos viraram cinza, e o que elas fizeram nas suas vidas não é nada mais do que crenças e lendas antigas. Eu gosto de pensar que esse amor não é mais um contado em histórias, mas será sempre conhecido até o fim dos tempos e começo da Eternidade, e que então nada mais importará.

Fim

ARRANQUE SUAS CORRENTES

por Margaret Silvestri

Sobre Margaret Silvestri e "Arranque suas Correntes"

Desde o começo os dois extremos na sociedade de Darkover tem sido as Amazonas Livres e as mulheres das Cidades Secas, literalmente acorrentadas como "propriedades" de seus maridos. Há tempos que temos várias histórias escritas sobre este tema - mulheres das Cidades Secas x Amazonas - que tem sido as mais populares e foram incluídas em Contos das Amazonas Livres.

Margaret Silvestri é uma enfermeira formada, divorciada com uma filha pequena; seu principal envolvimento com a ficção científica foi com a Spellbinders, uma organização local que faz convenções de caridade através da ficção científica. Ela é também uma cantora popular e escreve músicas "quando a inspiração bate, que nunca é tão frequente quanto eu gostaria."

MZB

— Eu quero ver o deserto.

O pedido pareceu peculiar na Casa da Guilda, mas então ela ouvira falar que todas essas *terranan* eram peculiares. Assim mesmo estranhou a idéia; a mulher tinha a autorização oficial de ambos os governos, terráqueo e darkovano, e sua generosa remuneração monetária parou com qualquer pergunta a mais. Mas antes da longa jornada a cavalo pelas montanhas e dois dias no deserto, as perguntas inquietantes voltaram.

Gilda n'ha Camilla deu uma breve olhada na mulher terráquea. Ela tinha vestido a roupa de uma Amazona Livre para esconder sua identidade, mas seus trejeitos trairiam seu disfarce. Com sorte, elas não encontrariam ninguém próximo o suficiente das Amazonas Livres para perceber a diferença, pois os terráqueos não eram bem quistos pelo povo da montanha. Gilda repensou o pouco que sabia sobre sua empregadora. Seu nome era Marissa Del Gado. Mesmo sendo terráquea, ela se passava facilmente por uma darkovana com sua cor escura. Como muitas pessoas do espaço-porto nunca aprenderam a linguagem, ela se surpreendeu, pois Marissa falava fluentemente o *cahuenga* e um pouco de *casta*. Evidentemente ela tinha algum interesse pelo mundo que estava morando temporariamente.

Marissa não havia falado muito, mas agora ela parecia mais ainda introspectiva.

Seus olhos constantemente procuravam a terráquea sem graça até que as suspeitas de Gilda se concretizaram. Quando montaram acampamento, Gilda determinou obter algumas respostas antes de seguir em frente.

Enquanto a Amazona armava a barraca, Marissa retirou a sela dos cavalos, enxugando-os enquanto bebiam do pequeno lago insalubre. Ela assistiu fascinada enquanto a Amazona suavemente armava o acampamento com um mínimo de esforço. Ela escolheu bem ao escolhê-la para sua guia. Com os cavalos cuidados e amarrados, ela pegou um pouco de água para si mesma. Estava morna e tinha gosto de sal, mas era água e a única que encontrariam.

Dentro da tenda, Marissa se despiu até a cintura, limpando seu corpo sujo e suado com uma roupa molhada. Mesmo tendo feito pouca diferença com a limpeza, a morna umidade reavivara seu espírito. Quando a Amazona entrou na tenda, Marissa inconscientemente cobriu seus pequenos seios, mas como Gilda ignorou, rapidamente terminou, pondo uma túnica limpa. *Então tabus com o nu diferem aqui também.* Ela nunca seria capaz de entender essa cultura.

— Você quer continuar entrando no deserto?

A pergunta despertou Marissa e ela olhou para os penetrantes olhos cinzas.

— Sim... Por que pergunta?

— Você disse que queria ver o deserto. Temos visto dois dias disso até agora. O deserto muda pouco. Se a razão desta jornada for verdadeira, eu não vejo razão para continuar.

— O que a faz pensar que eu tenho outro motivo?

— Você olha o horizonte como se estivesse procurando algo. Você quer continuar quando não tem necessidade. — a Amazona encarou-a duramente. — Se devo continuar, devo saber o por que.

Marissa analisou gravemente a situação, nervosamente batendo na adaga presa em sua cintura. Ela não poderia arriscar perder a guia.

— Está bem, eu revelarei a você. Estou procurando por minha irmã, Teri. Ela estava fazendo pesquisa sociológica em um pequeno vilarejo nas Cidades Secas e eu perdi contato. Teri sempre manda anotações para mim em suas cartas... Há dois meses ela parou. Desde então eu não soube mais nada e estou preocupada.

— Dois meses não é tanto tempo, considerando a área. Caravanas são irregulares... e há também bandidos, ataques... Certamente você não está fazendo esta longa viagem só por isso. — Gilda se manteve imóvel.

— Não, eu não me preocupei até os sonhos começarem. Sonhos com minha irmã em perigo... Eu não poderia dizer o que estava errado, apenas que ela precisava de ajuda. Depois que eu cheguei na Casa da Guilda eles pioraram... Ela estava morrendo.

Isso provavelmente soa um pouco insano, mas eu sei que ela está em perigo.

— Você é uma *leronis*?

Marissa estranhou quando sua mente traduziu *leronis* como feiticeira. Esta palavra era realmente cheia de superstição; agora a Amazona pensava que ela era uma bruxa. Ela não podia explicar muito bem o conceito de premonição e percepção extra-sensorial para alguém que acreditava em bruxas.

— Não, mas ela não é apenas minha irmã... Nós somos gêmeas, e às vezes posso sentir seus pensamentos.

A Amazona concordou com a cabeça, mas Marissa duvidou que ela realmente tivesse entendido. Mas não importava; o que importava era sua missão.

— Você continuará a me guiar?

— Por que não?

— Eu menti pra você. Eu não te culparia se fosse embora imediatamente.

Agora era a vez de Gilda se espantar com a estranheza da terráquea. Poderia realmente uma terráquea deixar outra perdida no deserto? Mesmo assim, Hastur estava certo em limitar a influência do Império em Darkover.

— Teria sido melhor se você tivesse sido sincera, mas eu concordo em guiá-la. Mesmo que eu quisesse romper nosso acordo, eu não poderia. Isso traria um grande problema à Casa da Guilda se eu deixasse uma doida *terranan* sozinha no deserto.

Marissa silenciosamente aceitou o adjetivo. Ela provavelmente deve ter parecido louca à mulher darkovana, com seu assunto sobre sonhos, mas enquanto Gilda continuasse como sua guia, faria tudo que ela desejasse. Aparentemente a Amazona considerou encerrada a discussão; ela entrou em outro assunto.

— A partir daqui, viajaremos a noite e dormiremos durante o calor do dia. Em qual direção viajaremos?

Marissa não sabia ao certo.

— O mesmo caminho. Eu não tenho certeza onde... apenas que estamos chegando perto.

As duas mulheres viajaram pelo deserto, cavalgando à luz do luar, sua única direção uma linha intangível de emoção. Elas não viram nada além de areia, arbustos de especiarias e algum réptil ocasional. Marissa estava segura aos olhares ilícitos da Amazona, pois Gilda agora acreditava realmente ser ela uma louca.

Talvez fosse sorte ou algum incompreensível sentimento interior as guiando, pois no quarto dia avistaram uma pequena vila. Vinte ou trinta casas circundadas por um aglomerado de paredes, e canteiros de folhagens sombreadas marcavam cuidadosamente jardins cobertos. Enquanto as duas mulheres cavalgavam para dentro da praça, sentiram olhares curiosos sobre elas. Olharam rapidamente para o lado, Marissa percebeu olhares de algumas crianças espiando excitadamente de uma porta, mas quando ela olhou para eles, recuaram assustados. Gilda tinha desmontado ao lado do poço e Marissa rapidamente se juntou a ela, dando água aos cavalos.

A terráquea espiou em volta as ruas desertas.

— Onde está todo mundo?

— Nós somos estranhos — Gilda explicou. — Nas Cidades Secas, qualquer estranho é suspeito. Eles se mostrarão quando virem que nós somos inofensivas.

— Vejo que está certa... Aí vem alguém. — Marissa indicou um homem de barba grisalha cruzando a praça até elas.

— Boas-vindas a vocês, estranhas. Eu sou Drocar, e ofereço a hospitalidade de nossa pobre vila.

Gilda curvou-se respeitosamente para o homem mais velho.

— Nós agradecemos sua hospitalidade, e desejo retribuir sua generosidade.

— Não, não podemos aceitar. — Drocar disse reservadamente.

A Amazona insistiu polidamente. Após poucos minutos de polida discussão, o velho aldeão aceitou as moedas, como Gilda sabia que faria.

— Sua generosidade é apreciada. Agora diga como podemos servir-te, *domna*?

Gilda silenciou, deixando Marissa falar.

— Estamos procurando por minha irmã, Teresa. Pensei que ela poderia estar aqui. Ela é pequena e de cabelos pretos.

— Sim, sim... a Dama Teresa. Ela está hospedada na casa de Arturin. Por favor, venham. — o homem mais velho caminhou num ritmo que permitia sua aparência curvada.

Marissa o seguiu rapidamente para uma grande casa de tijolos de barro fora da praça. Drocar falou apressado com uma mulher rechonchuda num dialeto estranho. Seguindo-os para dentro, Marissa teve pouco tempo para observar o ambiente, mas o que ela viu era simples, quase austero. Eles passaram através de vários quartos e salas até a empregada bater gentilmente em uma porta. Ela deve ter recebido alguma resposta, pois conduziu Marissa para dentro, indo embora com Drocar.

Uma pequena figura vestida de branco descansava apoiada em travesseiros, bem pequena perto da enorme cama que dominava o quarto. Longos cabelos castanho-escuros caíam sobre seus ombros estreitos. Mesmo antes de ver o rosto, Marissa sabia que havia achado sua irmã.

— Teri...

— Mari? — a voz perguntava enquanto a garota virava incrédula na direção do som. Alguns hematomas davam uma coloração acinzentada em suas bochechas e testa. — É realmente você, Marissa? Não estou sonhando?

— Não é um sonho, Teri... mas um sonho me trouxe aqui. — Marisa descreveu sua jornada.

Gilda havia entrado discretamente, mas Marissa notou a presença da Amazona e virou em sua direção.

— Esta é minha irmã, Teresa... Gilda foi minha guia. Sem ela, eu nunca poderia ter vindo.

A Amazona agradeceu a apresentação.

— Nos ofereceram quartos aqui. Os cavalos já estão no estábulo.

Marissa concordou pensativa.

— Agora me diga o que aconteceu com você, Teri. Os sonhos me mostraram apenas que estava em perigo.

— O vilarejo em que eu estava foi invadido por bandidos das Cidades Secas. Eu percebi que era uma ocorrência razoavelmente comum. Fui capturada na invasão junto com várias outras jovens mulheres. Fomos levadas à Punjar para sermos escravas. Então fui vendida a um bandido chamado Ulric... como uma concubina.

Marissa mordeu os lábios.

— Você foi violentada?

A pálida jovem deu uma curta risada amarga antes de replicar:

— Eu não consegui esses hematomas por estar cheia de amor.

— Eu não permitiria que nenhum imundo me violentasse. — a voz da Amazona era zombeteira.

Os olhos escuros de Teresa se prenderam nos de Gilda.

— Eu tinha poucas chances nessa situação.

— Você não tinha nenhuma adaga?

— Foi tirada de mim.

A Amazona falou agora cheia de desprezo.

— Eu teria usada a lâmina contra mim mesma antes de permitir que o verme tocasse em mim.

— Teria, Amazona? Então ainda bem que eu não sou você. Porque eu deveria ser punida pelo crime de um bandido das Cidades Secas? — a terráquea foi inflexível. — Que proveito haveria na minha morte? Minha perda nada significaria para Ulric, exceto a pequena inconveniência em comprar uma nova escrava. Esperando, eu tramei minha fuga e agora tenho uma vida inteira para tramar vingança.

— Este é o jeito terráqueo?

— Não sei. Este é o meu jeito.

Marissa se recuperou do choque e estava mais preocupada com a fuga de Teresa do que com a discussão filosófica.

— Mas como você escapou?

— Punjar não é tão bem guardada quanto muitas cidades. Quando houve chance, eu corri com toda vontade de escapar por dentro do deserto. — Teresa pausou refletindo. — O deserto foi mais meu inimigo do que os habitantes das Cidades Secas. Não houve procura, nem necessidade de caçadores. O sol fazia seu trabalho. Eu teria morrido no deserto se não fosse por esses

aldeões. Alguns dos seus homens me acharam no deserto e me trouxeram aqui. A esposa de Arturin, Alana, me trouxe de volta a saúde.

— Você está bem o suficiente para viajar?

— Sim. Alana é bem precavida.

— Bom. Então devemos voltar imediatamente para Thendara. Farei os preparativos.

— Não! — a ordem abrupta deixou Marissa em confuso silêncio. — Eu não voltarei para o espaçoporto. Eu pertenço a este lugar.

— Aqui? Depois do que aconteceu você quer ficar aqui pra correr todo o risco de novo? Por quê? — Marissa perguntou com raiva.

— Porque alguém tem que ajudar aquelas mulheres, e eu desenvolvi um plano para ajudá-las a escapar.

— Escapar! Aquelas mulheres não desejam escapar. Elas gostam de sua prisão. — Gilda zombou com desprezo. — Duvido que elas partissem, mesmo se você deixasse os portões bem abertos e as forçasse para fora!

— Talvez você tenha razão sobre a maioria delas, mas há aquelas que foram capturadas como eu fui; arrancadas de suas casas e famílias. Elas não tiveram escolha. Eu planejo dar a elas a escolha.

— Mas como? As cidades são guardadas.

— Muitas das cidades cresceram desatentas em sua luxúria, deve ser fácil entrar e sair. — os olhos de Teresa brilharam pensando na idéia. — Meu plano é resgatar aquelas que querem sua liberdade... ajudar uma ou duas de cada vez... para não causar alarme... e sumir com elas rapidamente das Cidades Secas.

— Como a antiga estrada subterrânea na Terra que ajudou os negros escravos a escapar. — Marissa entendeu a idéia, mas ela ainda desconfiava.

— Exatamente. Por enquanto, esta será minha vingança para Ulric... eu devolverei a vida às mulheres de seu reino de escravidão.

Marissa viu o profundo comprometimento nos olhos de sua irmã, mas a idéia a assustava.

— Mas é tão perigoso. Por que você deve fazer isso? Se aquelas mulheres quisessem escapar, elas escapariam. Você fez, e este nem é seu mundo! Elas nasceram para isso. Por que não podem escapar sozinhas?

— Escapar para onde? Para o sol escaldante do deserto? Eu só o fiz por ignorância! — Teresa se enfureceu. — Eu quase morri. Se elas escaparem, elas só podem esperar sol, areia e sede... e se elas tiverem tanta sorte e chegar em alguma outra cidade, o que elas podem esperar, senão mais correntes e talvez outro mestre pior que o último?

Marissa respondeu as palavras cheias de raiva com sua própria pergunta:

— Mas porque você? Porque você deve arriscar sua vida por elas?

Teresa jogou suas pernas pra fora da cama, erguendo o volumoso vestido para que pudesse andar. Abrindo um baú de madeira rústica, ela separou cuidadosamente roupas dobradas, colocando em uma mala com fecho. Ela pegou seu vestido de noite e dispensou-o. Marissa estava surpresa pelo quão magra sua gêmea estava.

— O quê está fazendo?

— Você me perguntou o porquê. Eu estou indo mostrar o porquê. — Teresa terminou vestindo suas roupas de montaria. — Isso significará uma viagem de dois dias de cavalgada... para Punjar.

— Você quer entrar nas Cidades Secas? — Gilda perguntou severamente. — Eu não irei para lá.

— Então fique, Amazona. Eu sei o caminho. E não preciso provar nada a você. — a voz de Teresa era hostil e nada amigável; meramente uma afirmação.

Gilda avaliou a terráquea com o olhar.

— Eu irei com você, até os arredores da cidade. Lá irei esperar. Amazonas não são bem recebidas nas Cidades Secas.

— Ótimo. Prepare os cavalos. As luas providenciarão boa claridade esta noite. Informarei Dama Alana de nossa decisão. — Teresa saiu para providenciar as outras preparações para a jornada.

Os cavalos estavam com pouco fardo; a viagem até Punjar não era longa e viajar sem muito peso providenciaria uma medida extra de segurança.

Não viram nada alarmante, mas enquanto se aproximavam de Punjar, a apreensão tomou conta de todas e elas viajaram em silêncio. Na segunda noite, a cidade surgiu à frente e Gilda escolheu um lugar para o acampamento na sombra de uma pedra. Ela repassou um pouco de carne seca e pão; nenhum fogo poderia ser aceso tão perto da cidade.

— Agora que estamos aqui, o que você planeja? — o jeito de Marissa sugeriu que ela estava gracejando com o capricho da irmã.

Teresa respondeu suavemente:

— Mostrarei a você por que estou arriscando minha vida. Aqui, coloque isto. — ela passou umas roupas dobradas para as mãos de Marissa.

Abrindo as vestes, Marissa ficou confusa pelo comprimento das correntes douradas presas a dois enormes braceletes.

— O que é isto?

— O símbolo de uma mulher dominada. Você não duraria muito em Punjar sem isto. Ponha assim. — Teresa demonstrou com um idêntico conjunto de correntes. — Nós entraremos na cidade enquanto estiver escuro, então nos infiltraremos entre as mulheres. Elas constantemente mudam, então duas novas caras não serão notadas na escuridão. Então responderei a sua pergunta sobre o porquê.

Gilda retornou dos cavalos, olhando as correntes com indisfarçável repulsa.

— Vocês devem ir agora. Estará claro em breve.

Teresa concordou, mas deu uma última ordem.

— Se não retornarmos até o anoitecer, volte para sua casa... e que Deus vá com você.

Punjar era uma cidade esparramada, circulada por sólidas paredes, mas o rápido crescimento empurrou as construções para fora das muralhas. Foi aí que as duas mulheres se aproximaram, deslizando cuidadosamente pelas sombras, suas correntes presas firmemente, fazendo barulho denunciando sua trama. Antes de

estarem seguras dentro do círculo de casas, Teresa pediu silêncio; então se aproximou de alguns jarros de barro perto de uma casa.

— Jarros de água... nosso passe para dentro das muralhas. — escolhendo um, Teresa continuou com o jarro jeitosamente chacoalhando contra sua cintura.

Marissa rapidamente imitou os gestos de sua gêmea, mas era uma imitação fraca.

— Teri, e se você for reconhecida?

— Eu tomei precauções. — Teri colocou um fino véu abaixo da metade de seu rosto e enrolou em volta de sua garganta. — Muitas mulheres andam veladas.

Localizando algumas mulheres, Teresa rapidamente apertou seu passo para se juntar a elas enquanto passavam pelo portão da cidade. Os guardas olharam de seus postos, mas não se mexeram.

Chegando perto de sua irmã, Teresa sussurrou asperamente:

— Observe cuidadosamente a função das mulheres nas Cidades Secas.

Marissa seguiu próximo a ela através das ruas imundas. O som metálico das correntes crescia, enquanto mais mulheres se juntavam na procissão até os poços. Os olhos escuros de Marissa estudavam-nas com precaução, se alarmando em surpresa ao ver duas garotas muito jovens apressadas, acorrentadas como suas companheiras mais velhas.

— Mas aquelas garotas? São apenas crianças.

— Doze... velhas o suficiente para serem acorrentadas e desposadas. — Teresa acrescentou.

Esperando sua vez de ir ao poço, Marissa esfregava suas argolas douradas nervosamente. Os braceletes apertavam seus pulsos e Marissa sentia-se desconfortável usando-as, até que percebeu que não estavam trancadas, podendo removê-las a qualquer hora. Sentindo olhos fixos sobre ela, ela virou devagar sua cabeça e percebeu a causa próxima. Mendigos de roupa suja estavam parados nas sombras das construções, seus olhares descaradamente cheios de desejo. Marissa estremeceu, incomodada e enjoada com os olhares, seu corpo arrepiado como se insetos rastejassem por toda sua pele. Uma forte vergonha se apossou dela;

acorrentada como um animal e parada na rua para o prazer devasso de vermes imundos. Rapidamente observou os rostos das mulheres em volta dela, se perguntando como podiam agüentar tal humilhação.

— Venha! — o comando de Teri arrancou-a de seus pensamentos e obedientemente ela seguiu, tentando chacoalhar o pesado jarro cheio de água.

Passando por várias vielas, Teresa finalmente parou, largando seu fardo. Marissa imitou o gesto, agradecida; seu braço estava dormente e sua cintura dolorida por causa do peso.

— Que foi agora? Vamos embora?

Teri balançou a cabeça.

— Você não viu nada! A caravana chegou ontem, então haverá uma multidão no mercado. Ali você poderá se misturar com as favoritas escolhidas pelo mestre.

— Não podemos ir embora agora? — Marissa implorou. Estava odiando essa simulação.

— O que está errado? O papel de uma concubina das Cidades Secas não atrai você? — Teri perguntou com sarcasmo. — Você precisa ver mais.

O mercado era apenas uma área aberta por entre a fila de casas aonde mercadores viajantes montavam seus estandes e tendas. Comerciantes de olhos pequenos e brilhantes gritavam alto, anunciando as mercadorias e, em outros estandes, mercadores ficavam preguiçosamente entre seus produtos, sua aparência sonolenta confundindo as mentes de espertos mercadores. Enquanto as irmãs passavam por entre os mercadores, Marissa observava outras mulheres visitando os estandes. Elas estavam bem vestidas, seus corpos limpos e perfumados, e riam excitadamente pelo mercado como qualquer outra mulher.

— Veja você o melhor que uma mulher das Cidades Secas pode esperar.

Marissa olhou novamente. Isto era o melhor? As mulheres deslizavam, suas correntes tilintando; elas pareciam felizes, mas a lembrava um animal de estimação de um homem rico: perfumadas e

arrumadas, seguras em suas correias, para serem mimadas ou destruídas pela vontade de seu mestre.

— Tarisa... — a estranha pronúncia, falado de tão perto, assustou Marissa e sua cabeça girou para ver uma garota de pele bronzeada com brilhantes cabelos pretos e grandes olhos azuis.

Teri obviamente reconheceu a garota; sua mão pressionou o braço da garota, sinalizando precaução.

— Elys... ande conosco.

Ao lado de sua irmã, Teri explicou:

— Elys é da vila em que eu vivi. Foi capturada comigo.

— Tarisa... eu ouvi que você escapou daqui... sinto muito não ser verdade.

Teresa olhou rapidamente para os lados, mas não havia ninguém perto o suficiente para ouvir.

— Eu escapei, Elys.

Os grandes olhos se arregalaram em horror:

— Você foi recapturada?

— Não. Eu ainda estou livre. Eu voltei hoje por vontade própria, antes do sol nascer, e partirei ao anoitecer.

— Partir? Como? E porque você voltou?

Teri teve que silenciar as questões empolgadas da garota por medo de atrair atenção indesejada.

— Eu quero ajudar outras a escapar. Como você está, Elys?

A garota olhava para o lixo, cutucando-o com um pé, mordendo seu lábio inferior em euforia.

— Fui vendida à Casa de Kantol.

A respiração ofegante e olhar injetado na face de sua gêmea trouxe dúvidas à mente de Marissa; ela levantou seus olhos castanhos em quieta inquisição.

A resposta foi brusca:

— Ulric é considerado um príncipe, em comparação a Kantol. Dizem que tem o coração de um *banshee*.

— Ele a machuca muito?

Elys parecia envergonhada enquanto falava em voz baixa:

— Eu me conformei com meu destino... Eu aprendi a cooperar e então ganhei algumas liberdades. É melhor que as pancadas.

Teri tocou gentilmente o ombro da garota, sua voz cheia de compaixão:

— Eu entendo sua decisão. Eu também... cooperei... para conquistar um pouco de liberdade.

— Mas você usou sua pequena liberdade para conquistá-la inteira. — a voz de Elys estava apavorada, quando um brilho de esperança a tocou. — Você está fugindo esta noite? Vocês duas? — as palavras saíam aos solavancos. — Me leve com vocês! Por favor, me leve, eu posso viajar rápido. Se você não me ajudar, então me mate! Eu não posso mais suportar, sabendo que a liberdade está ao meu alcance!

A garota estava perto da histeria e Teresa rapidamente puxou-a pra longe da passagem, tentando acalmá-la.

— Nós a levaremos... me ouviu? Mas temos que ir esta noite. Você estará ocupada? — Teri foi direto à raiz do problema.

— Eu ganhei um dia livre para ver a caravana. Kantol não perguntará por mim, então não estarei ocupada... ao menos não até a noite.

— Até lá, estaremos à milhas de distância. — na sua própria mente, Teri completou a frase. *Se tivermos muita sorte.*

Fora da cidade, Gilda esperava e observava o sol. Estava baixo no horizonte agora e a sombra do crepúsculo a deixava preocupada. Ela não gostava de estar tão próxima às Cidades Secas. Nervosamente, ela se arrastou até o canto da rocha, seus olhos procurando por sinais das *Terranan*. Elas bancariam as tolas, numa situação que seria melhor morrerem acorrentadas em um bordel das Cidades Secas. O luar logo apareceria, mas Gilda não gostava da idéia de deixar as terráqueas para trás. Com certeza isso causaria problemas na Casa da Guilda.

Nem mesmo o movimento de um grão de areia escapava dos ouvidos da Amazona esta noite e embora as três mulheres pensassem no silêncio da fuga, Gilda estava a postos quando elas apareceram de trás da rocha. À mira da Amazona, a arma apontada assustou Elys, mas ela rapidamente se ajustou à nova agitação. As mulheres terráqueas já estavam vestidas nas roupas de montaria.

Teresa guardou suas correntes dentro do alforje e assistiu num silêncio divertido enquanto Marissa arrancava os braceletes de seus próprios pulsos e os atirava com raiva no chão. Ela convenceria Mari; uma parte da batalha já estava ganha.

— Pegue as correntes. Nós precisaremos delas na próxima vez; eu repetirei a façanha. — a voz de Teri não era de reprimenda. Ela entendia a repugnância de Marissa.

Durante a conversa, Elys e a Amazona ficaram paradas, como se plantadas no lugar, silenciosamente fitando uma à outra. Finalmente Gilda caminhou até os cavalos, arrumando os fardos.

— Os cavalos estão prontos. Quem é ela? — o olhar de Gilda era de crítica. Esta jornada foi cuidadosamente planejada para minimizar os riscos, e agora a *Terranan* colocava todas em perigo pegando estranhas nas Cidades Secas.

— Nossa primeira fuga. Ela montará o animal de carga. Vamos dar o fora daqui. — Teresa se encaminhava para a montanha, subindo vagarosamente pra longe da cidade.

Gilda tomou a frente, guiando-as com a segurança da prática ou instinto; Marissa não sabia como, mas já havia visto a Amazona em ação antes, o suficiente para respeitar as direções da guia enquanto viajavam pelo deserto abandonado. Elas cavalgaram em silêncio, ansiosas apenas em aumentar a distância entre elas e Punjar. Apenas algumas horas depois diminuíram o ritmo. Mesmo assim, continuaram com cuidado, olhando apreensivas sobre seus ombros, alertas a qualquer sinal de perseguição.

Quanto o sol apareceu vermelho e sangrento sobre as areias do deserto, Gilda ordenou uma pausa. Alguns arbustos de especiarias por perto providenciavam a única sombra e a Amazona avisou que deveriam descansar ali durante o calor do dia. O cheiro picante de tempero se espalhava em todo ar que elas respiravam. Tendo amarrado os cavalos, Gilda distribuiu as rações, mas seus olhos sempre paravam sobre Elys. Teresa parou diante da garota, pacientemente mexendo nos braceletes até abrir as trancas, e as correntes caíram no chão.

Marissa assistiu, em silêncio, enquanto a garota esfregava os pulsos, esticando os braços, maravilhando-se com sua nova

luminosidade. Ela odiou perturbar o tocante momento enquanto Elys realizava sua volta à liberdade, mas um repentino pensamento lhe ocorreu.

— Teri... o que acontecerá com Elys agora?

— Eu... eu ainda não pensei nisso. Essa é uma decisão um pouco repentina... a única coisa em que eu ainda não tinha pensado... o que fazer com as mulheres que escapassem. — Teresa olhou, distraída, para Elys.

— Ela poderia voltar para sua família? — Marissa perguntou. Esta parecia a solução mais lógica.

— Eu não tenho família. — Elys não tirava os olhos do chão. — E se tivesse, não poderia voltar... não depois da minha desgraça. Eu envergonharia a todos. Seria melhor morrer como escrava.

— Não. — Teresa disse firmemente. Ela não podia deixar Elys para trás agora, não depois de sentir o gostinho da liberdade. — Deve haver algum lugar que você possa ir, onde seu passado não importasse... onde você pudesse recomeçar sua vida.

Um silêncio dolorido seguiu a frase de Teri; o único som foi o da Amazona voltando depois de checar os cavalos. De repente uma pequena esperança apareceu no rosto de Elys enquanto esta observava Gilda sentar.

— Eu ouvi falar das Amazonas Livres, que andam livremente por entre os homens... que ganham seu próprio pão. Me leve com você para as Amazonas!

— Você? — Gilda olhou para a garota, em dúvida. — Você pensa em se tornar uma Renunciante? À primeira dificuldade você quebraria seu voto implorando a ajuda de algum homem.

— Não! — negou Elys bruscamente — Eu tenho pedido por ajuda de algum homem aqui? Não foram essas mulheres que me resgataram da servidão? Eu não tenho família para recorrer. Tenho ganhado meu pão desde a minha infância como serviçal e não me assusto com trabalho pesado. Você me mandaria de volta à escravidão? Então me coloque as correntes você mesma! — ela jogou as correntes aos pés da Amazona. — Quem é você que valoriza tanto a liberdade para me negar a escolha?

Gilda sorriu aprovadoramente. Aqui certamente estava o espírito de uma Amazona.

— Eu a levarei à Casa da Guilda, mas você receberá instruções e então, se desejar, fará seus votos. Eles não são feitos para serem jurados facilmente, sem entendimento.

O olhar de intenso alívio e gratidão trouxe lágrimas aos olhos de Marissa. Teresa estava certa. Isto valia o risco.

— É isto! Esta é a resposta! — a exclamação de Teri assustou as outras, que olharam para a mulher em total excitação. — Vocês não entendem? Nós precisamos de um lugar para mandar as mulheres... um lugar onde recomeçar, onde o passado não importa. As Amazonas as aceitariam todas?

— As Amazonas aceitam qualquer mulher disposta a fazer os votos. — Gilda pensou no que a terráquea estava propondo.

Antes que Teri pudesse falar, Elys disse:

— Muitas delas fariam os votos, agradecidas pela chance de um trabalho honesto. Sem ajuda, elas não teriam outra escolha além de vender-se novamente. Se as Amazonas apenas oferecerem-nos a chance, nós trabalharemos felizes. — Elys sorria, seus olhos transbordando uma felicidade que pensava ter perdido.

Observando as três, Marissa viu o sonho crescer e tomar forma diante delas. Eram tão diferentes - terráquea, escrava liberta das Cidades Secas e Amazona - o sonho unindo-as todas. Um sonho de liberdade que ela veria se tornar realidade. Teri libertaria as mulheres de sua desprezível escravidão e as Amazonas as ajudariam a construir novas vidas dentro da restrita família da Casa da Guilda. Este seria um longo e lento processo, mas talvez os próximos passos trouxessem verdadeira liberdade para as mulheres das Cidades Secas, um tempo em que todas elas arrancariam suas correntes para sempre.

Fim

O BANSHEE

por Sherry Kramer

Sobre Serry Kramer e "O Banshee"

*Serry Kramer é uma fã local de Darkover que usa um nome de Amazona e publicou, com dois amigos que montaram a Casa da Guilda Valle d'Oro, uma revista circular das Amazonas Livres. Ela vive em um rancho ao norte de Sacramento "com um alarmante grande número de animais - vivem aqui 110 seres vivos, e apenas dois deles são humanos". Ela fez a conta de "7 cães, 3 gatos, 8 cabras, 2 cavalos, 26 galinhas, 22 patos, 2 gansos, 7 peixinhos dourados, 22 peixes tropicais, 7 ratos, 1 iguana e 1 cobra". Se isso inspirasse inveja ou espanto (eu soube de dois casos) nós ainda acharíamos um pouco incrível que "além de ensinar obediência aos cachorros, ordenhar e domesticar as cabras, montar e cuidar das necessidades de todas as outras criaturas, eu ainda ache tempo para escrever de vez em quando". Até onde sabemos não há banshees ou aves-de-carniça no rancho. "O Banshee" foi de início publicado em Contos das Amazonas Livres e apenas perdeu a inclusão no primeiro volume das histórias dos Amigos, *The Keeper's Price*; na verdade, eu pensei que tinha sido incluído, e expressei meus sentimentos à Sherry de que poderia não ser considerado para este volume, no qual parecia mesmo combinar mais. Sherry me lembrou que ele não tinha aparecido em *Keeper's Price*; eu chequei as páginas da antologia e ela estava certa. Eu evidentemente o confundi na memória com *O Resgate de Linda McKendrick*, uma das melhores histórias de Amazonas Livres no primeiro volume. Estou feliz em remediar aquela omissão e apresentar "O Banshee" aqui.*

MZB

"Se você apenas tivesse observado o inverno de seu canto aquecido, você poderia tê-lo como amante, mas não poderia conhecê-lo como uma esposa."

Aí vai então o provérbio darkovano. Após quase um ano em Darkover, eu não preciso mais observar o inverno. Eu posso ouvi-lo claro o suficiente, uivando e lamentando em volta da pedra achatada do forte. Logo que a tempestade clarear, nós devemos descer a montanha e voltar à Thendara. O inverno foi meu carcereiro. Deveria ter ido embora semanas atrás. Eu não observei o inverno e não o amei como amante ou coisa parecida. Eu já havia tido o suficiente de inverno, tanto quanto de Darkover.

Ouvi o suave arrastar das botas de Darla no chão de pedra e me virei para fitá-la.

— Como está o tempo? — perguntei. — Irá melhorar logo, não acha? — Desde que tinha a Amazona Livre como guia, aprendi a respeitar sua sensibilidade ao tempo.

— A nevasca parou — ela disse. — mas é apenas uma pausa. Quando o vento sopra assim, devemos esperar por mais. — Ela pegou uma taça de pedra da mesa e serviu uma bebida da jarra que Mhari havia trazido alguns minutos atrás. — Nós tivemos sorte de alcançar o forte. Aqui é muito mais confortável do que um abrigo de viajantes seria. E melhor estocado. Podemos esperar o fim do inverno aqui, se pudermos.

— Peça a permissão de Eduin e Mhari.

Darla me olhou, surpresa:

— Você realmente pensa que algum anfitrião deixaria seus hóspedes ir embora com esse tempo? Não seria nada menos do que um assassinato. Você julga nosso povo da montanha tão inferior?

— Não, não, claro que não. Como disse uma vez um filósofo: *"Hóspedes e peixe começam a feder depois de três dias..."*

— Um filósofo terráqueo, sem dúvida. — ela disse. — Aqui nas montanhas, a companhia é rara demais para ser desagradável.

— E está muito frio para o peixe feder — eu murmurei, com um sorriso. — Mesmo assim, tenho que voltar para a Base. Os espécimes...

— Estão todos bem. Eles aguentam o inverno; se precisassem, congelariam naquela encosta. Mas levarei você de volta à Thendara. Vivo. Como fui contratada para fazer. Mas não hoje, ou amanhã. Provavelmente não nesta semana.

— Já estou atrasada. Nós devíamos ter voltado há duas semanas atrás.

Ela esfregou suas mãos.

— Nem o Conselho do *Comyn* pode comandar o tempo.

— Outro provérbio?

— Um fato. — ela tomou um gole da taça. — Está ótimo. Já tinha experimentado?

— Algum tipo de vinho, não é? Não, nunca tomei.

Ela me serviu um pouco.

— Vinho de inverno. Fermentado de ameixas secas, depois deixado na neve para congelar. Esta é a parte que não congelou.

Tomei um gole. Era picante e suave, com um fraco gosto resinoso depois.

Darla se sentou confortavelmente perto do fogo. Quando chegara ela tinha trocado suas botas de cano alto, onde podia encaixar suas calças largas, pelas “botas de dentro de casa”, feita de pele macia, na altura dos tornozelos, deixando suas botas e manto molhados no vestíbulo.

— Você não está feliz esta noite, *Terranan*. — ela era uma das poucas darkovanas que diziam a palavra sem um tom de sarcasmo.

— Você sabe que não sou da Terra — eu disse. — eu nasci em Meadow.

— Eu sei. Mas assim mesmo é *Terranan*. — ela sorriu. — Tem algum trabalho que deveríamos fazer antes de partir? Me diga, Janna... Janet... e talvez ainda pudéssemos...

— Não, nada. Você foi inestimável. Já tenho espécimes suficientes para manter as pesquisas ocupadas por um tempo. Sempre há algo para fazer, é claro. Não podemos mais do que começar a entender a ecologia de Darkover, mas já é um começo. Um bom começo, eu acho. — em minha opinião, Darkover era mais complexo do que a Terra, por causa da mistura de plantas e animais terráqueos e nativos.

— Então o que está te incomodando?

— Tempo demais para pensar, eu acho. — eu me servi um pouco mais de vinho. — Estava imaginando para onde serei mandada depois.

— Porque não fica em Darkover? Você disse que há mais para ser feito.

— Não! — saiu mais alto do que gostaria. Para apaziguar, eu continuei: — As idas são sempre boas. É o ficar que deixa você pra baixo. Um erro em minha personalidade, sem dúvida. Você vê, eu sempre pensei que havia algo entre crescer e envelhecer. Um período de graça entre as espinhas e as rugas. Mas não há. Não sou mais jovem. Não tenho nada para chamar de meu. Sem casa, sem família, sem... filhos... Deus, como eu poderia ter filhos? Eu mesma ainda sou uma criança. — tomei outro gole de vinho. — Como fico sentimental quando bebo. De qualquer modo, eu... o que é aquilo?

O grito nos assustou, indo e vindo, ecoando nele mesmo, cortando o vento e penetrando a tempestade.

— Aquilo, Janna, é um *banshee*. Nada engraçado se você estiver lá fora, mas aqui estamos seguras.

Houve outro grito, e não era do *banshee*.

— Os cavalos! — e corri para a porta.

Darla me impediu.

— Eles não estão em perigo. O cavaliço de Eduin cuidará deles. Não é por nada que ele dorme nos estábulos. Qualquer coisa há uma passagem, lembra? Que não passa por fora.

— Desculpe — eu disse — acho que esqueci. Aquela coisa me assustou.

— É isso mesmo que eles pretendem.

— Pretendem? Não me diga que eles sabem que estamos aqui?

— Não, claro que não. Mesmo assim eles não poderiam descer até aqui.

— Descer? Você quer dizer que isto aqui ainda é baixo para alguma coisa?

Ela riu um pouco.

— Minha nossa, sim. Isto são apenas as colinas aos pés das Hellers. *Banshees* vivem mais acima, acima da linha da neve. Mesmo

que, uma vez, alguns já fossem pegos nas trilhas, suponho que nunca nenhum deles foi domesticado. Foi apenas uma tentativa de colocá-los no rastro de quem quer ou o que quer que você não gostasse, e o deixasse matá-lo. Então quando tivesse fome novamente, voltaria para onde estivesse acostumado a se alimentar. É claro que tem sido ilegal por anos.

— Tenho a impressão de ter lido algo assim. — eu hesitei. — Há algum jeito para que eu pudesse dar uma olhada naquela coisa? Nós temos algumas descrições de *banshees* nos arquivos da Base, mas nada mais. Nem mesmo uma fotografia.

Eu usei a palavra terráquea; não existe nenhuma em darkovano. Mas algum dia teria, suspeito eu. Câmeras era uma das poucas coisas que o Conselho do *Comyn* demonstrava algum interesse em obter.

Enquanto eu observava atentamente através da pequena janela do sótão, pude perceber a forma do *banshee* na neve. *Banshees*, dentre as bestas mais feias, não era a pior. Já tinha visto piores, bem piores, algumas inofensivas e outras não, em vários planetas. Já vi mais feia, como disse, e como falei à Darla. Mas não em Darkover.

— Como eu gostaria de conseguir uma fotografia nítida daquilo. — eu disse.

— Você gostaria de ter algo melhor do que uma fotografia? — Darla perguntou.

— O que você quer dizer com isso?

— Você gostaria de ter algumas amostras daquilo? — enquanto fechávamos as cortinas e voltávamos para o andar inferior, e mais aquecido, a luz da tocha iluminou seu cabelo cor de cobre e acendeu um ímpeto de travessura em seus olhos.

— Você está louca? Sem nenhuma arma decente isso seria suicídio.

— Nada disso. Nós os caçamos por centenas de anos. Em algumas partes das montanhas isso é resguardado como um tipo de esporte. Além disso, isso me parece como se fosse uma caçada de inverno. Nós teríamos o próprio tempo de Zandru para passar até Thendara, então devemos por bem tentar fazer o serviço direito.

Seria um favor aos nossos anfitriões. Sem mencionar que o seu trabalho aqui é recolher espécimes da vida animal local, *ni var*?

— Sim. Mas aquilo, como você bem sabe, era para ajudar a determinar a origem terráquea, se tiver alguma. Você nem pode me dizer se ao menos aquilo veio da Terra. — eu hesitei. — Você estava certa sobre passar o tempo, aliás, eu suponho. Janet Rhodes: zoóloga, ecologista, caçadora de *banshees*. Como acha que isso pareceria na minha ficha? Bem, do que precisa? Além de um par de caçadoras de alta capacidade.

Ela sorriu, e aquele ímpeto estava mais perto do que nunca de se realizar.

— Amanhã perguntarei à Eduin se ele ainda mantém seus cães de caça.

Pela manhã o vento tinha quase parado. Quando Darla tinha mencionado a possibilidade de caçar o *banshee*, Eduin tinha ficado entusiasmado. Ele não fez objeção da participação da Amazona Livre na caçada, mas eu tive a impressão de que ele decisivamente pensava que a *domna Terranan* ficaria melhor de fora. Somente dizendo a ele que toda terráquea era um tipo de *Com'hi letzii*, e que fui contratada para fazer esse mesmo tipo de trabalho, ela o convenceu que eu poderia ir junto, mas não tive certeza se eu agradeceria ou não por ela tê-lo convencido.

Imediatamente após o desjejum fomos dar uma olhada em seus cães de caça. Eles eram altos, animais magros com o pêlo grosso e felpudo, branco e com manchas vermelhas. Seus focinhos eram curtos e largos, seus olhos pequenos e profundos. Pareciam o resultado de uma mistura entre um Bull Terrier, um São Bernardo e um Wolfhound Irlandês. Eduin estava dizendo algo rapidamente em *Cahuenga*, mas seu dialeto era um dos que eu tinha problemas para acompanhar.

— Ele disse — Darla traduziu. — que não tem cães de ataque, Sharra Terriers ele quer dizer, mais precisamente, mas já que esses cães são abre-trilhas, devemos fazer tudo certo. Os abre-trilhas latem na trilha, então haverá menos perigo de perdê-los. Cães que não latem podem ser pegos pelos *banshees* e mortos antes dos

caçadores achá-los, a não ser se eles estiverem juntos com cães de ataque, para atacá-los e mantê-los ocupados. Esses cães são rápidos o suficiente para pegá-los, mas devagar demais para sair da trilha, se a coisa voltar. Incidentalmente, este é o melhor conjunto de cães de caça surdos que você jamais verá.

— Cães de caça surdos?

— Sim. Eles são deliberadamente selecionados por serem surdos, só assim o *banshee* não poderá amedrontá-los com seu grito.

— Entendo. — eu disse. — E o que os impede de assustar-nos?

— Ah — ela disse. — este é o esporte!

— Humm. Bem, eu não quero estragar a diversão... mas, depois dos cães cercá-lo, e o pegarmos antes dele dilacerá-los em pedaços...

— Sim?

— O que faremos então com ele?

Ela sorriu brincalhona.

— Nós poderíamos pedir a ele para ficar por perto para o Festival do Inverno. Mas sugiro tentar matá-lo.

— Com o que?

— Oh! — ela riu, depois tornou a dizer algo à Eduin.

O que quer que ela disse deve ter soado engraçado também, pois ele ria disfarçadamente enquanto saía.

— Eu não vejo o quê é tão engraçado — eu disse irritada. — Este não é um jeito educado de sair para uma captura, e será um inferno de aguentar. Aquilo é um pouco maior que um coelho-de-chifres, eu percebi. Não estou acostumada a caçar coisas que ficariam muito perto de me caçar.

Eduin retornou, carregando algumas lanças compridas. Entregou uma para cada uma de nós e usou sua própria para demonstrar um movimento particularmente perigoso.

— Você *terranam* fala demais — Darla disse. — Apenas fique com o grupo, certo?

— Ficarei tão perto que você ficará pensando qual de nós é você. — eu disse.

Eu pensava que estava em boa forma, depois de meses de subidas sobre rochas colocando armadilhas, escalando penhascos para pegar ovos de pássaros e amostras de plantas, montando cavalos até onde pudessem ir e andando onde não podiam.

Depois da primeira meia hora tentando manobrar as botas para neve, eu estava transpirando no frio abaixo de zero. Minhas pernas, braços e costas doíam. Eu não podia dizer se era o desejo de aumentar a reputação terráquea que me fez continuar, ou apenas o pensamento de que, se eu parasse, provavelmente congelaria até a morte.

Tornou-se mais fácil depois de um tempo, mas eu já estava exausta. Os cães estavam abrindo a trilha e Eduin e seu ajudante estavam correndo para mantê-los por perto. Eduin me viu caindo para trás e chamou o outro homem, mas Darla disse algo e os impediu. Ela voltou e segurou meu braço.

— Venha por aqui — ela disse, e me guiou para um lugar seguro entre duas rochas que de algum modo tinha ficado livre da neve. — Agora sente. — ela pegou alguns pedaços soltos de galhos e ramos secos e acendeu um fogo.

— Me desculpe. — eu disse.

— Não é sua culpa, é minha. Jaelle, minha mãe-de-juramento, sempre disse que eu era uma valente idiota. Muito impetuosa. Você devia conhecê-la. Ela dizia que ninguém era tão impetuosa, por Evanda e Avarra! Que idiota eu fui de trazer uma *Terranan*... não, de trazer qualquer pessoa das terras baixas aqui pra cima e esperar que ela acompanhe os passos de alguém nascido e criado para isso.

— Eu peguei o jeito dessas botas pra neve agora. Posso aguentar.

— Não, não pode. — ela disse, encarando os fatos. — Nem Hastur em pessoa poderia, se viesse pra cá despreparado. Levante-se e ande um pouco ou irá congelar. Arrumarei um fogo adequado em um momento.

— Eduin deve estar me achando uma tola. — eu disse, andando em círculos obedientemente. — Após resolvido o problema, devemos convencê-lo que devo continuar...

— Você não é a primeira pessoa das terras baixas a aprender que as Hellers têm seu nome com razão. Também não será a última. Eduin não deve estar pensando menos de você por isso, e isso dará a ele mais motivos para se gabar de suas montanhas. Elas são, para o povo da montanha, como os cavalos de Armida: bestas bem fortes, belas, impossíveis de esquecer... e apenas um pouco perigosas para os poucos cautelosos! Mas, se ele levar para o outro lado, bem, o que temos com isso? Não somos homens para ficar brincando de *kihar*... jogos de honra. — ela colocou nossas botas do outro lado da neve bem longe do fogo, e tirou um pequeno pote de metal e um pacote de ervas secas de seu alforje.

O fogo estava bem forte agora, eu estava começando a ficar quente e confortável.

— Darla...

— Hum? — ela olhou por cima do "chá da montanha" que tinha preparado com neve derretida.

— O jeito que falou sobre as montanhas... você é *Cahuenga*?

— Eu sou *Com'hi letzii*. Darla n'ha Margali. Essa é toda a linhagem que eu preciso. Mas por você ser *Terranan*, e assim curiosa, sim, eu nasci a não muitas milhas daqui. Mharia é filha de minha mãe.

— Mhari? A Mhari de Eduin? Como, se ela nem mesmo falou com você?

— Me atrevo a dizer que ela não me aprova.

— Mas vocês são irmãs!

— Nós apenas temos uma mãe em comum. Mas não somos irmãs, e nunca seremos, *bredini*. — ela fez uma pausa. — Me perdoe se a ofendi, Janna, mas você e eu, após pouco tempo juntas, somos mais próximas do que eu e ela nunca seremos.

Eu estava olhando fixamente além dos vales e montanhas enevoando-se pela distância. Eu não me sentia insultada. Sim, eu era Janet Rhodes, do Serviço Espacial, nascida em Meadow (mas, como Darla havia dito, *terranan* assim mesmo). Darkovanos continuavam, depois de todos esses meses, um enigma para mim. Evitando um toque num momento e exuberantemente emocionais no outro; frios, afastados, remotos como as próprias Hellers, então

subitamente oferecendo inesperada intimidade. Eu não tinha a definição certa.

— Ah — ela disse depois de um momento. — eu disse a coisa errada de novo. Eu queria dizer se algum darkovano irá um dia entender algum *Terranan*.

Suas palavras estavam tão próximas de meus pensamentos que dei um sorriso.

— Se alguém conseguir — eu disse. — será alguém como você. Vocês das montanhas são mais parecidos conosco do que os das terras baixas, eu acho.

— Agora eu é que devo me perguntar se foi elogio ou insulto. — ela disse, mas também estava sorrindo. — Janna, nós somos todas irmãs na Casa da Guilda, mas nós sentimos... há um ditado: "*Orgulho demais, pode ser. Cavalos demais, talvez. Mas nunca amor demais ou irmãs demais.*"

— Não temos nenhum ditado similar. — eu disse.

— Não, suponho que não tenham. — ela mudou de assunto. — Está descansada agora? Acho que ainda podemos continuar a caçada. — Podíamos ouvir os cães em algum lugar.

— Nos não temos nenhum ditado similar — eu repeti. — mas talvez devêssemos ter... *breda*.

— Oh, *breda*, estou tão feliz! — ela pegou minhas mãos. Havia uma curiosa intimidade no gesto que eu achei de algum modo estranha. — Eu queria dizer isso há tanto tempo. Agora você não precisará mais partir. — ela soltou minhas mãos e deu-me um abraço. Então ela se afastou. — Qual é o problema?

— Sinto muito. Eu... quero dizer, isto não muda nada. Ainda tenho que partir.

— Mas por que? Os *terranan* não mandam em si mesmos? Você não pode escolher entre partir ou ficar?

— Algumas vezes, sim. Mas não sempre. Eu nunca esquecerei você, Darla, ou do tempo em que passamos juntas. Mas eu devo ir. Esse é o meu trabalho.

Ela permaneceu quieta por um momento. Até os latidos dos cães haviam cessado.

— Você pode ficar. Outros *Terranan* já ficaram.

— Mas você não entende? Para ficar, eu teria de desistir de tudo. Minha carreira, meu trabalho, Darla, isso é tudo o que eu tenho e tenho trabalhado tão duro.

— Mesmo assim, e se não for a escolha certa?

— Bem, e se eu pedisse a você para escolher? Para vir comigo?

— Esta é minha casa. Meu mundo. Mas você não tem casa. Nem família. Você me disse isso, *breda* — ela disse calmamente. — como você pode pensar em partir? Você pertence a este lugar.

— Não, não pertenço. Eu não pertenço a nenhum maldito lugar. Como você mesma diz, eu sou uma terráquea.

— Não, você não é! Você é Janna... Janet Rhodes. — ela repetiu, tropeçando um pouco no estranho som de meu nome, tentando falar direito. — Você mesma! Não “uma terráquea”. Tão impessoal! Como se diria “um livro”, “uma pedra”.

— Eu sou uma terráquea. — repeti inflexível.

— Bem, então, você é *Terranan*. E eu sou darkovana. E ambas somos mulheres, as duas humanas, e nós duas temos *laran*.

— O que? Não! — ela estava supondo, devia estar, eu achava. *Negue isto, negue!*

— Janna...

— Não. Me deixe em paz. Eu não tenho, não serei... não sou uma aberração!

— Claro que não. Eu não sou. — ela hesitou. — Eu não mencionei isso antes, por que claramente você não queria que eu o fizesse. Mas, está aí. Janna, se você vivesse em um mundo em que todos, exceto você, fossem cegos e surdos, você taparia seus ouvidos e vendaria seus olhos? E se o fizesse, significaria que você não teria mais olhos e ouvidos? Quando me tornei uma das *Com'hi letzii*, desisti de qualquer compromisso com o mundo e com o passado, menos com o cumprimento do Juramento, ele próprio de descomprometimento. Mas eu não poderia desistir do *laran*, não como eu tinha desistido de ser *tallo*. Seu *laran*, protegido e bloqueado como está, é um dom muito puro e poderoso para esconder. Você apenas tem de abri-lo para si mesma, *breda*.

— Não. — todos os anos de cuidado, as palavras tão ponderadas para que não me traíssem... e aqui, depois de tão

poucos meses, ela sabia. — Isto é ridículo — eu disse. — eu realmente não sei do que você está falando.

— A confiança sempre é tão difícil para você? Você tem sido tão magoada que deve magoar de volta. Mas não vamos magoar você, *chiya*. Eu prometo.

Essa era uma promessa que já havia sido quebrada. Por que ela não podia me deixar em paz?

— Nenhuma de nós está sozinha, *chiya*.

— Saia na minha mente, maldita seja!

— Eu não posso. Não enquanto estiver gritando assim. Todo telepata deste lado do Kadarin deve estar tendo uma dor de cabeça neste momento.

Dei um profundo suspiro.

— Está bem. Está bem. Me desculpe. — eu disse. — Você apenas não entende.

— Não, não entendo — ela disse. — e nem você. Você fala a língua muito bem, mas não sabe o que a palavra significa. Você tem...

O latido dos cães soou de repente, assustadoramente perto, e então houve um outro som, como o gemido de uma coisa enorme em desespero.

— Zandru leve Eduin e seus abre-trilhas! — ela exclamou. — Eles estão trazendo a besta do inferno pra cá!

— Por que não os ouvimos antes?

— Devem ter perdido a trilha. Estávamos entretidas aqui enquanto a besta amaldiçoada de Zandru circulava por aí. Graças à Avarra eles o farejaram antes que o *banshee* pegasse a gente! Traga essas coisas de volta para as pedras. — ela me atirou um pacote.

Enquanto andava, Darla trabalhava rápida e eficiente, cobrindo o fogo com a neve e guardando tudo de volta aos pacotes. Eu parei e observei, me sentindo muito mais desamparada.

— Vamos! — ela disse, me puxando para as rochas. — Levante-se daí. Rápido! Ao menos que queira se tornar o lanche de viagem de um *banshee*.

Eu fui e ela me seguiu, bem próxima atrás de mim, parando apenas para pegar as botas e lanças pelo caminho. Se arrastando

ela subiu as pedras, ágil como um coelho-de-chifres, depois voltou e me puxou para cima. Enquanto isso, o murmúrio do *banshee* e o latido dos cães estavam ficando mais alto.

Chegamos ao que pareceu pra mim um lugar bem seguro, um buraco alto nas rochas, uma fenda parecida com lábios de um estreito sorriso, justo quando o *banshee* pesadamente chegou na abertura em que tínhamos acendido o nosso fogo.

— Você disse que já tinha visto piores? — Darla sussurrou.

O *banshee* balançava sua cabeça de um lado para outro, sentindo o calor do fogo morto, da aproximação dos cães e certamente o nosso. A cabeça era pelada, um esqueleto coberto por pedaços de pele enrugada. A pele drapejava sobre o bico curvo, cobrindo os buracos onde deveriam estar os olhos, e pendendo em camadas numa aparência doentia azul-avermelhada ao longo do pescoço. Eu sabia que era tão surdo quanto cego, dependendo da sensação de calor e movimento, mas quando ele virou a cabeça para o nosso lado, segurei a respiração e tentei me esconder entre as rochas. Mesmo de onde estávamos pude sentir seu cheiro, poluindo o ar gelado.

— Eu menti. — sussurrei. — Estava enganada. Não há pior.

Então os cães alcançaram sua presa e o pesadelo ficou pior, se isso fosse possível. A matilha estava toda em volta dele, pulando e rosnando, pairando sobre o corpo da besta, mas esta não parecia percebê-los. Ela golpeou com os bicos e garras e dois cães ficaram caídos lado a lado, sangrando e morrendo.

Eu senti que estava ficando enjoada. Violentemente enjoada. O medo do *banshee* era pior que seu odor, seu grito... e de repente eu soube porque era tão horrível. O animal, quase sem inteligência, era ao mesmo tempo um pouco telepata. Um transmissor que transmitia puro terror. O terror da insanidade, uma paranóia incontrolada. Ele gritava pura loucura. Os cães surdos, eles mesmos um pouco telepatas, respondiam a isso como os cães terráqueos nunca fariam. Ele os levava a uma fúria insensata que os fazia se jogarem contra ele sempre, sem medo da dor e da morte. Eu podia sentir Darla tremendo ao meu lado. Ela se inclinou e vomitou, ofegando com a ânsia.

— Darla — eu disse. — Não. Bloqueie. — eu tinha falado entre os dentes, ao menos eu podia falar. — Bloqueie! É apenas um animal. Uma besta estúpida.

Ela olhou diretamente para mim, mas eu sabia que ela não ouvia o que eu dizia. Seus olhos estavam arregalados, olhando para o nada, a íris verde apenas uma fina linha em volta das enormes pupilas negras.

Sua respiração estava ofegante e eu podia sentir seu coração pulsando por trás de suas costelas. Não sabia o que fazer, mas sabia que ela não podia continuar assim. Se o medo não a matasse, a enlouqueceria. Eu agarrei seus ombros e a sacudi. Ela estava rígida em minhas mãos. Eu a esbofetei, e de novo, mais forte, mas parecia estar batendo em uma boneca de madeira. Podia sentir o frio crescente de seu corpo, mesmo através de minhas luvas. De repente ela parou de tremer. Era como se seu corpo tivesse desistido da batalha, deixando-a sozinha em sua mente. Se ela estava respirando, era bem superficial. Eu não podia ter certeza. Arranquei uma luva e procurei pela pulsação em sua garganta. No instante em que minhas mãos tocaram sua pele nua, toda a força de seu pânico, a loucura inspirada pelo *banshee*, passou através de mim. Pensei que tinha gritado. Então a... a cegueira... veio ao meu auxílio. Eu retirei minha mão e estava livre. Mas Darla não estava. Eu não podia deixá-la assim. Eu tinha tanto medo do que teria de fazer, como tive do próprio *banshee*. Rapidamente, antes que eu tivesse tempo para pensar sobre isso, eu tirei fora a outra luva e peguei seu rosto em minhas mãos. O medo era mais tolerável agora, talvez por que eu já estivesse preparada.

— Não. — eu disse alto. — Darla, ouça. Você tem que me escutar! Nada disso é real. Isso é algo que não existe. O que está lá embaixo é apenas uma besta, uma estúpida, tola e feia besta.

Procurei por algum sinal de compreensão em seu olhar. Então veio e eu me lembrei de respirar. Darla deu um profundo suspiro, depois outro, facilmente, e levantou suas mãos para cobrir as minhas. Ela fechou os olhos por um momento e pude sentir seus sentidos se firmando. Quando ela olhou para mim novamente, era Darla, e era como se nada daquele inferno tivesse acontecido.

Abaixo de nós, os cães ainda morriam, o *banshee* ainda gritava, e ainda era medonho. Mas era um medo normal, não um pesadelo. Eduin e seus caçadores haviam pegado o *banshee*, e correram em socorro dos cães. Darla se afastou de mim, então deu um esboço de um sorriso e me deu as mãos, para me ajudar a levantar.

— Obrigado, *breda*. — ela disse. — Agora vamos descer e ajudar a matar aquele refugiado das Profundezas.

Ela pegou sua lança e desceu sozinha pela pedra. Também não me dei tempo para pensar sobre aquilo. Eu a segui. Nós éramos, apesar de tudo, *bredini*.

Fim

NA TRILHA

por Bárbara M. Armistead

Sobre Bárbara Armistead e "Na trilha"

Bárbara Armistead diz que nasceu no ano das uvas de 1929, editou sua revista no colégio, "escreveu as usuais poesias mórbidas", então se casou, teve quatro filhos e divorciou-se em 1979. Ela credita seu interesse em escrever ao fato de seus "filhos convenceram-na a entrar no fã clube de Star Trek". Também conseguiu seis netos ao longo de seu caminho. "Alguns dias sou 20 anos mais velha que Matusalém, em outros ainda tenho dezesseis". Assim, devo descrever um pouco mais sobre nós que escrevemos para essa antologia. Depois dela ter "descido do topo" na aceitação de sua primeira história sugerida profissionalmente, Bárbara lembrou-me de que nos encontramos no Worldcon em Los Angeles no verão de 1984, mas eu a corrigi corretamente de que eu "encontrei tantas pessoas, que eles acabaram numa confusão sem fim".

Os personagens principais desta história, Rima e Lori, são, como a maioria dos leitores lembrarão, do grupo de Kindra em A Corrente Partida.

MZB

— Apenas uma viagem! — Rima apertou impacientemente a correia. — Primeiro, um sapato perdido, depois um alforje rasgado, uma tempestade como um oceano invertido, e agora uma trilha perdida! O que vem depois?

Lori riu e, cuidadosamente, devolveu o pônei ao seu lugar. Ela alinhava os animais de carga com cautela, e então montou em seu próprio animal castrado.

— Não reclame, Rima. Sei que você é impaciente, mas viajar pelas Hellers é sempre uma incerteza.

— Não é! É tão certa quanto a morte e as tempestades de inverno; você pode sempre esperar problemas. Porque Lisa sempre escolhe um lugar bem fora de caminho para uma casa de cura, só Evanda sabe!

— Provavelmente por que eles precisem mais do que algum lugar civilizado, você não acha?

— Oh, Lori, eu só estou especulando. Vamos tentar achar aquela trilha de que você me falou. Esta aqui não dá mais.

— A volta deve dar uma hora de viagem. Eu acho que marquei a trilha na noite passada, antes do abrigo de viajantes.

Lori apontou o caminho de volta na trilha encharcada. As fortes chuvas depois do degelo da primavera transformaram as partes mais baixas em brejo, mas a paisagem de Darkover é predominantemente vertical e drena rapidamente. Um degelo ocasional desce das montanhas e cai em turbulenta rapidez pelo rio abaixo. Um pouco de flores esperançosas sorriem nos gramados e pássaros trabalham freneticamente para fazer ninhos para suas famílias no curto verão das Hellers. Elas passaram pelo abrigo de viajantes onde haviam passado a noite e os pôneis olharam felizes para as pilhas de forragem. Lori apertou as rédeas e passou direto com relutância. Rima fazia a dianteira de sua pequena caravana, montada numa imensa égua cinza.

A trilha que Lori procurava estava com o mato crescido e obviamente sem uso. Ela entrou no emaranhado de arbustos e parou orgulhosa ao lado de uma estaca apontando diretamente para um lado.

— Veja, meu pai me avisou sobre essa marcação. Espero que o resto da trilha ainda esteja em boas condições.

— Eu também espero. Estou ansiosa por uma boa cama e uma boa refeição. Rações de viagem são tão... bem, tão sem gosto, sempre a mesma coisa. — o amor de Rima pela boa comida era evidente em suas curvas generosas e sua habilidade em fazer um acampamento confortável em qualquer local era lendário. Lori, por outro lado, era magra e musculosa, uma moleca criada por seu pai nas viagens de comerciantes pelas Hellers. Desconforto era uma coisa relativa para ela; qualquer abrigo servia e Rima às vezes reclamava que ela nem mesmo notava o que comia.

A trilha começava por um passo íngreme, e depois abruptamente partia para um vale estreito. Elas pararam para os animais descansarem em um local coberto perto do canto da trilha e almoçaram pedaços de carne e frutas secas, engolidas junto com a água gelada de uma nascente. Campos de neve se estiravam acima delas, e abaixo havia uma queda assustadora. O córrego corria em tiras indistintas para se juntar à alegre cascata até o vale.

— Belo campo — Rima estremeceu. — Agora eu sei por que os viajantes usam a outra trilha.

— Área de *banshee* acima, aposto. Vamos.

— Quem fez esta trilha, afinal? Alguma ideia?

— Claro. Bandidos. Costumava ter um bando que vivia no vale e atacava os comerciantes e viajantes regularmente. O último deles foi morto há apenas alguns anos atrás. Não há mais muitos comerciantes aqui. A maioria dessas famílias das colinas morreu. Muita infertilidade, idiotas, crianças doentes, tudo. E fome. Costumávamos ver muito isso quando viajávamos. Um vale sem colheitas, com crianças famintas pedindo migalhas. Dois vales à frente, plantações de nozes carregadas, celeiros transbordando. Sem comunicação. Este campo precisa de estradas! Alguma maneira do povo circular em volta um pouco. — ela parou abruptamente, fazendo sinal para Rima parar.

A trilha era muito estreita para Rima se mover e saber o por que de Lori ter parado, e ela teve de se contentar em esticar o pescoço e espiar o fim da trilha.

— O que é aquilo?

— Cavalos, e homens. Eles estão subindo pelo vale, parecem locais. Sem bagagens. Muito longe para dizer. Vamos descer.

A trilha descia em voltas; Rima observou o grupo se aproximando em grupos enquanto progrediam. Tornou-se óbvio que ao menos um cavaleiro do outro grupo estava viajando sob coação. Parecia estar amarrado à sela e um dos outros puxava seu pônei. Eles deram a volta por um precipício aberto no vale e desapareceram de vista, aparentemente sem notar Lori e Rima.

— Eles não esperavam encontrar ninguém nesta trilha, portanto não procuravam por ninguém. — Lori supôs. — Parece trabalho sujo pra mim. Vamos investigar ou continuar?

— Oh, querida, a deusa sabe o quanto eu quero continuar, mas suponho que seja melhor checar se deixamos alguma desordem na trilha atrás de nós. Eles devem ter visto a gente e saíram de vista até passarmos. Alguma idéia?

— Acho que devemos ir em frente, como se não os tivéssemos visto, só por precaução. Vê aquele bosque de árvores-de-resina? É um bom lugar para sair da trilha. Ninguém pode dizer daquele precipício se paramos ou continuamos. Eu voltarei devagar e verei o que posso descobrir. Você pode preparar alguma refeição, e não tire os olhos nos animais.

— Por mim tudo bem. Vamos em frente, cavalo; há descanso à frente.

Pouco tempo depois, Lori estava agachada em uma bela árvore de nozes, observando o precipício. Ela tinha alcançado seu ponto estratégico com métodos elaborados e silenciosos, mas agora estava certa que podia se aproximar com batuques e pratos como um Lorde das Cidades Secas, que não seria notada. Três homens descansavam em torno de uma fogueira em frente a um tosco abrigo de pedra e palha, e partilhavam uma garrafa, obviamente não a primeira do dia. Um truque do vento soprou a conversa até ela em rajadas e fragmentos.

— Bastardo estúpido de cabelos vermelhos! Caiu em nossas mãos como fruta madura... a família pagará bem... ele... ele... ele escreverá a mensagem assim que descobrir o quão gelada pode ser

a noite aqui... assim como Papai costumava fazer... — o resto desintegrou-se em roucas risadas.

Lori desceu a árvore e andou suavemente através do bosque. A noite estava se aproximando e ela começou a pensar num plano.

— São seqüestradores, aparentemente produto da escória que costumava operar nas redondezas. Dois deles parecem gêmeos e o outro deve ser seu irmão mais novo. Nenhum deles parece muito esperto, mas um age como um verdadeiro profissional. Estão tentando seguir os passos do Papai; surpreenderam algum estúpido nobre local com suas calças arriadas e estão carregando-o por um resgate.

— E nós vamos... o que? Ir até Ensendara como pessoas sensíveis e dizer a alguma autoridade onde encontrá-los? Ou talvez, como heróis em uma balada, resgatá-lo, ganhar a sua eterna gratidão e uma pele cheia de buracos.

— Se formos à Ensendara, o estúpido homem pode estar morto antes de qualquer um chegar até aqui. Eles tentarão congelá-lo até que escreva um pedido de resgate. Acho que eles próprios não sabem escrever.

— E vão congelar, não vão? Ou quase. Oh, maldição, odeio essas coisas! Eu disse que viajar pelas Hellers era o melhor modo de encontrar problemas.

— Eles estão bêbados, Rima. De umas três garrafas, ou perdi meu instinto. Tudo o que temos que fazer é esperar um pouco e quando eles cochilarem nós pegamos seu nobre e partimos. Sem luta, sem confusão. Eles não ouviriam um exército de malditos *cralmacs* em uma hora ou mais.

— Oh, está bem. Acho que nunca poderíamos deixar um homem para morrer congelado.

— Não, não poderíamos. Ei, passe essa sopa pra cá. Estou faminta, também!

O crepúsculo estava se tornando noite quando elas se aproximaram da área do precipício. Amarraram bem os animais perto da barraca e, cuidadosamente, se arrastaram até o abrigo de rochas perto da clareira. Um rápido olhar e viram que não havia

guardas à postos e os restos da fogueira não revelaram nenhum sinal dos seqüestradores.

— E agora? — Rima sussurrou.

— Acho que estão no abrigo, mas onde está o prisioneiro? Não lá dentro, bem e aquecido, a menos que já tenha concordado em escrever a mensagem. Vamos ver, ali atrás estão os pôneis no estábulo, precisaremos de um para ele montar. Estou pensando se posso selar um sem fazer barulho.

— Tenha cuidado. Eu continuarei procurando-o.

Rima, apesar de seu volume, era tão silenciosa quanto um homem-gato quando precisava. Enquanto Lori movia-se até o estábulo, ouviu um ronco alto vindo do abrigo.

— Bêbados como lordes. São um belo grupo de seqüestradores. Talvez pensem que ninguém se incomodará em procurá-los.

Ela escolheu o pônei maior e, cuidadosamente, colocou sela e freios, sussurrando uma oração para que não fosse um dos que reclamavam violentamente quando montados. Ela tirou-o calmamente do estábulo e o amarrou perto dos outros cavalos. Quando retornou, Rima estava esperando. Lori se agachou silenciosa ao seu lado.

— Está esfriando muito rápido e não consigo achar seu homem em nenhum lugar. Você pegou o pônei?

— Sim. Aposto que está no abrigo. Estava lá mais cedo e aposto que estavam muito bêbados para removê-lo.

— É o único lugar que restou. Então como vamos tirá-lo de lá?

— Acho que vou entrar e pegá-lo. Você está com o lampião?

— Estou. Aqui... tenha cuidado. Estarei perto da porta.

Lori levantou o trinco e facilmente a frágil porta se abriu o suficiente para ela entrar. Não havia nenhum fogo na pequena fogueira; três montes pesados roncavam e fungavam na frente da porta. Num lugar ao fundo, havia uma sombra escura. A luz do lampião de Lori revelou um jovem, amarrado e amordaçado, e só com as roupas de baixo. Enquanto Lori podia sentir o frio através de suas pesadas roupas de viagem, estava certa de que ele já devia estar congelando. Passou cautelosa pelos seqüestradores roncando e

sacou uma de suas adagas para cortar as amarras. Ao seu toque, a figura tombou para o lado. Primeiramente ela pensou que estava morto, mas uma checagem rápida a fez sentir o pulso, fraco mas estável. Ela cortou as cordas e colocou-o cuidadosamente nos ombros. Guardou sua adaga e agradeceu à deusa por ele ser tão leve. Segurando o lampião, ela voltou com cuidado e parou na porta. Enquanto desviava dos bandidos, foi repentinamente pega pelo tornozelo.

— Eh, eh, eh, eh, peguei você, seu filho-da-puta de cabelo vermelho! Como poderia escapar, aliás? — um forte puxão balançou Lori, que caiu para o lado, derrubando o lampião. A chama aumentou enquanto o óleo se espalhava pelo chão. — Ei, você não é ele! Acorda, Lugo! Temos companhia.

Lori lutava debaixo do peso do corpo desamparado, se esforçando para alcançar a adaga, passar seu pé por baixo e evitar as pequenas chamas que corriam pelo chão. O idiota estava acordando e o outro se agitava para despertar, enquanto o atacante segurava seu tornozelo e gritava num deleite embriagado. Ele parecia não notar o fogo perigoso, na sua alegria em capturar uma intrusa. Foi aí que o sequestrador se distraiu e Lori alcançou a adaga em sua cintura. Virando seu corpo num círculo, ela atacou a mão que apertava seu tornozelo e dali veio um grito e uma maldição. O tornozelo estava livre. Ela passou seu pé por baixo, agachando-se para saltar. O idiota rolou no chão, espalhando lascas de palha pegando fogo por todo lado enquanto gritava em confusão e medo.

O terceiro irmão se levantou, procurando desesperadamente por sua adaga. O irmão que tinha agarrado Lori estava cuidando de sua mão ferida, mas quando viu uma chance, investiu novamente contra Lori. Ela se esquivou e ele bateu com tudo no idiota que começava a esmurrá-la com força.

— Rima! Rima! Me dê uma mão! Este homem está inconsciente!

Lori sacou sua segunda adaga da bainha de trás de seu pescoço e voltou para enfrentar o irmão número três, que já estava empunhando a sua. A confusão dos três irmãos atrapalhados e o bruxulear do fogo tornou impossível uma luta real com facas, mas

Lori sabia muito bem como um deslize ou tropeção poderia ser fatal, mesmo lutando com bêbados. A porta se abriu com um empurrão de Rima e uma rajada de ar fresco deu nova vida às chamas.

— Qual deles? — berrou Rima, examinando a confusão no chão.

— O que está sem roupas! Leve-o para fora e cubra-o; ele está congelando!

— Nada fácil, nesta bagunça — remarcou Rima, mas agarrou o corpo quase nu com rapidez e começou a carregá-lo por cima dos irmãos que tentavam se levantar do chão.

Um deles desesperadamente avançou contra eles e Rima pisou com o pé na sua mão, com toda sua força, e continuou em direção à porta. O grito de sua vítima resultou no uivo de raiva do terceiro irmão, enquanto este tentava atravessar o chão até Lori. Seria um pouco mais proveitoso se não tivesse tropeçado num cobertor jogado e quase caído de cabeça. Sua adaga rasgou a túnica de Lori quando passou por ela. Ela deu um passo para o lado, se virou e enfiou a adaga diretamente em seu ombro. Seu estado o deixava mais pesado, mas ele mesmo se segurou antes de sua cara bater na parede. A bebida o tornava agressivo, mas sua coordenação havia sumido. Quando voltou, Lori levantou seu pé em um rápido golpe e ele se dobrou, berrando em raiva e dor. Foi aí que o idiota percebeu que sua túnica estava pegando fogo e a atirou em uma grande mistura de cobertores, irmão e palha. Rima o acertou rapidamente e ele já ia caindo de novo, mas sua perna pegou o tornozelo de Lori, desequilibrando-a. Ela foi para o chão, mas se segurou com uma só mão. O irmão número três se atirou cegamente em sua direção e ela levantou sua mão esquerda para se defender. Sua adaga atravessou o peito e o braço dele, que caiu espatifando-se na parede de pedra. O primeiro irmão começou a se arrastar pelo chão e Rima bloqueou o movimento, segurando-o fortemente pela cabeça com um banco quebrado.

Lori se recuperou e amarrou seu atacante atrapalhado para ajudar Rima com o objeto do resgate. Ele mostrava sinais de estar acordando, com tanta violência que Rima resolveu enrolá-lo firme

em alguns cobertores para que pudesse tirá-lo daquela confusão. Sua face indignada logo as olhava como de um casulo.

— Seria melhor se fizesse algo com aquele fogo, Lori. — sugeriu Rima suavemente. — Ao menos, é claro, que você queira tostar esses sapos vivos.

Lori embainhou suas adagas e observou o pequeno abrigo. Percebendo um balde no canto, ela o pegou e derramou seu conteúdo sobre o idiota e pelo chão, que mostrava todos os sinais do conflito.

— Zandru a leve por ser tão idiota! — gritou um dos irmãos, enquanto um incrível fedor se espalhava pelo ar.

Engasgando e cuspiendo, elas correram para a porta, Rima arrastando sua pesada carga.

— Sua tola! Esse era o balde da latrina!

— Como eu poderia saber? Você queria acabar com o fogo, não é? Bem, acabou!

— E nós também. Eu não voltarei lá pra dentro. Prefiro congelar!

— Você está corretíssima! Mas temos de fazer alguma coisa.

— Eu sei. Você amarra esses garotos briguentos e eu acenderei uma boa fogueira onde eles estavam esta tarde e farei uma cobertura com essas árvores para manter o calor. Com cobertores e bem agasalhados ficaremos bem até de manhã. Mantenha esses animais inúteis fora da neve.

— Com orgulho. Especialmente aquele!

Suas vítimas pareciam de algum modo controlados; aparentemente a velocidade de suas captoras e a escolha de métodos incomuns os desnortearam, deixando pra trás qualquer tentativa de fuga.

A próxima hora foi cheia. Pela bruxuleante luz da fogueira Lori e Rima enfaixaram, embrulharam e amarraram. Seu nobre havia voltado à queixosa vida e estava ocupado expressando gratidão, chocado por saber que seus salvadores eram mulheres, e irritado por ter perdido suas roupas, que aparentemente o preocupavam quase tanto quanto sua luta com a morte. Finalmente Lori o silenciou perguntando se ele desejava ir procurar suas roupas entre

os restos da latrina, e que estava perfeitamente preparada para deixá-lo ir. Depois disso ele se emburrou.

Rima terminou seus procedimentos médicos e começou a preparar um chá de casca. Enquanto servia um copo borbulhante para o resgatado, perguntou:

— E como devemos saudá-lo, honorável senhor? Eu gostaria de saber mais sobre essa miserável confusão e esses igualmente miseráveis briguentos.

Sua pergunta revelou para o fogo uma face petulante, que replicou com uma pomposidade estranha para sua suja condição:

— Eu sou Dom Estoril Calavera e meu pai é Lorde da maior parte deste vale. Estes... estes indescritíveis trastes pensaram em pedir um resgate a ele e me raptaram enquanto estava retornando de um... hum... ahn... uma tarde social em Ensendara. Eu parei para atender a um chamado da natureza e eles pularam sobre mim. Deviam estar me seguindo pela floresta.

— Eu disse que eles tinham o pegado de calças arriadas! — Lori exultou. — Passou uma “tarde social” em alguma taverna na cidade e voltou pra casa, meio bêbado. Nunca saberia que estava sendo seguido.

— Por quê? — perguntou Rima suavemente. — você não escreveu o pedido de resgate? Obviamente seu pai pagaria, ou os procurariam em uma tentativa de resgatá-lo!

— Certamente o faria e então bateria em mim fortemente. Mas eu teria escrito o pedido, com prazer, exceto...

— Exceto o que? — Rima instigou.

— Exceto que eu não sei escrever! Eu sou um cavaleiro, não um maldito escriba *crisoforo*!

Lori caiu em prazerosa gargalhada. Quando ela enxugou seus olhos, Rima a repreendeu gentilmente.

— Que vergonha, Lori. A maioria dos “cavaleiros” de Darkover está à mercê de escribas e contadores que aprenderam suas artes em Nervasin, que os bons monges sejam louvados. Lembra que as Renunciantes a fizeram aprender a ler e escrever, para que nenhum homem pudesse enganá-la por sua própria ignorância. Talvez Lia

possa encontrar alguém da Irmandade que pudesse começar uma pequena escola para aqueles que quisessem aprender.

— Com aulas especiais em pedidos de resgate, talvez.

— Não, eu acho que sequestrar sairá de moda quando levarmos esses três para Ensendara. Agora, você fará o primeiro turno de vigia, ou eu? Me recuso a deixar esses porcos pegarem no sono, e espero que tenham a cabeça como se esmagadas pela manhã!

— Você dorme um pouco, Rima. Eu vigio, e me desculpe por não ter sido tão simples como prometi.

— Lori, Lori... desde que te conheci nada foi tão simples como você prometeu que seria, e ainda assim continuo acreditando em você. Então por que se culpar? Me chame em algumas horas, pequena. E depois que você dormir, iremos para Ensendara. Eu ficarei muito agradecida com alguma comida decente.

Fim

PARA ABRIR UMA PORTA

por P. Alexandra Riggs

Sobre P. Alexandra Riggs e "Para Abrir uma Porta"

Quando me enviou esta história, a autora escreveu: "Esta é minha primeira tentativa de escrever. Eu tenho desejado escrever por toda minha vida adulta, mas temia expor à rejeição minha filosofia. Seu trabalho fez diminuir meu medo de me expor".

Uma das coisas que eu sempre digo a jovens escritores é que ser um escritor é um estado paradoxal. Uma escritora deve se manter muito sensível, mantendo suas emoções perto da superfície, ou ela não estará suficientemente consciente para passar verdadeiras emoções. Ao mesmo tempo, a primeira experiência real de todo escritor é a rejeição, então ela deve desenvolver algo sobre o esconderijo do rinoceronte, sendo capaz de enfrentar a inevitável rejeição; senão a crítica irá destruí-la. Eu tive que aprender a ouvir minha própria opinião, e aprender a ignorar as críticas dos outros, enquanto ao mesmo tempo aprendo com a crítica construtiva dos editores e outras pessoas com conhecimento, enquanto me torno capaz de desviar da minha mente os ataques daqueles que não sabem do que estão falando.

Com sorte, talvez, eu não precise expor P. Alexandra Riggs à essa rejeição tão cedo. Quando aceitei a história ela escreveu, ela disse que era mãe de seis crianças crescidas e avó de três; que ela tinha sido conselheira de vítimas de estupro, comandara terapia em grupo, conselheira por telefone de pessoas em crise e suicidas e gerente de loja de departamentos. Eis um curioso comentário em nossa sociedade que ela só tenha sido paga como gerente de loja de

departamentos. Ela vive em uma pequena fazenda em Fallon, Nebraska.

MZB

Ela se agitava em seu sono. Sua mão acariciava a enorme cama de cobertura macia. Em seu sonho belamente rodava e cantava.

— *Eu te amo, te amo.* — *ele sussurrou em seu cabelo ruivo.*

As palavras eram como um vinho forte para ela. O calor de sua respiração em seu rosto, a força de suas mãos em sua cintura inflamava seus sentidos.

Rindo ela se afastou para vê-lo melhor.

— *Você é como uma prisioneira.* — *ele disse severamente.* — *Ela não tem o dinheiro de te prender.*

Suas mãos se moveram para suas costas estreitas puxando-a para ele.

— *Dance comigo, dance e seja livre.*

Girando ele então a conduziu para um grandioso rodopio. Sua saia voava à sua volta, o rico tecido azul rodopiando como um profundo lago a seus pés.

— Millim, hora de levantar.

Ao som da voz de sua mãe, Millim acordou, a música da dança se esvaindo para o nada.

O rude catre que ela compartilhava com a mãe ainda estava aquecido naquela fria manhã de outono. Millim aninhou-se debaixo do cobertor de pele, relutante em começar a rotina do dia.

— Venha agora. Tenho leite morno.

Sua mãe tinha boas intenções, ela sabia, mas Millim ansiava por pão quente e carne, não o leite morno recém saído do animal.

E vinho, ela pensou. E belos vestidos para rodopiar.

— Levante-se, agora. — O tom de sua mãe era impaciente. — Temos feijões para colher e queijo para fazer.

— Mãe, você não pensa em nada senão trabalho?

Surpresa com o tom amuado, Buartha parou à sua frente e olhou para sua filha.

— Você não anseia se ver livre do trabalho, mãe? Você nunca deseja ir à festas... dançar?

O rosto de Buartha se retorceu em angústia.

— Nunca! — Ela viu sua filha hesitar. — Não deseje sua própria destruição, criança. — A voz de Buartha tinha a certeza da ruína. — Vinho, dança... homens. — Seu tom se afundava em uma litania de destruição. — Homens usam... tomam... destroem.

Buartha afagou os cabelos de sua filha.

— Eu sei que nossa vida é difícil, criança. — Os fios vermelhos enganchavam nos cortes e calos de sua mão. — Mas nós somos livres. Não nos submetemos à nenhum homem. Livres... criança. Nós vivemos livres.

— Mas eu não sou livre. — Millim empurrou a mão de sua mãe. — Você chama isso de liberdade? — Seu gesto indicava a velha choupana. — Nós trabalhamos como escravas... e ainda assim vivemos como animais. — Millim se levantou e começou a empurrar suas roupas pela cabeça. Um longo momento se passou. — Mãe, eu sonho... — sua voz se suavizou. — Lindos sonhos... Banquetes, com bifes de carne assada; vinho e mesas tão carregadas até não aguentar mais. — Millim parou distante. — Vozes cantando... — Ela movia-se gentilmente. — Música, risadas, danças... e vestidos. — Tocando sua saia grossa, ela olhou para sua mãe. — Vestidos tão plenos e ricos... — ela girou devagar com seus braços bem abertos. — eles voam alto quando você gira. — Abruptamente caiu no catre, cobriu seu rosto no cobertor enquanto soluçava. — Mãe, como eu sei disso? Como eu vejo essas coisas?

— Você sonha, criança. É isso. Você apenas sonha. — Dentro de seu coração Buartha estava profundamente preocupada.

"Oh deuses... isso é laran," ela pensou. *"Millim está na puberdade e o laran está despertando."* Memórias dolorosas de seu próprio despertar para a telepatia tomaram conta de Buartha. A mais habilidosa entre os telepatas darkovanos, Leonie, Guardiã da Torre de Arilinn, julgou modesto o seu dom, ensinou-a a controlá-lo e então mandou-a de volta para seu ambicioso pai.

Seu pai a recebeu com escárnio e fúria embriagada quando considerou que ela havia falhado em preencher suas ambições. Como ela havia sempre sido uma criança alegre, não havia entendido sua raiva, nem a bêbada avaliação de seu amadurecimento.

— Eu fiz o meu melhor, Papai. — ela sentiu um vazio por dentro de sua rejeição. — O *laran*... não era forte. Eu... eu apenas não sou boa.

— Boa? — seu hálito cheirava a vinho azedo quando a chacoalhou agressivamente, empurrando-a para a rua. — É para isso que será boa agora. — ele rosnava enquanto fitava a rua.

Ele a vendeu como uma diversão noturna para um estranho que passava, um nobre do Comyn igualmente bêbado.

O plano de luxúria do estranho a havia engolfado; a dor enquanto ele satisfazia seu prazer a havia esmagado. Para proteger o seu interior de uma violação pior do que a contínua violação de seu corpo, ela havia bloqueado seu *laran* completamente até não o sentir mais.

Cheia de pavor, ela fugiu da desintegração, luxúria e ruína. Com sua razão paralisada pelo choque, vagueou por dias, mais e mais alto pelas Hellers até que, então, ela havia chegado nessa pequena choupana na qual se isolou do mundo. Enquanto o tempo passava, ela já tinha apagado a memória do *laran* e o mais fácil, a vida mais elegante que ela já havia tido.

Agora, após viver mais de dezesseis anos em isolamento total com a criança nascida daquele horror, ela relembrou. Ela falou alto e bruscamente:

— Este mundo está todo aí para nós, Millim, e os feijões e queijo devem estar prontos, senão quando a neve cobrir as Hellers nós passaremos fome.

O grito triunfante do *banshee* ecoou contra das rochas do penhasco e Togaim podia ouvir os choros em resposta através do Passo de Scaravel. Parecia ainda que todos os *banshees* das Hellers estavam circulando por perto atrás de comida.

— Não se mova, minha Dama. — ele sussurrou para a Dama Snava. — O silêncio deve nos ajudar a escapar do destino dos outros.

Ele ouviu o suave tilintar de suas correntes decorativas enquanto ela procurava se mover adiante para uma pequena fenda em uma encosta sólida.

— Seja discreta. — A dor do talho em sua lateral fez seu comando soar como um gemido.

“Como fui tolo de aceitar essa função”, ele pensou. *“Sucesso significaria promoção, mas fracasso...”* Ele olhou para o sangue escorrendo pela sua barriga. *“E morrer aqui sem a chance de uma batalha honrosa... me esconder tremendo como um coelho-de-chifres medroso neste buraco... que tarefa de tolo!”* Togaim caiu em desgosto. *“E pra quê? Para entregar uma esposa mimada a seu ainda mais mimado mestre para que ele possa satisfazer seu prazer em sua vila.”*

A morte parecia certa. Enquanto os *banshees* se esbaldavam na morte. Togaim pensou que estavam provavelmente salvos dos cegos predadores, mas apenas se eles não se movessem. As bestas detestáveis dependiam do movimento ou calor para achar sua presa. Se mover significava a morte rápida e certa debaixo das garras cruéis e bicos dos enormes pássaros. *“Se eu apenas pudesse alcançar minha espada”,* ele pensou.

Ela estava fora de seu alcance, debaixo do corpo inerte de um de seus animais de carga. Togaim estremeceu enquanto o *banshee* rasgava o animal morto, engolindo entranhas e arrancando os chifres em sua avidez faminta.

— Sem esperança e com a caçada faminta progredindo... — Togaim queixou-se em voz alta.

A besta mais próxima virou sua cabeça para localizar a origem do som e então avançou em sua direção. Togaim se pressionou contra Dama Snava e se preparou para morrer.

O doce aroma de sangue o silenciava enquanto o bico curvado rasgava a pele de seu peito. Ele caiu lentamente para trás sobre Dama Snava. A fenda se rachava por dentro sob o peso dos dois. Pó e pedras caíam ruidosamente, parcialmente os protegendo do *banshee*. Uma pedra caiu, transformando a fenda em uma pequena caverna.

O espaço fracamente iluminado acima de suas cabeças desaparecia na distância. O som da água soava vago no distante fim da saliência.

Togaim gemeu e tentou erguer sua cabeça. O movimento o fez rugir de dor.

— Dama, você consegue ver?

— Ele tenta... mas não consegue nos alcançar, senhor.

O tilintar de suas correntes enquanto ela se ajoelhava para falar foi a última coisa que Togaim ouviu antes de cair na inconsciência.

— Estas trilhas são muito íngremes para uma mulher da minha idade, sem mencionar o meu tamanho. — Ramhara reclamava enquanto sentava numa rocha para remover uma pedra em sua bota.

— Vamos, Ramhara. — Cara olhou impacientemente para a mulher mais velha. — Devemos alcançar o abrigo antes da noite cair ou arriscaremos nossos pescoços ao *banshee*. — É a época, tempo das caçadas famintas.

As duas mulheres estavam vestidas similarmente nas calças largas, túnicas pesadas e as botas das Amazonas Livres. Ambas carregavam longas facas, curtas demais para serem espadas. Por outro lado, não se podia imaginar contraste maior: Ramhara era baixa e atarracada. Seu curto cabelo grisalho ainda tinha o tom avermelhado e ligeiramente enrolado debaixo da touca branca que identificava as parteiras e tinha as bochechas arredondadas. Ela parecia com uma gentil avó; apenas a confiança em suas atitudes mostrava que haveria trabalho duro para ela.

Cara era alta, magra e nervosa. Seu cabelo bem curto envolvia sua cabeça em anéis crespos castanhos tão curtos que à primeira vista ela parecia um homem. Era uma *emmasca*, uma mulher que não encontrou paz no mundo das mulheres e então submeteu-se à operação ilegal de neutralização. Sua face cansada se suavizava enquanto franzia seus olhos distraídos para a amiga.

— Eu disse para você se exercitar para aguentar a viagem.

— Então meu desconforto teria durado meses. — retaliou Ramhara com uma risada.

Um grito soou na distância.

Ramhara parou de rir e ouviu.

— *Banshee!* — ela resmungou. — Eles tem algo grande.

Cara puxou sua amiga e começou a correr de volta na trilha até uma cobertura de árvores.

— Ouça quantos são. — ela falava ofegante enquanto corria. — Deve ser o começo de uma caçada. O som atrai todos os *banshees* ao redor. — ela parou em uma enorme árvore de raízes protetoras, examinando o espaço entre as raízes retorcidas, então começou a puxar as folhas e galhos agrupados ali. — Me ajude a ampliar esse buraco. — ela disse.

— Podemos fazê-lo proteger nós duas? — Ramhara começou a mover um grande galho num buraco entre duas rochas.

Cara parou.

— *Breda...* — ela disse a palavra em casta para a irmã acalmando-a enquanto falava. — Onde há espaço para uma, faremos espaço para duas.

Outro grito soou bem em cima das duas.

— Rápido. — Ramhara desesperadamente empurrou o galho. — Não tenho vontade de entrar nessa festa. — Ela pôs um peso considerável contra o galho. — Especialmente quando suspeito que seremos o prato principal neste banquete.

Então as raízes ficaram livres. As duas mulheres se arrastaram para dentro da toca que haviam criado atrás da barreira de galhos. A caçada continuou em volta delas até o longo dia virar noite, e as mulheres salvas dentro de sua gaiola de raízes se prepararam para dormir.

Enquanto a noite caía dentro da caverna de rochas quebradas, Togaim gemia debilmente, enquanto mergulhava profundamente em seu coma. Snavá sabia que sem ajuda ele morreria. Ela tinha estancado a torrente de sangue com seu lenço, mas isso era tudo que podia fazer sem água pra limpar suas terríveis feridas. Elas iriam se inflamar e envenená-lo. Ele já estava queimando em febre.

Snavá estava em frente a um dilema. Se suas mãos não tivessem acorrentadas, ela seria capaz de tirar Togaim das rochas. Suas correntes, embora decorativas, a impediam de movê-lo. Braceletes de metal em seus pulsos com as correntes presas através

de um firme gancho à sua cintura faziam o movimento de uma mão depender totalmente da outra.

Na tradição das Cidades Secas o comprimento das correntes denotava casta e posição. Como primeira esposa de Jolder, Lorde de Shainsa, sua corrente era elegantemente curta. Tão curta que ela podia alcançar sua boca apenas com uma mão depois que a outra estivesse na altura da cintura. Isso colocava a abertura, com sua chance de encontrar água, longe de seu alcance. Nem mesmo podia se mover muito além da ainda ameaça do *banshee*.

Ela sempre esteve protegida. Empregados sempre atenderam à suas necessidades. Protegida, mimada e mal-acostumada ela nunca precisou tomar uma decisão, nunca se ajudou. Agora ela não conseguia. Snava chorou.

Em seu sonho ela virou-se inquieta à luz que surgia, chorando alto. "Estou presa... Eu vou morrer. Oh Deuses, estou com medo..." Ela segurava nas barras de sua prisão com mãos desesperadas, enquanto as lágrimas escorriam em suas faces. "Me ajude... por favor, alguém me ajude."

Cara segurou as mãos estendidas de Ramhara.

— Estou aqui, Ramhara. — ela sussurrou. — Você está segura, *breda*. A caçada chegou ao fim.

— Oh Deusas. — disse Ramhara com um arrepio. Ela olhou para seus dedos arranhados e depois às raízes quebradas da árvore. — Eu não tinha pesadelos como esses há quarenta anos ou mais. Não desde que deixei a Torre. Ela sorriu pesarosa para sua amiga. — Você deve me achar uma solteirona com *laran* descontrolado.

— Então era isso, *breda*? — Cara ainda estava preocupada.

— Sim... - Ramhara parecia perdida nos pensamentos. — Sim era. Alguém próximo está se projetando sem controle algum para ser uma *leronis* treinada... e é muito poderosa para ficar sem treinamento.

Ramhara começou a se espremer através das raízes protetoras.

— Precisamos achá-la, Cara... *Laran* com essa força a deixará louca se continuar destreinado.

Curvada, Cara se arrastou para fora de seu santuário protegido.

— Sinto como se tivesse passado a noite numa cela. — ela riu enquanto se esticava. — Deusas, como é bom estar viva. — Ela acenou para o passo abaixo delas. — Você acha que sua *lenoris* em potencial está aqui?

— Sim, eu acho. — Ramhara estremeceu. — Ela parece estar presa e assustada, talvez por isso sua projeção estava tão forte.

Cara olhou para sua amiga em pavor.

— A caçada... Ramhara... ela foi encurralada por *banshees*.

As duas Renunciantes olharam repentinamente para o massacre logo abaixo. Os *banshees* não deixaram nenhum corpo intacto. O chão havia se tornado vermelho com o sangue de mais de vinte animais. Guardas *Cralmac*, servos, animais de carga. Tudo morto.

— Nada sobreviveu àquilo. — Cara estava pálida.

— Ela sim, Cara. — Ramhara olhou decidida para a carnificina. — Eu a sinto por perto.

Elas andaram através de um silêncio tão absoluto que mesmo o canto dos pássaros parecia lamentar a morte. Ramhara quebrou o pesado silêncio com relutância.

— Temo que ela tenha perdido a consciência. — ela olhou incerta à sua volta. — As imagens estão enfraquecendo.

— Olhe aqui, Ramhara. — Cara começou a escavar em uma pedra caída. — Vê isto? — ela estendeu uma túnica. — É o modo de vestir dos guardas das Cidades Secas.

— Escute...

Baixos soluços eram fracamente audíveis. Se ajoelhando para ajudar Cara, Ramhara descobriu a bota de um homem. Ambas aumentaram seu empenho.

— Este é um guarda. — Cara gentilmente removeu uma grande pedra de cima da pélvis do jovem homem. — Ele está em péssimo estado, *breda*.

Ramhara entrou na pequena caverna para ajudar Cara a empurrar o jovem guarda para longe das pedras restantes. No fundo

da caverna ela viu uma forma escura encolhida contra uma saliência, soluçando.

— Estou com sede... muita sede.

Então ela exclamou:

— Minha Deusa... é ela... Cara, ela está acorrentada.

Ramhara ajoelhou-se para ajudar a mulher acorrentada a beber de sua jarra d'água.

— Você vai ficar bem. — ela a acalmou. — Está salva agora. — Ela tremia enquanto olhava para as mãos da mulher. Os dedos estavam esfolados pelas tentativas de escalar a saliência. Não encontrando mais nenhum ferimento, Ramhara olhou com pavor para o homem ferido. — Cara, preciso de mais água.

Cara pulou para a saliência, procurando pela origem do som da água, encheu sua jarra com água gelada e trouxe de volta para a parteira.

— Minhas habilidades podem não ser suficientes para a gravidade de seus ferimentos, rapaz. — Ramhara disse suavemente ao seu paciente inconsciente, enquanto limpava as feridas com a água que Cara trouxe. — Mas você não poderia ajudar a trazer bebês ao mundo por mais de quarenta anos sem aprender algo sobre a arte da cura. — Então Ramhara se endireitou, as mãos pressionando suas costas. — Não posso fazer mais nada aqui, *breda*. — Seu rosto mostrava o cansaço de seu longo esforço. — Suas feridas estão limpas agora, mas temo que a infecção já tenha tomado conta. — ela virou de costas para o fundo. — Eu trouxe muito pouco remédios.

Seus olhos cansados caíram sobre a mulher acorrentada, ainda encolhida, mas não mais soluçando. Ela notou agora o que tinha não tinha percebido antes.

— Oh, Dama... — ela suspirou. — Você pôs jóias em suas pulseiras. Então a escravidão é tão agradável pra você?

A voz de Snava estava rouca do choro.

— Mulheres decentes não saem de outra maneira. Eu sou uma mulher decente. Primeira esposa de Lorde Jolder.

— *Mestra*. — o tom de Cara era de impaciência. — Nós não nos interessamos pela ocupação de seu mestre. Você não tem nome?

— Snava. — a resposta foi bem audível. — Dama Snava de Shainsa. — ela olhou para Cara. — É bem no meio do deserto. Eu estava viajando para encontrar meu mestre quando... — sua garganta se apertou.

— Cara... — Ramhara souu confusa. — Não é ela. Ela não tem *laran*.

Buartha descascava feijões regularmente na primeira luz da manhã. "*Bem cedo para ordenhar e se alimenta*"r, ela pensou. A sorte a havia trazido a aleijada *fuar-gabhar*, pesada com filhote, naquele primeiro ano. Sorte ainda melhor foi o nascimento dos gêmeos, um menino, naquela primavera. As cabras peludas da montanha corriam ariscas para as Hellers, mas uma perna quebrada fez uma fácil de domesticar. "*Certamente...*" ela pensou enquanto despejava os feijões em uma grande e grosseira vasilha. "*Uma represa e uma fonte de alimentação... sem necessidade de deixar nosso refúgio... nunca.*"

Ela balançou a vasilha para sentir seu peso. "*Isso deve dar pra nós.*" Ela largou cuidadosamente a vasilha. "*Tem que dar, com o campo todo carpido ontem.*" Prudentemente ela pôs de lado uma pequena vasilha de feijões. "*Sementes para o próximo ano.*" Ela pensou com satisfação. "*Ano após ano em minha vasilha.*" Franzindo os olhos ela olhou para o grande sol vermelho.

— Hora de ordenhar. — ela resmungou. — A criança podia ao menos ajudar com isso... Ainda dormindo, aposto. — Seu tom se tornou queixoso. — Ela costumava ser de tanta ajuda... — Balançou a cabeça. — Mas há algumas luas atrás... sonhando, como disse ontem... se esquivando, isso sim.

Ela gritou alto.

— Millim, venha aqui fora.

Nenhum som quebrou o silêncio.

— Millim... é hora de ordenhar.

Novamente nenhuma resposta da cabana.

Ainda reclamando, Buartha puxou a pele de cabra amarrada que servia como uma porta. As varas e galhos que formavam a parede da cabana estavam quebradas e manchadas de sangue.

Millim estava deitada sem sentidos, suas mãos em carne viva de arranhar as paredes.

— Deuses. — Buartha correu para o lado de sua filha. — Millim... Millim, o que há de errado? O que aconteceu?

A jovem estava deitada com os lábios roxos, sem responder. Então ela gemeu baixinho.

— Estou com sede... muita sede. — Ela lambeu os lábios. — Água... por favor me dê água.

— Acorde, Millim... — o desespero estava na voz de Buartha. — Oh, Deuses, você não pode ficar doente... Eu não posso ajudá-la se ficar doente. — Freneticamente ela olhou em volta. — Água... você tem que beber água.

Tremendo, Buartha agarrou a jarra d'água de barro e trouxe até a boca de sua filha. Esta escorregou de sua mão trêmula e caiu, batendo no chão sujo, com a água se misturando com o barro. *"Millim tem que beber água."* A crescente histeria fez Buartha ficar fora de si.

Tirando sua túnica, Buartha correu da cabana para o pequeno córrego e a mergulhou. Quando se inclinou para pegar a roupa molhada e voltar para Millim, parou repentinamente. Havia pegadas de botas no córrego... Uma estranha pegada de bota. Dominada, Buartha sentou no córrego e chorou. Em apenas um único dia dois dos seus maiores medos haviam se tornado realidade. Uma doença desconhecida havia tomado Millim e agora um homem estranho havia achado o vale.

— Oh Deuses... Homens nos acharam. — Buartha olhou com pavor. — Por que agora? Oh Deuses, tudo está perdido... Tudo está perdido. — Cheia de medo ela olhou em volta.

"Eu não posso deixar Millim", ela decidiu; então olhou sem esperança para as montanhas ao redor. *"E não posso carregá-la para a segurança"*. Soluçando, Buartha tombou seu rosto para dentro do córrego.

Uma estranha voz quebrou seu momento de aflição.

— Com licença... Posso ajudar?

Assustada, Buartha levantou-se de um pulo, a água escorrendo pela sua face e seu peito despido. Espiando através da água, ela só

pode perceber alguém alto e magro. Curtos anéis castanhos encimavam uma face marcada, cheia de preocupação.

O peito de Buartha estava tão oprimido que ela não conseguia nem respirar fundo.

— Vá embora. — balbuciou... Ela não tinha ar... as palavras não saíam...

Sentia seu coração bater descompassadamente em seu peito. Então a dor... rasgando, dor dilacerante enchendo seu mundo. Ela então caiu de cara no córrego.

— Ela acordou, *breda*.

Buartha abriu os olhos e olhou para a gentil face de uma senhora.

— Você não está seriamente doente, *mestra*. — A voz era tranquilizadora. — Foi o medo... você teve um colapso de medo.

Buartha viu que a face redonda estava envolta por um capuz branco, a touca de uma parteira.

— Meu nome é Ramhara n'ha Silima. — A voz suave continuava transmitindo calma. — Minha amiga e eu estávamos viajando da Casa da Guilda das Renunciantes de Temora para Nevarsin quando encontramos um problema. — Buartha se sentia calma pela gentileza na sua voz. — Nós não pretendemos te machucar, minha criança.

“*Engraçado ser chamada de criança*”, Buartha pensou... “*Eu, com uma filha já crescida*”. De repente ela ofegou.

— Millim! Oh Deuses... O que aconteceu com Millim? — ela lutava para se levantar. — Minha filha?

Uma mão firme a puxou de volta ao catre.

— Ela descansa agora e você também deve descansar.

Tranquilizada pelo tom confiante da voz da velha parteira, Buartha fechou os olhos. Enquanto ela caía no sono, pensou ter ouvido um estranho som de tilintar. “*Certamente são correntes que escuto*.” Ela pensou. “*Renunciantes devem ter estranhos costumes*.” Então ela caiu em um profundo sono de cura.

Millim acordou com um suave som metálico. Seus olhos se abriam quando ela lembrou. “*Pessoas*”, ela pensou. “*Há pessoas aqui.*” Excitada, ela se sentou e olhou em sua volta.

— Se sente bem agora? — a pergunta vinha de um homem alto e magro.

“*Não, é uma mulher*”, Millim notou, “*mas a estrutura era masculina.*”

— Sim, obrigada. — inesperadamente Millim se sentiu tímida.

— Ramhara ainda dorme. — a mulher gesticulou para uma grande figura enrolada no chão. — Ela chegou a seu limite ontem. Não consigo fazê-la entender que ela não é mais jovem. — Cara viu a curiosidade nos olhos da garota. — Eu sou Cara e uma mulher, ao contrário do que você vê. — Sua face se tornou grave. — Infelizmente já tinha mudado minhas formas quando percebi que não é ser mulher que eu odeio. — Cara parou e apontou para outra figura no chão, esta imóvel. — Temo por sua vida. — Cara inclinou-se e sentiu a testa do que Millim viu ser um homem jovem. — Sua febre não vai ceder.

A luz fluiu para dentro da cabana de repente, quando a porta pendurada foi empurrada para o lado. Millim reconheceu o som metálico que a tinha acordado enquanto a outra mulher ainda entrava na cabana.

— Você não pode deixá-lo morrer. — A voz da mulher era arrogante. — Eu ordeno que o cure. Preciso dele pra me levar de voltar para minha casa.

— Infelizmente, *mestra*... — Cara falou no mesmo tom. — os Deuses não são comandados por mortais. Seu destino depende deles e não de nós.

— Oh... que adorável. — O ofego involuntário de espanto de Millim chamou a atenção de Snava. — Posso... posso tocá-las?

Snava viu que os olhos da garota estavam presos nas jóias de suas correntes.

— Pode se aproximar. — ela disse desatenta.

— Por alguma razão eu não consigo admirar instrumentos de aprisionamento. — A voz de Cara rompeu em cruel divertimento. —

Conte a ela como quase morreu de sede por ter se submetido e se permitido ser tão submissa.

— Era você. — os olhos de Millim se arregalaram de horror ao relembrar. — Estive com você. Eu fui encurralada também.

— Você não foi encurralada. — A voz gentil da velha mulher acalmou Millim que entrava em pânico. — Isto é *laran*. Você foi abençoada com um poderoso *laran*, minha criança. — Ramhara suspirou enquanto ficava de pé. — Você vê imagens. — ela continuou depois de arrumar suas roupas. — Você as recebe de outros, quando estão aflitos ou sentindo dor. — Ela fez uma careta enquanto olhava para suas mãos calejadas. — Então você as projeta.

A parteira se moveu para checar seus pacientes. Primeiro Buartha, depois Togaim.

— Se você não aprender o controle, temo por sua sanidade. — suas mãos habilidosas checavam as bandagens de Togaim. — O dom de projetar claramente é extremamente raro. Você deve ir à Torre Arilinn. Apenas Leonie pode canalizar um *laran* tão forte.

— Ela não vai a lugar nenhum! — Buartha parou ameaçadoramente em frente da parteira. — Você quer roubar minha criança, velha?

Ramhara voltou a olhar para Buartha.

— Ela não é mais uma criança, *mestra*. — ela disse suavemente. — Com certeza você pode ver isso.

Mas Buartha não estava ouvindo. O movimento de Ramhara trouxe Togaim para a vista da nervosa mulher. Ela olhou com repugnância para o homem inconsciente.

— Você trouxe um homem para cá. — disse entre os dentes. — Um homem para destruir meu lar. — Como uma louca, ela se atirou para o homem desprotegido e começou a estrangulá-lo com toda sua força. — Ele não viverá para desgraçar Millim. — ela gritou. Seu corpo inteiro começou a tremer pela paixão de seu empenho.

Com dificuldade Cara a puxou do corpo sem resposta de Togaim e segurou-a bem.

— Vá para junto de sua mãe, Millim. — A voz de Ramhara estava perturbada. — Ela teme por você.

Millim abraçou sua mãe apesar da interferência de Cara.

— Mãe — ela a acalmou. — Não tema. Não há perigo.

Ramhara examinou seu paciente. Encontrando um pulso estável e uma fraca respiração, ela soube que ele sobreviveria ao ataque de Buartha. Mesmo sobrevivente do ataque do *banshee*, ele ainda estava nas mãos da Deusa.

— Está vivo, Cara.

Suavemente a tensão deixou Buartha.

— Não o atacarei novamente. — disse em uma voz controlada. — Por favor, me solte. — suas pernas arriavam com seu peso. Cara e Millim cuidadosamente a deitaram sobre o catre. — Eu perdi tudo. — A derrota na voz de Buartha era total. — Millim... nosso santuário... tudo... se foi.

— Um santuário existe apenas quando você pode abrir sua porta, *mestra*. — A voz de Ramhara era profunda e determinada. — De outro modo é uma prisão.

— Mas eu procurava nos proteger. — Buartha olhou para sua filha com amor. — Eu procurava afastá-la do mal.

— Sua proteção tornou-a sua prisioneira. — A velha parteira arriou com seu peso para o chão. — Eu não sei por que, *mestra*, mas o ódio nos transforma na coisa que mais odiamos. — A mulher idosa parou para organizar seus pensamentos. — Você odeia homens. Destruidores, você os nomeia. Mas você já destruiu sua criança.

— A destruí? — seu tom era de descrença.

— Se não receber nenhum treinamento, ela ficará louca. — Ramhara continuou com sua voz descompromissada. — Mas, além disso, cada pessoa tem o direito absoluto de escolher viver seu próprio destino.

A parteira ajeitou seu peso.

— *Mestra*, só há uma vida para cada pessoa e apenas uma. Você quer viver a vida de sua filha.

— Mas o que eu farei sem ela? Como sobreviverei aqui sozinha?

— Há outras alternativas além de viver em segredo. — Ramhara parecia distraída.

— Escravizada? Em correntes pela vontade de um homem? — Buartha olhou com desdém para Snava.

Snava levantou sua cabeça orgulhosa.

— Eu escolhi servir meu mestre e por essa escolha vivo em paz com ele... Ele me enfeita com jóias. — Snava ergueu as correntes para que a luz do sol se refletisse nas pedras. — Eu festejo quando ele festeja, durmo onde ele dorme, e vivo onde ele vive. Não tem nada de valor que eu não compartilhe. — Ela olhou ao redor em desgosto. — Eu não vivo como um animal.

Buartha deu uma olhada em seu lar, tudo o que havia feito com tanto orgulho para sua sobrevivência. Ela viu, primeiro, o que parecia, a rudeza de seu abrigo. O pobre cheiro de curtume agrediu seu nariz; cestas trançadas tortas e imperfeitas ofenderam seus olhos; leite azedo, já pardo em um copo de barro, a enjoou. Envergonhada ela escondeu o rosto em suas mãos.

— É verdade, Millim. — ela disse através das mãos. — Há tantas coisas que você nunca teve. Vestidos... copos verdadeiros... nem mesmo pão.

— Eu sinto que fui criada à base de leite barrento, mãe. — a voz de Millim se misturava com riso. — Mas, ah... Eu quero tentar outras coisas. — Ela afastou as mãos de sua mãe do rosto e olhou profundamente em seus olhos. — Eu... eu quero visitar o mundo dos meus sonhos. — Então olhou para o guarda inconsciente. — Quero aprender sobre homens... e vida. — Millim riu prazerosamente. — Mãe, quero aprender a dançar.

Buartha olhou de sua filha para a velha parteira.

— Eu fiz o melhor. — ela disse. — O meu melhor.

— Sim, você fez. — Ramhara respondeu. — Mas quando escolhermos a liberdade, ela às vezes se torna errada. Liberdade não é a mesma coisa que sabedoria.

Cara então parou e removeu sua túnica para que Buartha pudesse ver as terríveis mutilações em seu corpo.

— *Breda...* — ela disse suavemente para Buartha. — Eu virei meu ódio contra mim mesma e livremente escolhi destruir as minhas curvas femininas. Pensei que meus problemas eram lidar com minha feminilidade. — Ela vestiu novamente sua túnica. — Eu estava

errada. — Então pegou as mãos de Buartha nas suas. — Eu a chamo de irmã por que você mutilou seu espírito como eu mutilei meu corpo.

Ramhara falou enquanto também pegava as mãos de Buartha.

— Aprender amor-próprio não é difícil, *breda*. Pode ser feito sozinho. — Um gentil sorriso dominou seus velhos olhos. — Mas eu preciso ajudar.

— Você? — Buartha perguntou descrente.

— Apagar o meu ódio me levou meio ano na Casa da Guilda de Temora. — Ela apertou encorajadoramente as mãos de Buartha. — Onde o ódio mora, nenhum amor pode crescer, minha criança.

— Você pode me ajudar? — Buartha perguntou cheia de esperança.

— Nós podemos. — Cara e Ramhara falaram juntas.

— Esta é a razão de nossa irmandade existir. — Cara disse com um sorriso.

— Se prepare para a viagem, Buartha. — A velha mulher levantou do chão com dificuldade. — Millim deve ir para o treinamento. — Ramhara sorria abertamente agora. — E você também.

Fim

O ENCONTRO

por Nina Boal

Sobre Nina Boal e "O Encontro"

Nina Boal é uma estudante em tempo integral hoje em dia, estudando para ensinar matemática; estudou e trabalhou em computadores e ensinou crianças com problemas mentais. É solteira e vive em Chicago com sete gatos; um de seus hobbies é criar e expor gatos siameses. Outro, como podemos adivinhar pela sua história, é artes marciais, neste caso kendo japonês ou luta com varas. Ela foi publicada na Fighting Women News, uma revista sobre artes marciais, e nos Contos das Amazonas Livres; esta história apareceu em um formato um pouco diferente na outra publicação.

Nina diz: "Eu tenho estado interminavelmente envolvida nos movimentos feministas, e nunca fui convencida que há diferenças biológicas em nascer 'homem' ou 'mulher'. Por isso o mundo de Al Faa onde o papel de 'homem' ou 'mulher' são invertidos. Por isso a personagem principal de minha história é uma Amazona Livre, e é atualmente uma história de ficção científica lidando com viagem espacial.

MZB

Mhari n'ha Linnell subia devagar a trilha da montanha. Era quase primavera e o sol brilhava com um vermelho intenso, mas um vento fraco soprava através das árvores, lembrando o inverno passado. Mhari retirou seu manto protetor e tentou se concentrar apenas em colocar um pé diante do outro até que pudesse alcançar seu objetivo, um abrigo de viajantes onde pudesse descansar seu corpo à noite.

Mhari era da *Com'hi Letzii*, a Ordem das Renunciantes, e era guerreiro mercenário por profissão. Nascida Mhari Ridenow-Lanart, ela descobriu logo na infância o talento com a espada. Para uma *comynara* isso era indesejável, um talento inaceitável, mal interpretado até pelo que acarreta. O único em sua família que entendeu e aceitou seu dom foi seu irmão mais novo, Rafael.

Uma saudade doeu dentro dela quando pensou mais uma vez em seu irmão. *Rafe, agora eu quero vê-lo de novo; Eu sempre penso em você!* Ela não o via por muitos anos, desde quando entrou para a *Com'hi Letzii*. *Quando o pai me repudiou, o proibiu de me ver, mas isso não me impediu de tê-lo sempre em meus pensamentos, ou de rezar por sua segurança!* A pedra da estrela que usava em volta de seu pescoço brilhava enquanto ela emanava os pensamentos. Ela relembrou tempos distantes, a alegria das lutas de espada de mentira que lutaram na infância, quando tinham se davam tão bem...

Ela tinha que pensar no presente. Trabalhos estavam escassos recentemente. *Muitos soldados e poucas guerras, nesses dias*, ela pensou, tentando ser filosófica. Desafiando os costumes, viajava sozinha, mas começou com uma companhia. Tinha vendido o cavalo e por isso agora tinha que viajar a pé. *É só continuar a escalar*, disse a si mesma. *Logo chegaremos lá. Tão cansada. Cansada? O que isso significa?*, seu instrutor de defesa costumava dizer durante as aulas com armas. *Lindo, belo dia: Eu realmente não preciso montar*. De repente ela sentiu uma dor, *Lira, minha égua, minha companhia constante, me perdoe. Agora você tem uma boa casa. Eu não posso mais alimentá-la ou cuidar de você adequadamente*. Ela pensou no fazendeiro, sua gentil esposa e amável filho, mas estava mais

aliviada. Ela só podia dar de ombros e pensar no resto que a esperava no abrigo de viajantes.

Sozinha no abrigo de viajantes, uma mulher retirou seu manto e ajoelhou-se nele. Estava vestida como nenhuma outra mulher em Darkover e, sem dúvida, era uma estranha para essas encostas e montanhas. Ela era Akiira benNemma Amara, Lorde da Província de Imaza em Al Faa, *The Land*. Ela sabia que não estava em *The Land*, mas em uma nova terra, muito distante e estranha. Esta jornada era o ápice de seu treinamento como uma Viajante-Luz. Através de técnicas especiais de meditação, ela podia concentrar seu corpo em moléculas para viajar pelo espaço em um feixe de pura luz.

Al Faa, Akira pensou. The Land, minha terra que é meu lar e é única. Mas viajar para outros mundos era proibido em Al Faa, proibido desde o Isolamento há muitas gerações atrás quando a Rainha Tanaiyru Alfaya reinou. A Rainha fez uma lei onde a cultura única da nação de Ama, Divindade do Sol, e Seu consorte, Xeruo da Lua, deveria ser mantida pura e intocável pela influência estrangeira.

A Ordem dos Viajantes-Luz não reconhece nenhum limite exceto aqueles da mente. Tinha afirmado o sacerdote-Lua Numio. Mesmo sendo apenas um homem e de origem camponesa, Numio foi seu professor. *Os Viajantes-Luz não reconheciam classe, sendo mulher ou homem* e essa era a doutrina que Akiira se esforçava em acertar. Mesmo sendo uma Lorde e uma Conservadora em *The Land*, Akiira Amara era também uma fora-da-lei de uma ordem secreta e proibida.

Um homem jovem, vigoroso, estava a caminho de casa vindo do banquete de casamento de sua irmã. Ele parou no abrigo de viajantes para descansar. Se assustou ao ver uma jovem mulher, vestida em botas de couro, calças largas, e uma túnica verde da lã mais delicada envolta por um cinto verde escuro. *Deve ser uma Amazona Livre*, ele estava pensando, mas seu cabelo vermelho flamejante estava amarrado em uma longa trança que quase alcançava sua cintura.

— Bem, olá! — exclamou o homem jovem, apenas para parecer muito espantado quando a mulher, em um amplo movimento, tirou de uma bainha presa nas costas uma longa espada curva. Ela segurou a espada acima da cabeça, usando as duas mãos.

— Como se atreve a se aproximar do corpo de Lorde Akiira Amara? — ela desafiou. O homem se afastou e caiu sobre as madeiras, decidindo que sim, ele devia ter bebido muito no banquete...

Akiira se ajoelhou em frente à espada e recitou o ritual diário que um guerreiro em The Land deve repetir todos os dias para preservar sua relação com a Companhia que, como ela, tinha uma alma. Guardando sua espada, ela pegou de seus alforjes guloseimas de seu próprio planeta. Ela estava quase acendendo o fogo para cozinhar quando outro viajante chegou ao abrigo. Ao contrário do jovem, esse viajante, sendo uma mulher, tinha mais a aparência de um guerreiro. Ela observou a viajante tirar o manto e sem preparar nada para comer, deitar para descansar.

O cabelo da guerreira, da mesma cor que o de Akiira, era curto. *No meu planeta*, Akiira refletiu, *somente um proscrito corta o cabelo curto*. Seu próprio cabelo estava amarrado numa trança de guerreiro como costumava ser. A arma da mulher era muito mais curta do que as espadas dos guerreiros de Al Faa e da própria Akiira, estas tão longas que eles tinham que carregá-las em longas bainhas penduradas em suas costas. *Devo lembrar-me que diferentes planetas têm diferentes costumes*.

Ela queria conhecer esta guerreira. As técnicas que a permitiram viajar em um feixe de luz também permitiam que ela aprendesse linguagens estranhas dentro de um curto tempo.

— *Z'par servu, domna*. — ela se apresentou à outra mulher em darkovano. — Sou uma viajante, não desta terra, mas de um planeta distante.

A mulher examinou Akiira, emanando um contato telepático que se estendeu para sua mente. Akiira não sondou a mente da outra mulher; como uma Viajante-Luz, havia se comprometido a não usar seus poderes para nenhum propósito.

— Posso perguntar — replicou a guerreira darkovana. — você é uma *Terranan*? — Akiira estava confusa. — Do planeta Terra? — continuou a darkovana. — Há muitos *Terranan* em Darkover. Eu mesma já trabalhei com dois deles.

— Não, não *Terranan*. — disse Akira. — Venho de um planeta simplesmente chamado de Al Faa, *The Land*. Em Al Faa, há um grupo dedicado em Viagens-Luz para outros planetas, e foi assim que eu cheguei aqui. Foi assim também que aprendi sua língua. Meu nome é Akiira benNemma Amara, e em meu planeta sou Lorde da Província de Imaza. Mas aqui, sou apenas uma estranha. Se posso perguntar, guerreira, poderia saber seu nome e família e para que serviço foi contratada?

— Meu nome é Mhari n'ha Linnell, *vai domna*, e não tenho família exceto por aquelas da *Com'hi Letzii*. Sou uma mercenária que oferece serviços para aqueles que pagam por ele.

Uma mercenária? Será ela uma proscrita? Akiira se perguntou. Em Al Faa, apenas uma proscrita, rejeitada pela sua família e clã por algum ato vergonhoso, venderia seus serviços.

— Não, *vai domna!* — Mhari exclamou orgulhosa. — Não sou uma proscrita. Sou uma livre cidadã de Darkover e escolhi meu modo de vida em um caminho honroso.

— Por favor me desculpe, guerreira. — Akiira se apressou em dizer. *Agora eu já fiz*, ela pensou. *Essa é minha fraqueza. Tenho dificuldade em interpretar situações sociais. Mas ela leu direto da minha mente.*

— Deixe-me explicar. — ofereceu Mhari. — Eu já fui do Comyn, a casta dominante, nascida na família Lanart. Mas nasci com um estranho dom para a espada, que seria bem vindo para aquele que pudesse herdar o patrimônio de nossa família. Mas é claro que eu não poderia herdar.

— Você tem uma irmã mais velha que já é herdeira? — perguntou Akiira.

— Não, meu irmão mais novo, Rafael, é o herdeiro.

— Seu *irmão* mais novo é o herdeiro? — Uma rápida premonição de algo altamente irregular estava começando a formar-se na mente de Akiira. — Você vê — ela explicou. — minha mãe,

Lorde Nemma Amara, deu à luz meus cinco irmãos mais velhos antes de mim. Nosso clã estava em crise por que um garoto não pode ser Lorde de uma província, apenas uma garota.

Os olhos de Mhari estavam arregalados em confusão.

Akiira continuou.

— Quando minha mãe estava chegando ao fim de seus anos férteis, finalmente me deu à luz e a crise foi superada. É claro que tínhamos o problema de achar pares adequados para meus cinco irmãos. Mas por que você foi passada pra trás por seu irmão, entre todas as pessoas?

Akiira podia sentir uma suave sondagem de sua mente e, não vendo ameaça, levantou as barreiras exteriores.

— Eu sabia! — gritou Mhari. — Os papéis são inversos! Eu sabia que isso podia acontecer! *Vai domna*, eu sei a resposta! — Akiira conseguia apenas olhar para Mhari. — Você está tentando me dizer que sua sociedade é comandada por homens?

— Sim. — respondeu Mhari. — Homens são os soberanos. Mulheres são apenas as que geram crianças e belos objetos de desejo dos homens. Mulheres não podem usar a espada para o Comyn; elas nem mesmo podem carregar uma espada. Mesmo assim, nasci para a espada; agora carrego esta adaga. — ela mostrou sua arma.

Isso é incrível, pensou Akiira, A Ordem dos Viajantes-Luz vivia me informando sobre culturas alienígenas, mas ninguém me preparou para isto! Ela nem podia se lembrar que os homens em seu planeta não organizaram nenhuma Ordem dos Renunciantes. *Eles nem precisam. Estão bem contentes com seus papéis em cuidar, entreter e prover alimento para nossas crianças.* Então ela lembrou de seu professor, Numio, e dos outros homens dos Viajantes-Luz. *Eles certamente não estão contentes com o papel dos homens.* Talvez, apesar de tudo, Darkover não fosse tão diferente.

— Então, para aprender a lutar com a espada, você teve que abandonar sua família? — perguntou Akiira.

— Eu... Eu fui deserdada. — Mhari replicou, olhando para baixo. — Minha família é muito severa. — Olhou novamente para Akiira. — Não me arrependo do que fiz; eu realmente não tive

escolha. Muitas de nós deixam as famílias para trás quando entram para as Renunciantes, mas particularmente, sinto falta de meu irmão Rafael. Costumávamos praticar luta com espadas juntos quando éramos crianças, depois fui proibida de praticar. Mas... — ela suspirou. — o mundo será como tem que ser e não como gostaria que fosse.

— Você é uma mercenária. — apontou Akiira. — Eu poderia contratá-la para me escoltar em uma viagem pelo seu planeta?

— Oh sim! Estarei a seu serviço, *vai domna*. — disse Mhari, animada.

— Você me ensinou coisas sobre Darkover. — disse Akiira. — Agora eu mostrarei a você algumas coisas sobre Al Faa. — Ela mostrou à Mhari suas guloseimas. — Nós festejaremos com isto esta noite.

— E amanhã — declarou Mhari. — levarei você a uma visita ao meu mundo.

Rafael Ridenow-Lanart estava cavalgando sozinho em uma trilha em direção à Thendara. Esteve visitando seu pai na noite anterior e voltava para seus deveres como um homem da Guarda. Mais uma vez, ele e Julian Lanart haviam discutido sobre o mesmo assunto.

— Pai — Rafael perguntou durante o jantar. — quando você perdoará minha irmã, Mhari? Quando a aceitará de volta à família.

— O inferno mais frio de Zandru arderá em chamas — Julian Lanart tinha declarado. — antes disso acontecer! Ela é uma desgraça, vestida como um homem e vendendo suas habilidades para quem pagar mais! — ele escarneceu. — Que tipo de habilidades ela realmente venderia, afinal?

Rafael havia perdido o apetite. Linnell Ridenow-Lanart abaixou a cabeça, corando.

— Mãe, diga algo a ele! — Rafael objetou.

— Não é meu direito interferir nas decisões de meu marido. — Linnell replicou, mantendo os olhos abaixados.

Meu pai nunca quis uma esposa e filha, refletia Rafael enquanto cavalgava. Ele quer escravas para atendê-lo quando

precisar! Este é o lugar onde acha que uma mulher deve estar. Ele poderia ter nascido nas Cidades Secas!

Ele se perguntou onde sua irmã estava, o que estava fazendo, *em quais montanhas distantes você anda agora?* Como um irmão protetor, ele perguntou: *você está com frio e fome?* Mhari certamente não precisava de sua proteção. No seu serviço como homem da Guarda, ouvira boatos sobre suas proezas contra bandidos que infestavam os Domínios. *É bem mais do que o mundo em volta de mim. Eu luto em um local de treinamento contra Guardas camaradas. Minha irmã enfrenta inimigos reais.*

De repente, ele nem teve tempo para pensar. Um bando de vinte homens montados saiu de trás algumas árvores, cercado-o, agarrando as rédeas de seu cavalo. Seu líder, um homem de cabelos descoloridos falou bem alto para ele:

— Que jeito de recuperar meu *kyhar!* Este dará um bom preço nos mercados de Ardcaran!

Rafael o olhou em desafio.

— Eu passarei para o outro mundo e levarei alguns de você comigo antes disso acontecer! — ele declarou.

Empunhou sua espada e começou a golpear, imediatamente derrubando dois dos homens. Furioso, o outro homem veio por trás dele, agarrando suas armas, o desarmando. Enquanto ele se debatia com raiva, o homem o segurou enquanto seu líder pegava uma corda e amarrava suas mãos e pés. Foi pendurado em cima de seu cavalo como uma bagagem em um *chervine* de carga e amarrado de bruços, de modo que a fuga fosse impossível.

Ele sentia os olhos do líder observando-o enquanto pendia do cavalo.

— Permita-me me apresentar, *vai dom.* — disse com falsa cortesia. — Omar de Tarsa, aos arredores de Shainsa, *Z par servu!* Sim, você será uma propriedade muito valiosa!

Omar montou em seu cavalo e o bando partiu.

Enquanto Rafael sentia seu corpo triturado a cada passo do cavalo, sua mente voava descontroladamente longe, *Mhari! Mhari, minha irmã, socorro, venha me ajudar...*

Mhari andava pela estrada, escoltando sua empregadora, Lorde Akiira Amara. *Como é grande o Universo para ter sociedades como a dela, onde mulheres são os lordes das propriedades? E ainda por cima ela é humana, como os Terranan e nós mesmos. Talvez o Universo não seja tão grande.*

Às vezes ela olhava com curiosidade para as naves espaciais terráqueas sempre que seus viajantes eram trazidos para Thendara. Mas ser capaz de usar a telepatia para viajar através do espaço em um feixe de pura luz? Que tipo de *laran* era aquele?

— Habilidades telepáticas são ensinadas. — determinou Akiira.
— Não são hereditárias, qualquer um pode aprendê-las. Até um garoto camponês pode aprender.

Mhari sempre fora ensinada que o *laran* era um traço de sua herança Comyn; o Comyn descendia dos Deuses. *Se pudéssemos viajar através da luz...* Mas então ela se lembrou das histórias sobre a Era do Caos. *Não, isso seria demais para controlar.*

— *Vai domna*, por que a viagem-luz é proibida em seu planeta?
— perguntou Mhari.

— Por que nossa cultura é única, descende de Ama, Lorde da Luz, e sua sensibilidade seria alterada.

Mhari se perguntou, *todos nós parecemos descender dos Deuses e ainda desconfiamos uns dos outros. Talvez os Deuses estejam rindo de nós.*

Enquanto andavam, Mhari pensou por um minuto, *Se eu pudesse ir ao seu planeta não precisaria mais ser uma mercenária. Poderia ser seu escudeiro, ou seria sua escudeira?*

Ela de repente sentiu sua adaga tremer; era um sinal de percepção de seu *laran*. Ela ouviu uma voz em sua mente: *Me ajude, minha irmã! Me ajude!*

Rafael, reluziu sua consciência. Ela viu uma imagem dele, amarrado indefeso, raptado por habitantes das Cidades Secas, do mesmo jeito que raptaram Melora Aillard para ser concubina de Jalak e escrava, há muitos anos atrás.

Rafe, ela emitiu de volta, *estou aqui. Não desista.*

— *Vai domna*, ela se dirigiu para Akiira, — meu irmão está em apuros. Devo ir ajudá-lo.

— Irei com você. — Akiira se ofereceu.

— Não é necessário. Isso envolve minha família; e não você.

— Eu não desperdicei anos treinando com isto — exclamou Akiira, indicando sua longa espada. — Então deveria ser protegida como um fraco homem indefeso? — *E ainda*, Mhari leu o próximo pensamento de Akiira, *será uma boa aventura para contar aos outros quando voltar pra casa.*

— Bem, então vamos! — Mhari falou bem alto. — Há duas de nós e dezoito deles, então será mesmo uma boa aventura para se falar. Isto é, se vivermos para contá-la!

Mhari levou Akiira para trás de algumas árvores perto de uma trilha.

— Estarão cavalgando por aqui logo. — ela explicou. — Faremos uma emboscada. Quando chegarem, tentarei libertar meu irmão, então seremos três contra dezoito; diminuirá um pouco suas chances. — ela ouviu Akiira sussurrar um ritual em sua própria língua. *Avarra e Evanda!*, ela percebeu subitamente, *fazem cinco anos, e finalmente verei meu irmão numa situação como esta!*

Ela os viu, a caravana dos homens das Cidades Secas, carregando seu cativo.

Rafe, fique quieto! enviou para ele, *tenho alguém para me ajudar, você NUNCA irá acreditar. Nós iremos resgatá-lo e te dar uma espada. Será justamente como nossas antigas práticas com espadas...*

Mhari, irmã, estou pronto. Ela recebeu seu pensamento. Ela e Akiira esperaram atrás do monte de árvores.

— *Agora!* — Mhari gritou e então elas saltaram entre o bando das Cidades Secas. A adaga de Mhari e a longa espada curva de Akiira golpeavam pra trás e pra frente, derrubando um depois do outro, várias vezes. A adaga de Mhari alcançou Rafael, cortando suas cordas. Ela estendeu a ele uma espada de um homem que havia matado e viraram três, lutando furiosamente. Então Mhari encontrou-se em frente ao líder, enquanto Akiira e Rafael encaravam os outros.

— Então Omar de Tarsa está enfrentando uma das *menhiedrini* — cuspiu o homem das Cidades Secas — e você é uma feiticeira do

Comyn, também! De onde venho, uma mulher direita sabe seu lugar!

— E de onde eu venho — determinou Mhari, - não mantemos pessoas em correntes! Sua raiva começou a aflorar enquanto sentia sua pedra da estrela pulsando. *Como se atreve a botar suas mãos imundas em meu irmão!* Ela forçou a mente dele a conectar-se com a sua. Ele se manteve imóvel enquanto ela avançava, em sua direção. *Serei misericordiosa*, ela decidiu, retirando sua mente. Ela cortou seu corpo com a adaga direto até o fim, matando-o instantaneamente.

Vendo seu líder morto, os poucos homens que sobraram se afastaram e fugiram para dentro das florestas. Mhari e Rafael simplesmente se olharam, então se abraçaram em fraternidade enquanto Akiira observava.

— Rafe! — Mhari falou, os olhos úmidos. — Faz tanto tempo! Eu... eu pensei que nunca mais o veria novamente.

— O pai me proibiu de vê-la, mas os Deuses desejaram ao contrário. — disse Rafael, aliviado. — Você e sua companheira me salvaram. — ele olhou para Akiira. — Por favor, me apresente.

— Esta é Lorde Akiira Amara, minha empregadora. — disse Mhari. — Ela é uma visitante de Al Faa, onde os papéis são o oposto daqui em Darkover, você tem que ser mulher para que seja Lorde. Ela chegou em Darkover através do *laran* de viajar pela luz através do espaço. Ela pertence à Ordem dos Viajantes-Luz.

Rafael se curvou para Akiira.

— Muito prazer. — Akiira se curvou em resposta.

Mhari sorriu da confusão de seu irmão, lendo seu pensamento: *Então é verdade, os papéis podem ser diferentes. Eles não são congênitos.*

Akiira havia lido o pensamento, também.

— Na Ordem dos Viajantes-Luz, não julgamos os papéis. Apenas que a Luz é constituída por elementos de moléculas, — Akiira explicou. — então somos todos humanos. — Akiira olhou para o céu. — Eu voltarei ao meu planeta antes que notem minha falta. Quando perceberam que eu fiz uma Viagem-Luz para longe de Al Faa, a penalidade será minha morte e a expulsão de meu clã. — ela

riu, quase com amargura. — Minha sociedade não acredita nos elementos de moléculas. Acreditam que somos diferentes e únicos. Por que fiz a Viagem-Luz e pus em perigo meu clã inteiro? Não é racional, mas às vezes sinto a necessidade de fazer coisas irracionais. — Ela enfiou a mão no bolso e retirou dois medalhões que traziam um símbolo de duas linhas paralelas. Ela os deu para Mhari e Rafael. — Esse é o emblema dos Viajantes-Luz. — ela explicou. — Duas linhas, lado a lado em igualdade. Espero que ajudem a se lembrarem de mim.

— Você vai embora? — Mhari perguntou ansiosa.

— Devo ir. — Akiira replicou, se ajoelhando no chão. — Fiquem um pouco longe. — advertiu. — Mas vocês podem observar. Exige muita concentração. Quem sabe eu poderia não aterrissar no lugar onde comecei, mas em um tempo e lugar totalmente diferente. Poderia nunca mais voltar pra casa. Estamos ainda no estágio experimental. — ela sorriu. — Eu quero lhes agradecer. É impossível expressar o quanto sou grata em conhecer vocês.

— *Vai domna...* — Mhari começou.

— Agora vou começar a chorar, como um homem...

— Sim — disse Rafael. — como um homem. — *Apenas os verdadeiros homens choram*, o pensamento se esvaiu.

— Talvez todos nos encontremos de novo algum dia. — Akiira disse. — Ou eu retornarei, ou vocês aprenderão Viagem-Luz e me visitarão em algum lugar. *Adelandeyo!*

Akiira Amara, Lorde da Província Imaza em Al Faa, fechou seus olhos e começou a focalizar sua mente. Então seu corpo se misturou com um feixe de pura luz, e depois se foi.

Mhari olhou para Rafael.

— Nós sonhamos isso? — ela perguntou.

Rafael estava segurando seu medalhão, observando as linhas paralelas.

— Acho que não. — ele murmurou. — Em Thendara, tive uma função perto do espaçoporto terráqueo e vi os espaçonautas. Às vezes, olho para as estrelas...

— Eu faço a mesma coisa sempre que tenho trabalho em Thendara! — exclamou Mhari, — meu irmão, nós pensamos tão

parecido!

— E se não pensássemos — disse Rafael. — se você não tivesse sido capaz de receber minha mensagem, se você não tivesse o talento que o pai tanto despreza, se você não tivesse conhecido sua amiga espaçonauta... — ele estremeceu. — Eu estaria sendo comercializado nos mercados de Ardcaran!

— Rafe — propôs Mhari — não importa o que nosso pai declarou, devemos manter contato, devemos ficar próximos.

Rafael acenou com a cabeça.

— Devemos. Nosso pai não pode manter um irmão e uma irmã separados.

Mhari retirou uma adaga de sua túnica.

— *Bredu*, você trocaria comigo?

— *Breda* — começou Rafael.

Ele uniu sua mente na dela: *não importa onde cada um de nós esteja não importa o quão longe estivermos, não importa o que qualquer um diga, nós somos bredin*. Ele tirou sua adaga, e fizeram a troca.

— *Bredu*, para onde está indo? — Mhari perguntou.

— Para Thendara, Mhari, *Breda*, para me juntar aos homens da Guarda. E você?

— Aqui e ali, como sempre, procurando por trabalho. — Mhari replicou.

— Por que você não vem para Thendara comigo? — Rafael convidou. — Haverá trabalho lá. O espaçoporto está crescendo, assim como todos os problemas nele envolvidos. Há sempre alguém procurando por proteção.

— Se não achar nada, sempre posso conseguir trabalho como lavadora de pratos. — observou Mhari.

— De qualquer forma, preciso de uma boa e forte escolta para me acompanhar em minha viagem. — disse Rafael. — no caso de alguém mais decidir que eu daria uma boa peça de propriedade.

— Olhe! — Mhari percebeu. — os homens das Cidades Secas deixaram-nos um presente. — ela apontou para dois cavalos que estavam pastando. — Venham aqui, bonitinhos, nós não vamos machucá-los.

Ela montou em um dos cavalos e deixou o outro para Rafael. Logo os dois, irmão e irmã, estavam em seu caminho para Thendara enquanto o sol vermelho continuava brilhando o esplendor do meio-dia.

Fim

A BUSCA DE UMA MÃE

por Diana L. Paxson

Sobre Diana L. Paxson e "A Busca De Uma Mãe"

Diana Paxson sempre diz, quando perguntam como se tornou escritora, que ela "se casou nisto". O fato é que ela se casou com meu irmão Don e então, depois de viver entre escritores profissionais por tantos anos, uma criatividade escondida surgiu naturalmente. Diana teve a distinção de ser a única pessoa a aparecer em toda antologia que eu publiquei; mas isso não é nepotismo, apenas gosto muito de seu trabalho. Suspeito que gostaria de suas histórias do mesmo jeito se ela vivesse o mais distante do país e nunca a tivesse conhecido face a face; mas me considero privilegiada de ser sua amiga e irmã, e de algum modo seu modelo, como ela mesma diz.

No momento ela está ensinando leitura medicinal enquanto completa o terceiro livro de sua série de fantasia sobre Westria. Ela também escreveu o livro de fantasia contemporânea Brisingaman (O colar de Freya) e um punhado de excelentes curtas histórias das quais esta é a mais recente. Ela vive perto de mim em Berkeley e tem dois filhos, Ian de dezesseis anos e Robin, de onze.

MZB

— Caitrin, está aí dentro? Você tem visita!

Caitrin pulou, olhou distraída para a agulha que segurava nas mãos e cuidadosamente a colocou no arreio de couro que havia trazido à seu quarto para consertar. Stelle a repreenderia por tratar de sua tristeza dessa maneira.

— Caitrin?

— Sim, estou aqui. — ela lutou para se recompor.

Suas irmãs na Casa da Guilda já estavam preocupadas com ela, ela não devia lhes dar motivo para isso. Era só porque estava sendo muito difícil se concentrar desde que lhe contaram sobre Donal...

Caitrin fechou os olhos, como se isso pudesse apagar a última memória que tinha dele: lágrimas silenciosas rolando pelas bochechas rechonchudas da criança de quatro anos, enquanto a porta da casa de seu pai se fechava entre eles. *Meu bebê*, ela pensou, *eu nunca deveria ter deixado você ir!*

— E aí, você está descendo? É uma moça, com muitas peles em seu manto e fivelas de cobre. — A voz de Tani era de surpresa. — Ela disse que a conhece, mas não disse o nome.

Caitrin sentiu algo se apertar dentro dela.

— Uma Ridenow? — ela mal conseguia dizer a palavra.

— Pode ser... — Tani disse animada. — O homem que a escoltou até aqui estava vestindo verde e dourado, e ela tem cabelo vermelho.

Caitrin deu um profundo suspiro.

— Diga a ela que já estou descendo.

Ela ouviu os passos da garota voltando para o vestíbulo e pensou que fora bom que Tani tivesse trazido a mensagem. Caitrin não sabia se podia encarar uma das mulheres mais velhas da casa que sabiam o que é perder um filho; não agora, quando devia confrontar uma visitante que pertencia à família nobre de sua criança.

Ela olhou atentamente para o espelho embaçado e tentou arrumar seus cachos castanho-claros. Havia uma mancha de gordura em sua camisa, ela percebeu, e suas calças largas estavam prontas para a caixa de refugos. Este não era o tipo de vestimenta para receber damas do *Comyn*. Mas o que isso importava, afinal?

Caitrin se endireitou, arrumou uma das rendas de sua camisa e abriu a porta. O que importava era que ela tinha estado bonita o suficiente para atrair a atenção de Lorde Edric Ridenow em uma Noite de Festival há nove anos atrás, e ficado bêbada o suficiente na dança e com muita cerveja da montanha para deixá-lo fazer amor com ela, e assim Donal tinha nascido.

E eu queria um bebê, lembrou a si mesma com amarga clareza. *Uma menininha que Stelle e eu pudéssemos criar.* Mas sua criança tinha sido um menino, que ela tinha dado para ser criado na família de seu pai há quatro anos atrás, e agora ele estava morto, então dificilmente faria alguma diferença o que sua visita pensasse dela.

Caitrin tremia enquanto descia as escadas, pois o verão tinha esfriado, e até considerou voltar para seu quarto para pegar um xale. Mas ela não tinha energia pra isso, e sabia que no salão de visitas teria uma lareira.

Quando Caitrin entrou no salão, sua visita estava sentada ao lado do fogo, trabalhando com grande concentração em uma peça de bordado que havia tirado de sua bolsa. Caitrin deixou que a porta se fechasse atrás dela, dizendo para si mesma que pela dama do *Comyn* que pensava encontrar, essa era apenas uma garota.

A tranca deu um estalo e a garota se virou abruptamente, lembrando Caitrin dolorosamente do modo como a crítica de Tani a havia alarmado. Então ela franziu o cenho. Esta criança obviamente era uma Ridenow, mas ninguém que ela conhecia...

— *Domna?* — o tom de Caitrin mostrava a dúvida.

A garota *Comyn* se levantou com um suspiro.

— Você não se lembra de mim? Bem, foi há quatro anos atrás, e suponho que eu tenha crescido um pouco.

Caitrin deu um passo involuntário à frente, sua memória repassando suas lembranças da única vez que esteve na casa dos Ridenow em Thendara. Mais uma vez ela viu as paredes envidraçadas com seus tecidos detalhados pendurados, o silenciar das pajens e criadas rodeando Donal, e olhares de desdém para a alta Amazona Livre que o havia trazido. E... sim, havia uma garota de uns dez anos, assistindo a tudo com grandes olhos cinza.

— Me perdoe... — Caitrin disse suavemente. — Agora me lembro de você, mas nunca soube seu nome.

— Sou Kiera... — a garota disse simplesmente. — filha mais velha de Lorde Edric. Quando Donal veio para viver com a gente... Você deve saber que todos foram gentis com ele — ela acrescentou rapidamente — mas meu pai estava sempre tão longe e depois que seu último bebê morreu, a saúde de minha mãe ficou debilitada. Havia muitas pessoas para cuidar de Donal, mas ninguém que realmente se importava com ele, exceto eu... — os olhos cinza se tornaram mais luminosos de repente e então Kiera deu um rápido suspiro e lágrimas começaram a rolar.

— E você veio para me oferecer condolências? — Com esforço Caitrin soltou as palavras. — Eu agradeço, Dama Kiera. Eu fui... grata... que alguém ao menos se importou em me avisar. Eu não esperava... — Caitrin engoliu e tentou de novo. — Como aconteceu, minha dama? Eles não me disseram...

Kiera havia virado um pouco para que Caitrin não pudesse ver seu rosto. Ela estendeu suas mãos com longos dedos para o fogo.

— Tem havido muitos estranhos acidentes no *Comyn* recentemente, você deve ter ouvido... — ela disse quase apologeticamente. — Acidentes, e assassinatos. — ela disse entre os dentes. — O pai mandou Donal e eu para Serrais por segurança, enquanto estivesse fora do planeta, e quando estávamos lá alguém veio em um helicóptero e raptou Donal... — As palavras vinham em um turbilhão e Kiera deu um rápido suspiro. — Os terráqueos captaram o helicóptero em seus sensores e mandaram aviões à procura. Então os seqüestradores deram a volta pelas Hellers. Foram pegos pelos ventos cruzados, estamos achando, e caíram.

Caitrin estremeceu, pensando pelo que deve ter passado Donal, primeiro sendo capturado por estranhos, homens brutais, e depois a queda rápida e talvez chamas...

— Meu pobre pequeno... — ela sussurrou cegamente. — Que terrível maneira de morrer...

— Mas foi por isso que eu vim... — disse Kiera em voz cansada. — Eu não acho que ele morreu. Mesmo sendo apenas meu meio-irmão, éramos muito unidos, *Mestra* Caitrin. Quando alguma

coisa acontecia com ele, eu sempre sabia. E várias vezes desde o acidente eu o tenho sentido. O pai ainda está longe, e minha mãe... todos... dizem que é apenas a mágoa me iludindo. Mas por que eu imaginaria Donal em uma grande floresta, com pessoas peludas em volta? *Mestra*, acho que Donal ainda está vivo!

— E você acredita nessa garota Comyn? — o modo que Stella disse não era bem uma pergunta.

Caitrin suspirou e ajeitou sua cabeça confortavelmente no ombro bem macio de Stelle. A azul Liriel brilhava através da janela, e ela podia ver que a face arredondada da outra mulher tinha um pequeno e zombeteiro sorriso.

— Por que Dama Kiera mentiria pra mim? Não deve ter sido fácil para ela vir à Casa da Guilda, do jeito como tem sido criada. Se ela tem *laran* poderia ter sentido Donal... e ela já é grande o suficiente para tê-lo desenvolvido, não é?

Caitrin deixou a questão pairando no ar. Depois de treinar a arte da cura darkovana, Stelle estudou enfermagem com os terráqueos. Ela saberia.

Houve um momento de silêncio e então Stelle começou a afagar seu cabelo.

— Sim... é possível. Mas é mesmo um grande acaso, eu não quero que você se machuque de novo!

— De novo! — Caitrin se ergueu em seu antebraço e olhou diretamente para a face sombria de Stelle. — Você acha que parou de doer, desde que eu soube? Oh, como posso esperar que você entenda? Você não carregou Donal, ou aguentou a dor de trazê-lo ao mundo! — Ela ofegava enquanto as fortes mãos de Stella seguraram seus braços.

— Como pode dizer isso pra mim?

Caitrin tentou se soltar, mas depois de um longo momento Stelle deixou-a ir.

— *Breda*, me desculpe. — Stelle disse suavemente. — Mas mesmo que você não lembre, eu sei como a apoiei enquanto estava em trabalho de parto, sentindo cada músculo de seu corpo se esticar contra mim até eu pensar que estava parindo também. E lembro

quanto medo senti, quando ia e vinha sem parar, e não havia nada que eu pudesse fazer!

As últimas palavras saíram aos turbilhões e Caitrin se virou, achando o rosto de Stelle na escuridão, beijando-a até que estivesse calma de novo.

— E foi logo depois que Donal nasceu que você se voluntariou para treinamento com os terráqueos — ela sussurrou — e eu pensei que você estava infeliz porque eu estava tão envolvida com o bebê e você não queria ver!

— Eu odiei cada hora que estivesse afastada de você — Stelle disse intensamente — e cada sorriso de Donal eu não estive lá para ver. Mas os terráqueos tinham o conhecimento que eu poderia usar para preservar outras de tantas dores desnecessárias. Eu pensava que, se você quisesse gerar outra criança, haveria algo que eu pudesse fazer!

— Então você entende. — exclamou Caitrin. — Isso é o que importa para mim agora! Quando pensava que Donal estava morto, me sentia tão desamparada, mas agora, se houver pelo menos uma chance de ele estar vivo, eu tenho que achá-lo!

— E se não achar? Ou se achar seus ossos?

Caitrin balançou violentamente sua cabeça.

— Ao menos eu terei feito alguma coisa! Ao menos eu tentarei!

— Bem, você acha que pode tentar não jogar tudo pra cima de mim e se deitar para que adivinhemos o que fazer agora? — a voz de Stelle hesitou, mas havia prazer nisso, e Caitrin se descobriu chorando e rindo debilmente ao mesmo tempo. Ela tentou parar, soluçando, e se aconchegou nos braços de Stelle.

— Vou contratar um guia em Carthon...

— Espere aí... — disse Stelle. — Você disse vou. Está de algum modo pretendendo ir a essa caça ao *banshee* sozinha?

— *Breda*, Donal provavelmente está com o Povo do Céu...

— Sim... — a voz de Stelle era lenta, distraída.

— Para se chegar até a área do Povo do Céu você tem que cruzar as Hellers. — Caitrin batia no travesseiro, irritada. — Eu nasci nas Colinas Kilghard e já segui caravanas por alguns campos toscos, mas esta viagem não será fácil nem pra mim!

— Estou feliz que saiba disso. — disse Stelle. — Pelo que Kyla n'ha Rainéach me contou, você seria tola se pensasse ao contrário.

— Kyla!

Caitrin havia encontrado a famosa guia Amazona apenas uma vez. Ela lembrava de uma mulher jovem e esbelta com cabelos como uma noite sem luar e olhos obstinados, mas Kyla era uma lenda na Casa da Guilda de Thendara. Ela levou um grupo que incluía não só um médico terráqueo, mas Regis Hastur em pessoa pelas Hellers até o Povo do Céu e voltou.

Ela assobiou.

— Quando você conseguiu falar com *ela*?

— Ela foi companheira livre do Dr. Allison por três anos. Viveu com ele aqui em Thendara quando eu estava trabalhando no hospital da base. Eu era a única outra Amazona por perto, então naturalmente que ela falava comigo. — Stelle parou e pegou as mãos de Caitrin, e quando voltou a falar sua voz era séria. — Ela me contou bastante coisa, Caitrin, sobre o Povo do Céu, e sobre a estrada. Posso não ser perita em montanha como você é, mas sou forte, e juro a você pelo manto negro de Avarra que irei me empenhar o máximo que puder em ajudá-la a achar sua criança. De qualquer modo, eu certamente não te contarei nada a menos que me leve com você!

Os braços de Stelle envolveram Caitrin e esta segurou-a forte, apertando e sendo apertada. Ela podia sentir o coração da outra mulher batendo forte junto ao seu; por um momento até mesmo pensou que estivessem batendo juntos. *Está bem, ela pensou então, faremos juntas, como temos feito todas as coisas importantes...*

— Agora que está decidido, quando exatamente vamos partir, e o que devo preparar? — disse Stelle, como se Caitrin tivesse falado em voz alta.

Caitrin riu.

— Kiera tem o dinheiro para nos prepararmos. Viajaremos rápido e direto até Carthon e então iremos comprar os equipamentos necessários.

— Kiera... — disse Stelle devagar. — Queria já tê-la encontrado. Você confia nela, Caitrin? Ela vai mesmo se empenhar

nisto, ou é apenas o temperamento Comyn?

— Eu confio nela... gosto dela mais do que de seu pai... — Caitrin dizia enquanto Stelle começava a rir. — Ela é como uma jovem árvore brotando... esguia, mas já forte.

— Devo sentir inveja? — Stelle murmurou por entre seu cabelo.

— Não é desse modo. — Caitrin franziu o cenho, tentando entender, ela mesma, o que estava querendo dizer. — Ela é... se eu tivesse gerado uma menina de Edric, Kiera é exatamente como eu sempre imaginei que ela seria. — Caitrin suspirou. Ela havia desejado uma menina tão desesperadamente, mas não arriscaria gerar outro menino, pois a regra das Renunciantes a forçaria a mandá-lo embora. — E além disso — ela continuou — você sabe que não amei ninguém mais além de você.

Stelle então a beijou e Caitrin começou a tocá-la em todos os lugares sagrados, pois não haveria tempo para isso quando comessem a sua jornada. Elas se moveram juntas com uma certeza de amor eterno, e depois dormiram, como fizeram nestes últimos onze anos, seio macio contra seio macio e coxas arredondadas sobre coxas arredondadas.

— É difícil acreditar que subimos aquilo sem asas! — Stelle disse, um pouco ofegante.

Uma rápida olhada de Caitrin confirmou que Kiera e o guia ainda estavam descendo a inclinação. Então ela voltou a sorrir para Stelle. Sua companheira livre estava observando as montanhas atrás delas e Caitrin deu sua própria olhada para a trilha, e mais acima, para o grande cume das Hellers, onde a extremidade cortava o céu, nessa altitude tão profundamente violeta quanto a flor *morada*, como a lâmina forjada da faca de um habitante das Cidades Secas. Mas essa era uma lâmina forjada no brilho do gelo que se curvava para baixo, para o profundo corte do passo que eles chamavam de Dammerung.

Pelo menos até agora Caitrin achou as montanhas menos impressionantes do que a mulher as havia prevenido. Aqueles exercícios terráqueos que Stelle fez tão religiosamente devem ter servido para algo, apesar de tudo, pois mesmo que a mulher mais

velha tenha perdido um pouco de sua confortável maciez, não havia atrasado a descida deles.

E Kiera foi um pouco mais do que precavida... Caitrin pôs um dedo entre a corda do alforje em seu ombro para aliviá-lo e começou com cuidado a descida novamente. O ar estava morno ali e Kiera havia tirado sua capa de tricô. Seu cabelo ruivo parecia mais vermelho na luz do sol. Caitrin observava seu avanço, pensando que ela tinha a mesma graça de um jovem *chervine*, e se perguntou se ela tinha toda essa energia quando tinha quatorze anos. Certamente não tinha esperado isso de uma gentil filha do Comyn... mas Kiera tinha passado a maior parte do seu tempo viajando pelas colinas em volta de Serrais até um ano atrás.

E aquilo envolvia apenas a mim, ela pensou tristemente, lembrando como seus ossos haviam congelado no frio da montanha. Mas não era a dificuldade física que a oprimia, ela sabia. O pior da escalada havia acabado. Ela devia estar andando tão facilmente quanto os outros. Mas olhou para o mar ondulante de folhagens que descia pelas conjunções das Hellers e o brilho fraco no horizonte que era a Muralha ao Redor do Mundo e sentiu frio.

Se ainda estiver vivo, meu filho deve estar em algum lugar lá embaixo... Olhando para a imensidade de florestas, pareceu a ela tão impossível achar um pequeno garoto nessa vastidão quanto localizar uma jóia perdida nas areias de Shainsa. Ela olhou de novo para Kiera.

Ela diz que ainda compartilha sonhos com Donal, Caitrin disse a si mesma. *Tenho que acreditar nela, ou poderia me deixar levar pelo vento para a saliência bem abaixo do passo...*

A trilha à frente estava parcialmente bloqueada por uma árvore caída e rochas haviam se empilhado atrás dela até que estivesse quase igualado. O guia de montanha que elas haviam contratado em Carthon para guiá-las parou e esperou até que o alcançassem.

— Ali se estende seu caminho, Mestra Caitrin... — ele gesticulou ao norte. — O trato que fiz com o Povo do Centro da Montanha nos guardou até agora, mas quando entrarmos em campo pela manhã deve seguir para o oeste para a Aldeia deles perto da Queda do Rio-Gelo. — ele parou, e parecia cravada profundamente

em seu rosto uma vida inteira passada em todos os climas enquanto ele franzia o cenho. — Você tem certeza que o pequeno que procura não está a oeste? — ele tornou a olhar para aquela direção. — Eles são boa gente, lá nas quedas. Eles as receberiam gentilmente se forem comigo.

Kiera balançou sua cabeça.

— É ao norte que eu o tenho sentido, Mestre Coram, e é para lá que devemos ir.

— Então eu realmente sinto muito, pois lá não gostam muito de estranhos. — ele virou-se para Caitrin. — E há também uma outra coisa, e deve me desculpar por dizê-la, Mestra...

Caitrin levantou sua mão, querendo poupá-lo, pois havia aprendido a respeitar seu silêncio, e ele tinha a gentil cortesia daqueles que passam muito tempo sozinhos com as grandes colinas.

— Você pensa que eles irão expulsar-nos para fora de suas "cidades" porque somos mulheres, e sozinhas? — ela disse.

Mesmo Kyla n'ha Raineach havia fingido estar sob a proteção de Jason Allison na Cidade das Cem Árvores, e ela já devia estar meio apaixonada por ele para ter empurrado para tão longe seu juramento das Renunciantes.

Coram respondeu com um depreciativo balançar de sua cabeça. Caitrin suspirou, se perguntando se ela havia subestimado aquela dificuldade. Com as Hellers e as florestas para ultrapassar, os costumes do Povo do Céu haviam parecido o menor de seus problemas.

— As mulheres da Floresta não tem nada a temer de nós. — disse Stelle firmemente. — Certamente irão entender que só queremos nossa criança!

Mestre Coram não tinha resposta para aquilo... nenhum deles tinha... mas ansiosamente ele resmungou para Caitrin sobre a dor das bolhas que ela tinha conseguido de suas duras botas de montanha enquanto continuavam a descer a trilha.

— Caitrin, é melhor você deixar que eu dê uma olhada em seu pé de novo... — a gentileza na voz de Stelle era ilusória. Caitrin suspirou.

— Está tudo bem, verdade. Gostaria que não se incomodasse.
— Mas ela levantou seu pé obedientemente enquanto Stelle se abaixava.

— Então não devia ter trazido uma enfermeira junto! — retornou Stelle, desamarrando as botas altas.

Caitrin se encostou, tentando olhar, através da cobertura de folhas, para o céu. A luz de um pequeno fogo tremia vermelho em troncos de árvores e folhas. Era um fogo bem pequeno, pois o Povo do Céu havia aprendido a usá-lo há uma geração atrás e ainda temiam as chamas. Mas pelo menos o ar estava aquecido aqui. Os ventos úmidos do mar distante carregavam um clima gentil para as florestas, depois varriam as Hellers e, se elevando, deixavam o resto de sua umidade para o frio da montanha antes de uivar através do alto deserto das terras das Cidades Secas.

— Ai! — Caitrin se sentou de repente enquanto Stelle espetava algo e desinfetava todo o lugar dolorido.

— Irá doer só um pouco — disse Stelle calmamente, rasgando um pedaço de gaze.

— É tudo culpa destas botas de Carthon... botas de homens... eu devia saber... — Caitrin disse com amargura.

Ela estava para substituir suas botas de montanha quando soube de Donal. Tinham deixado Thendara com muita pressa para ter conseguido novas botas sob medida, então elas haviam comprado botas de homens em Carthon, pensando que não haveria ninguém para se surpreender nas montanhas. Caitrin havia esquecido as sutis diferenças no formato e tamanho entre um pé de um homem e o de uma mulher, mas isso não fazia diferença. Ela nunca antes havia trabalhado com botas que não fossem feitas sob medida.

— Você devia mesmo era colocar seus pés em água quente. — disse Stelle. — Mas isso deve dar. Lembre-se de mantê-los limpos e secos.

— Acho maravilhoso que você conheça tanto sobre a arte da cura... nossos próprios métodos e dos terráqueos também. — disse Kiera do outro lado do fogo. — Meu pai tem viajado e entende que os dois são valiosos, mas minha mãe... — ela parou. — Tantas

peessoas pensam que qualquer um que venha de outro planeta é algum tipo de monstro...

Stelle sorriu.

— O Povo do Céu provavelmente acha isso de nós.

— Isso é o que meu Tio Lerrys diz. — respondeu Kiera.

Caitrin a observou. A luz do fogo mudava seu rosto do de uma criança para uma mulher crescida e depois voltava. *Eu nunca deveria tê-la deixado vir*, pensou Caitrin. Mas Kiera era tão teimosa quanto Stelle. Ela estremeceu ao pensar no que Edric faria se perdesse uma de suas filhas legítimas tentando salvar seu filho *nedestro*, mesmo o outro sendo um filho. O sangue Comyn era muito valioso para se arriscar.

Mas era precisamente por isso que ela havia deixado Kiera vir com elas. Não apenas pela garota saber o que Lerrys Ridenow tinha dito sobre suas próprias aventuras nestas áreas, incluindo umas poucas palavras da linguagem do Povo do Céu, mas era o seu contato com Donal que as levariam até ele.

— E até vocês... as Renunciantes... — Kiera usou o termo apropriado para mostrar que não pretendia desrespeitar. — minha ama costumava dizer coisas terríveis sobre todas vocês, mas quando trouxe Donal para nossa casa, você não parecia esquisita. Mas eu não entendi, então, como você podia gerar uma criança para entregá-la. — ela adicionou. — Por que você decidiu se tornar Amazona Livre? É por que você só consegue viver junto com alguém dessa maneira?

Caitrin virou seu rosto para esconder o rápido arder das lágrimas. *Você entende, criança?* ela perguntou silenciosamente. *Eu não, não mais.* Stelle deu em seu braço um rápido aperto de conforto e então começou a contar para Kiera como ela quis ser uma curandeira e como Caitrin quis trabalhar como guia, livre das responsabilidades de marido e família. Elas haviam se conhecido na Casa da Guilda e então elas haviam tido aquele motivo, também.

Keira está quase velha o suficiente para fazer o juramento da Renunciante, ou para casar, pensou Caitrin. *Teria eu escolhido esse caminho se soubesse o preço que devia pagar?* ela se perguntou então, *Mesmo pela minha liberdade... mesmo por Stelle?*

Caitrin olhou acima para a plataforma de madeiras retorcidas, somente capaz de ver através das espessas folhas. Ela balançava e tremia como se algo estivesse se movendo lá em cima. Ouviu fracas vozes como o gorjear de pássaros. Se aproximou um pouco mais de um dos grandes troncos que a suportavam, e tremeu quando seu peso caiu sobre seu pé esquerdo. Ela sabia que devia chamar Stelle para checar novamente. Mas mais tarde. Quando já tivessem Donal de volta.

Haviam levado uma semana para encontrar este lugar, seguindo o instinto de Kiera e o rústico mapa que Stelle tinha copiado dos arquivos terráqueos.

Ela soltou sua respiração em um longo suspiro.

— Kiera... — ela falou suavemente. — Você tem mesmo certeza que Donal está aqui?

A garota Comyn colocou a mão por dentro de sua túnica e retirou o cristal azul de sua bolsa de seda. Olhou para dentro dele, balançou sua cabeça um pouco como se para desanuviá-la, então olhou novamente.

— Sim... — ela disse devagar. — É muito forte. Ele está nervoso... eles querem que ele coma algo e ele acha que é nojento. Está chorando... agora eles esfregaram a coisa em seus lábios e ele está lambendo... oh! O gosto é bom! — ela riu e Caitrin riu também.

Como se despertada pelo som, Kiera deu um rápido suspiro, piscou, então guardou a pedra da estrela de volta em sua bolsa.

— Está bem — disse Stella, prática. — o que faremos agora?

Os troncos acima de suas cabeças tremeram e Caitrin avistou luminosos olhos vermelhos através das folhas.

— Kiera... eu vi um deles lá em cima... Pode cumprimentá-los? Diga a eles que somos amigos. Talvez haja alguém aqui que fale *casta*.

Kiera concordou, limpou sua garganta, e gorjeou uma frase. Soou belo e aparentemente preciso, pois os olhos desapareceram e, em poucos momentos, um dos homenzinhos desceu através dos galhos, descansando a alguns metros acima de suas cabeças.

Caitrin olhou para ele, lembrando a si mesma que seu corpo do tamanho do de uma criança, peludo como um animal com pêlo descolorido, carregava uma inteligência que, mesmo diferente da sua própria, devia ainda ser respeitada. Ela tinha que acreditar nisso, se tivesse alguma esperança de convencê-lo a devolver seu filho.

— Povo da Terra Além das Montanhas... nós não vemos frequentemente seu povo por aqui... — ele falou bem devagar e Caitrin se esforçou para ouvir. Ela se aproximou e, sem esforço visível, ele saltou mais pra cima da árvore. — Vocês são fêmeas, não são? Nós temos fêmeas suficientes aqui... — seu *casta* era lento, mas compreensível.

— Ó Honorável, não viemos para nos juntarmos ao seu povo, mas para levar alguém embora. — Caitrin disse cuidadosamente. — Há uma criança do Povo Grande entre vocês... minha criança. Eu vim para levá-lo para casa.

O homenzinho pronunciou uma alta frase gorjeada e foi respondida, mais elaboradamente, de cima.

— A mulher de O Velho perdeu um bebê, e ela tomou a Criança Grande como sua. Ele é da mulher até que cresça.

— Então deixe-me falar com a mulher! — gritou Caitrin.

Enquanto ela corria em direção da árvore uma dor tomou seu pé de repente como se algo tivesse quebrado, mas ela mal percebeu. Um cipó de videira balançava no tronco. Enquanto o homenzinho se apressava em subi-lo ela pulou nele e começou a escalar atrás do homem.

Ela tinha subido apenas dois metros quando viu a extremidade da plataforma subitamente se enchendo de rostos furiosos. Ela parou, olhando para eles, e algo a machucava através das folhas.

— Irmãs! — ela gritou, esticando sua mão, e então seu braço adormeceu enquanto era atingida pela primeira pedra.

A dor invadia a perna de Caitrin a cada passo da corrida, ecoando em agonia na sua mente. *Donal! Donal!* A cada metro que aumentava entre ela e a mulher do povo da floresta afastava-a mais ainda dele, também.

Stelle, se esforçando através dos arbustos à sua frente, tropeçou em um cipó e caiu. Caitrin a alcançou e ajudou-a a levantar. Por um momento elas pararam, respirando com dificuldade, mas não ouviram nenhum ruído de passos, nenhum quebrar de galhos ou barulho de folhas. Kiera parou, virou, e voltou até elas, cheirando o ar como um coelho-de-chifres perseguido.

— Não há ninguém por perto... — ela disse depois de passado um momento.

Caitrin concordou com a cabeça e deu um passo descuidado à frente, tropeçando enquanto a dor queimava de novo ao longo de seus nervos e, praguejando, agarrou-se no apoio do galho mais próximo.

— O que é isto? — perguntou Stelle. — Você torceu seu tornozelo?

Em silêncio, Caitrin negou com a cabeça, começou a andar e a morder o lábio enquanto seu peso caía sobre seu pé novamente.

Os olhos de Stelle se estreitaram.

— São aquelas bolhas, não são? Sente-se... — ela apontou um tronco caído. — Sim, agora... Kiera irá nos dizer se há perigo.

Os nervos de Caitrin se contraíam com a necessidade de continuar correndo... para fora da floresta ou de volta à cidade do Povo do Céu e seu filho. Mas seus músculos não a obedeceriam, ou talvez fosse a autoridade que Stelle tinha colocado, como uma sacerdotisa em seu véu, que a refreou. Kiera veio devagar entre as folhas caídas e ficou observando com grandes olhos assustados.

Foi aquele olhar que derrotou Caitrin. Subitamente tonta, ela deixou Stelle pegar seu cotovelo e forçou-a a sentar.

— Ela ficará bem? — Kiera perguntou suavemente enquanto Stelle tirava a meia grossa.

— Está sujo... infectado de novo, eu acho, mas tenho que limpar para ver. Precisarei de um pouco de água, e um fogo.

— Você não pode armar um fogo aqui! — exclamou Kiera. Os troncos de árvores em volta delas estavam forrados com ramos secos e folhas mortas cobriam o chão.

— Temos que achar um riacho ou um córrego. — disse Stelle. — Passamos por um ribeiro logo atrás... se o seguirmos poderemos

achar uma nascente.

Doente com dor e desespero, Caitrin deixou que Stelle a apoiasse através da sombra junto às árvores de volta ao curso d'água e seguiram rio acima. Estava quase noite quando a cobertura de folhas acima delas diminuiu de repente e, pela primeira vez em uma semana, elas viram Liriel e Kyrddis pairando no céu. Mais tarde naquela noite Marmallor deveria aparecer também, mas nesta hora as duas primeiras luas já teriam descido. Nesta época do ano Idriel não apareceria até o amanhecer.

Caitrin olhava tristemente para aquela luz suave, desejando estar de volta à Thendara, observando-as através de sua janela lá na Casa da Guilda. Próximo dela veio um longo suspiro.

— Olhe... — disse Kiera suavemente. — Oh, Caitrin! É lindo!

Caitrin piscou, pois teve a súbita e confusa impressão que as estrelas tinham caído no chão. Então ela percebeu que estava olhando para o reflexo das duas luas no riacho, fragmentado pela ondulação causada pela queda d'água das rochas acima, como o brilho de cristais caindo, iguais aqueles no colar de Avarra. E não era apenas a luz das luas... o ar estava vivo com vaga-lumes, âmbar, ametista e rosa, piscando para dentro e fora da existência enquanto flutuavam acima da água ou disparavam entre as árvores nos arredores.

Ela respirou profundamente o ar gelado e úmido, sentindo a paz do lugar acalmando seu espírito enquanto o ar gelava sua pele. Com um suspiro ela afundou no musgo da margem, admirando a rápida eficiência dos movimentos de Stelle enquanto ela começava a fazer uma fogueira. Kiera procurava em seu alforje pela grande chaleira. Ela se endireitou, deu um passo em direção da margem da água, então parou.

— Há alguma coisa aqui... alguém está nos observando... — ela olhou atentamente para as sombras.

Caitrin se sentou rapidamente e procurou nas matas, mas nada se movia lá exceto os vaga-lumes. A floresta estava escura, impenetrável. Até mesmo o ar parecia parado.

— Rápido, criança. — disse Stelle. — Terei o fogo em um instante.

— Sim.

Depois de um momento de hesitação, Kiera se curvou na água escura e deixou-a fluir para dentro da chaleira. Algo tremeluziu na visão periférica de Caitrin e seu pé latejou quando ela se virou bruscamente para olhar entre as árvores. Subitamente a beleza da noite a assustou.

Ela estremeceu. *Eu nunca devia ter deixado Stelle e Kiera me seguirem até aqui...* Então Kiera trouxe a água de volta e Stelle pendurou a chaleira em um tripé que havia improvisado em cima do fogo.

— Bom... — disse Stelle. — Agora, vamos ver...

Gentilmente ela direcionou o pé de Caitrin de modo que o fogo o iluminasse, mergulhou um retalho dentro da água quente e começou a limpá-lo.

E de algum lugar muito próximo começou um assobio estridente. A sombra das árvores revelaram... eles se moviam; eram corpos furiosos, pálidos na semi-escuridão, se apressando em cercá-las com a luz tremendo vermelha em seus olhos.

O Povo do Céu! Não... Mulheres do Povo do Céu, e agora não havia nenhum lugar para onde correr. Caitrin se levantou com dificuldade e pegou sua longa faca.

— *Feo!* — Fogo... Caitrin entenderia aquela palavra mesmo se pronunciada pelo gorjear.

— O que é isso? — disse Stelle com raiva. — Elas estão nervosas porque acendemos um fogo aqui? Pensei que o usavam também...

— Não — sussurrou Kiera. Ela estava com seus olhos fechados e suas mãos cobrindo os ouvidos. — Não raiva... pavor...

Caitrin pegou novamente sua arma.

— O Dom Ridenow... use-o garota! Elas estão com medo? Nos atacarão agora?

Kiera estava tremendo. Os Ridenows eram conhecidos por ter o Dom de empatia com não-humanos, mas Kiera nunca o havia usado antes.

— Estou recebendo imagens... — ela sussurrou. — Vejo procissões vindo até aqui, fazendo oferendas de flores da floresta ao

riacho. Este é um lugar sagrado, onde apenas as mulheres vem... Elas estão confusas. Matariam um homem que viesse aqui, mas somos mulheres, e achamos isto sozinhas, e Stelle... está fazendo o ritual de cura... com água e fogo...

Caitrin voltou a olhar para as mulheres do Povo do Céu, ainda se segurando no braço de Kiera. Ondas da dor fluíam de seu pé através dela, mas não a deixaria dominá-la agora. Ela se soltou de Kiera e se equilibrou com cuidado.

— Mostre a elas sua pedra da estrela!

Tremendo, Kiera obedeceu. Descoberto, o cristal refletiu a luz azul da lua como se estivesse se fragmentando pela sua radiância. Então Kiera a colocou em sua palma e ela brilhou com seu próprio redemoinho de fogo.

As mulheres do Povo do Céu gorjeavam e se afastavam. Os dedos de Kiera se fecharam em volta da pedra e ela deu um rápido suspiro.

— Está mais forte agora... — ela disse. — Elas tinham ouvido sobre as pedras da estrela. Pensam que eu sou uma *chieri*...

E elas não estavam tão enganadas, pensou Caitrin, lembrando das lendas sobre o Comyn.

— Você consegue enviar seus pensamentos para elas? — ela sussurrou. — Tente! Diga que podemos nos defender, mas não queremos machucá-las.

Kiera franziu o cenho, concentrada.

— Querem saber por que viemos aqui.

— Viemos pela cura... — Stelle estava em pé atrás delas agora.

Caitrin se aproximou mancando e gesticulou como se segurasse um bebê em seus braços.

— Viemos pela minha criança!

Como em resposta, o círculo se abriu diante dela. A mulher do Povo do Céu estava olhando para a queda d'água. Caitrin seguiu seu olhar e percebeu que havia uma caverna ali atrás e, na escuridão, algo se mexia.

A mulher do Povo do Céu começou uma canção suave, sussurrada. Algo veio saindo da queda d'água, algo que brilhava.

Caitrin olhava fixamente, percebendo os pêlos nascendo em sua cabeça e braços. E gradualmente sua visão aguçada lhe mostrou uma mulher do Povo do Céu, se movendo com o digno cuidado da idade, brilhando em um manto trançado com penas de pássaros. A luz vinha de um pote com fogo que segurava nos braços.

— Fogo... — sussurrou Kiera. — Ela é a Guardiã do fogo sagrado. Eles o usam, mas ainda o temem, e o mantêm aqui, perto da água com a mulher mais velha da tribo como sua guardiã.

A sacerdotisa se movia vagorosamente pelo caminho e veio parar na margem do círculo de luz produzida pelo seu próprio fogo. Ela levantou uma mão e a canção parou abruptamente. Uma explosão de protestos e dúvidas quebrou o silêncio que se seguiu.

— Diga a ela que somos sacerdotisas do fogo, também, e queremos nossa criança. — disse Caitrin.

Kiera acenou com a cabeça e concentrou-se em seu cristal. Por um momento o olhar fixo de Caitrin foi iluminado pelo fogo; então, atordoada, ela desviou o olhar. Ela queria gritar para aqueles rostos alienígenas, ameaçando botar fogo nas florestas se não devolvessem seu filho... mas este lugar impedia tal sacrilégio. Ela parou em frente da velha sacerdotisa e segurou seus braços.

— Velha Mãe... — ela lamentou. — qual de vocês não ficaria aflita se sua criança fosse mantida presa tão longe? Dê-me meu menino, eu imploro... dê-me meu filho!

Houve então outra explosão de protestos, então tudo parou. Depois de um momento Kiera tocou seu braço.

— Elas dizem que o garoto deve escolher...

Caitrin virou para o lado e abriu os olhos. Na última vez que havia feito isso, vira apenas o cinza disforme da hora um pouco antes do amanhecer, mas agora a luz rosada do nascer do sol o havia substituído. Para o norte, os primeiros raios do sol vermelho lançavam fogo nos campos de neve da Muralha ao Redor do Mundo. A lilás Idriel pairava bem acima do horizonte, e na floresta, pássaros se afinavam para sua canção da manhã.

Amanhecer... ela pensou, observando o brilhante céu. *Logo estarão trazendo Donal.* Ela se sentou, cuidadosa com seu pé

enfaixado, embora o tratamento de Stelle parecesse já estar ajudando. Stelle e Kiera estavam encolhidas ao lado dela, ainda em exausto sono profundo. Mas ela parecia não ser capaz de nada mais do que um cochilo, apesar do cansaço. Com certeza não conseguiria dormir agora.

Um reflexo rosado brilhava na escuridão do lago. O sol nascente cobria o topo das árvores, então seus primeiros raios se inclinaram sobre as samambaias que cobriam a área entre a floresta e o lago, e sobre os cipós com suas flores brancas em espirais.

Ela pode ver agora que havia um caminho entre as samambaias. Duas formas pálidas estavam sentadas lá... suas guardas. Caitrin se perguntou se o seu próprio movimento as tinha acordado, mas quando se levantou, elas se viraram em direção das sombras entre as árvores e pararam, ouvindo. Caitrin segurou sua respiração enquanto a pulsação martelava em seus ouvidos, mas não podia ouvir nada além do suave barulho da queda d'água.

Por um momento Caitrin considerou se juntar a elas, deixando suas companheiras dormindo perto do lago, mas elas tinham passado juntas por todas as provações desta busca... Stelle e Kiera tinham o direito de compartilhar seu final.

Ela as alcançou e achou o ombro de Stelle, balançando-a gentilmente. Stelle permanecia sonolenta e Caitrin balançou-a novamente.

— Fique quieta e acorde, Stelle... Acho que estão vindo agora.

Ela se inclinou por cima de Kiera, mas os olhos da garota já estavam abertos. Silenciosamente as três mulheres se levantaram e esperaram, observando a escura barreira da floresta e os longos raios do sol. E finalmente viram um movimento, mais formas pálidas que apareciam da escuridão... mulheres do Povo do Céu, com colares de bagos secos e penas de pássaros, e a figura menor de seu pequeno.

Então Caitrin viu algo pálido como as outras, mas sereno, e ouviu o suave farfalhar de alguém tentando andar quietamente por entre as folhas caídas. Enquanto o grupo emergia completamente da floresta, o sol vermelho refletia um brilho cobre no cabelo claro de Donal.

A mulher do Povo do Céu parou, deixando-o continuar. Uma delas estava torcendo seus longos dedos e as outras a afagavam. *Deve ser a mulher que adotou Donal, pensou Caitrin. Ela deve amá-lo também...*

Por um momento o garoto pareceu não perceber que havia deixado sua companhia para trás. Então abruptamente percebeu que estava sozinho e se concentrou nas três pessoas paradas na margem. Caitrin deu um profundo suspiro e cerrou os punhos. Seus braços doíam com o desejo de se aproximar dele, suas pernas com a necessidade de correr até ele. Mas a condição da Velha Mulher tinha sido clara... o próprio Donal deve dar o movimento decisivo.

Então ela se manteve no lugar. *Em breve...* ela pensou, *só precisamos esperar mais um pouco agora.*

E então a doce risada de Donal quebrou o silêncio.

— Kiera! — ele gritou. — Kiera... você veio por mim! — e correu para os braços da irmã.

Caitrin agarrou uma correia e apertou firme a fivela. Mais um pouco e a bagagem estaria pronta... todo o equipamento estaria pronto, graças à Avarra, pois já era tempo de começarem a se mover novamente. Já haviam percorrido três dias de viagem e ainda tinham as Hellers para cruzar. O tempo estava se mantendo bom, mas quem saberia quanto tempo aquilo iria durar, e seria bem difícil voltar com a criança...

Ela ouviu a voz clara de Donal e a calma resposta de Stelle. Ele estava contando algo sobre o garoto que havia sido seu amigo na Aldeia. Caitrin sentiu seus olhos arderem de novo e piscou rapidamente.

Não era culpa de Donal. Logo que conseguiu se separar dele, Kiera tinha explicado que foi Caitrin que tinha vindo por ele e empurrou-o para os seus braços. Mas mesmo que Donal a tenha permitido abraçá-lo e beijá-lo, não houve nenhum carinho em resposta. Foi como se ele tivesse tentado apagar toda lembrança dela quando ela o deixou com seu pai.

E que diferença isso faria no final? Caitrin perguntou amargamente para si mesma. De qualquer modo, ela teria de se

separar dele mais uma vez, e com certeza era melhor para ele sentir essa dor apenas uma vez. *Deve ser o suficiente eu tê-lo resgatado*, disse para si mesma duramente. *Talvez ele seja capaz de me esquecer quando for um homem.*

Isso tudo foi bem sensato, mas não ajudou muito quando sua garganta se apertou e seus olhos queimaram com as lágrimas.

Ela se aproximou da segunda correia e começou a puxá-la.

— Posso ajudá-la com isto?

Caitrin olhou. Kiera estava parada a poucos metros, como se estivesse com medo de chegar perto sem ter sido chamada. *Tenho mostrado minha dor tão obviamente?* Caitrin perguntou para si mesma. Conseguiu dar um sorriso.

— Apenas ponha seu pé na correia enquanto eu aperto a fivela.

Elas terminaram de amarrar a bagagem e Kiera encostou-se a uma árvore. Caitrin se esticou, esfregando a perna. Seu pé estava se curando rápido, mas ela ainda tentava protegê-lo, e colocava todo o peso no músculo da perna. Donal tinha pegado um galho e estava cuidadosamente tirando a casca para fazer um apoio para andar.

— Em quatro ou cinco anos ele estará se virando sozinho. — disse Kiera. — Mas o pai provavelmente o mandará para os cadetes da Guarda. Um homem só completa seu crescimento depois disso.

Caitrin deu-lhe um olhar desanimado, se perguntando como isso poderia confortá-la.

— Eu entendo — ela disse. Até lá vocês continuarão cuidando dele?

— Oh, é claro... — disse Kiera, corando. — Mas você não entende. O que eu quis dizer é que então ele não precisará mais de mim.

Como agora ele não precisa de mim... pensou Caitrin, olhando para o chão.

— E então eu quero voltar para você.

Caitrin levantou a cabeça e olhou para Kiera, tentando ler a mensagem naqueles grandes olhos cinzentos. Esfarrapada e suja como estava depois de um mês de viagem, ela parecia muito mais

velha do que a delicada criança que tinha ido à Casa da Guilda de Thendara e, de um modo estranho, mais bonita.

Caitrin olhou para ela, e pensou, *Você roubou o amor de Donal, e o meu, também.*

— Eu quero ir para a Casa da Guilda; já terei idade até lá... — Kiera falou sem pensar, corando de novo. — Você seria minha mãe-de-juramento, Caitrin? Ou, se permitirem, você e Stelle juntas?

Caitrin sentiu as lágrimas rolando em suas faces e não tentou escondê-las. Incapaz de falar, ela abriu seus braços, Kiera veio para eles, e por um momento só o que Caitrin pode fazer foi abraçá-la firmemente. Então levantou sua cabeça e, perto da clareira, encontrou o sábio sorriso de Stelle.

Fim

FILHO DO CORAÇÃO

por Elisabeth Waters

Sobre Elisabeth Waters e "Filho do Coração"

Depois de aceitar essas duas histórias, esta e "A Busca de uma Mãe" de Diana Paxson, eu percebi que as duas eram sobre o mesmo tema... uma Amazona que havia entregado sua criança e teve que chegar à termos com aquela dolorosa escolha. Jamilla, na história de Elisabeth, chegou a uma diferente conclusão daquela de Caitrin, a protagonista de Diana; mas, eu acho, a uma igual adaptação.

Essa é uma das coisas que tem sido fortemente criticada no conceito de Amazonas Livres; a idéia de que nenhuma mulher deve viver na Casa da Guilda com um filho com mais de cinco anos. Sou consciente de todos os argumentos de ambos os lados; no tempo que criei aquela restrição (assunto tratado longamente em A Casa de Thendara) eu estava em contato com algumas comunidades feministas que haviam se dissolvido por causa de algumas mulheres que não suportavam esses "homens bebês" (não, eu não estou dizendo que é certo) que invadiam "o espaço da mulher" e haviam conseguido fechar essas casas por isso. Ninguém nunca disse que todas as Amazonas (ou todas feministas) são perfeitas, ou mesmo racionais. Me mostre uma sociedade que seja!

Elisabeth Waters fez seu lar em Berkeley, e vive em minha família com duas outras mulheres, um garoto crescido, um cachorro, e dois gatos. Nós às vezes a chamamos de Casa da Guilda, às vezes de "convento pagão". O garoto crescido, meu filho Patrick, causa vários pequenos conflitos nessa família de mulheres (até os gatos e cães são fêmeas) e Patrick, 20 anos, ocasionalmente fica em desvantagem na hora de tirar o lixo pra fora... uma linha roubada de

uma deliciosa paródia intitulada Amazonas Livres de Ghor, por Randall Garrett e Vicki Ann Heydron - Sra. Garrett. A premissa básica das Amazonas Livres de Ghor é que John Norman e eu devemos colaborar com um best-seller DAW; o resultado é hilário, pra não dizer histérico.

Lisa trabalha parte do tempo como minha secretária e contadora, e tem dado vários toques no costume familiar de escrever, aparecendo primeiro na antologia The Keeper's Price, na qual deu o título à história. Ela também vendeu uma história à antologia Andre Norton/Robert Adams, Magic in Ithkar, a qual chamamos de sua primeira venda "fora da família" e está trabalhando (não tão frequentemente) em um livro. Ela também trabalha parte do tempo para uma companhia de computadores, e me ajudou a escolher um processador de texto tão usável e amigável que poderia até ser chamado de carinhoso.

MZB

Jamilla n'ha Gabriella estava deitada em sua cama mal se sentindo viva. Ela não tinha energia para se levantar; na verdade, ela sentia que nunca mais se moveria de novo. Sua mente lhe avisou que já tinha amanhecido, e que ela deveria ter se levantado quando acordou há uma hora atrás, mas o corpo simplesmente se recusava a obedecer.

Keitha lhe havia explicado que era uma sensação perfeitamente normal... chamavam isso de depressão, e Jamilla podia certamente saber o porque. Eram as conseqüências das mudanças em seu corpo por ter dado à luz uma criança e, no caso de Jamilla, estava sendo pior pelo fato de seu bebê ter sido um menino e ela tê-lo dado para o pai dele e sua esposa criarem. Mas Edrik havia nascido há um mês atrás; certamente deveria estar se sentindo melhor agora!

Passos de botas vinham do vestíbulo, e sua irmã-de-juramento, Perdita, entrou rapidamente no quarto.

— Jamilla, pelo amor de Evanda, levante-se! Você sabe que se sentirá melhor quando estiver de pé e se movendo... Eu não consigo entender porque fica na cama pensando por uma hora toda manhã! E se você fizer isso na viagem amanhã, eu jogarei você para fora de seu manto no rio mais frio que puder encontrar!

Jamilla se arrastou para fora da cama e alcançou suas roupas, sentindo as lágrimas saindo de seus olhos. Pensando racionalmente, ela sabia que Perdita a amava; elas faziam trabalho de guia juntas desde o final da permanência obrigatória de Jamilla na casa. Mas neste momento ela se sentia uma pessoa horrível; sentia que todos a odiavam e que todos tinham razão de estar odiando-a.

Quando estava amarrando sua túnica Perdita veio e bateu em seus ombros em consolo.

— Me desculpe, Jamilla. Sei que sente falta de Edrik, mas ficar deitada pensando nisso não irá ajudar. Por que não vai vê-lo esta manhã...? Não teremos que partir até amanhã.

Jamilla amarrou os laços e pegou seu cinto.

— Não vou vê-lo, Perdita. É melhor para ele não me conhecer... desse jeito não sentirá minha falta.

— Não sei se isso funciona dessa maneira. — Perdita deu de ombros. — Mas é seu problema. — Ela virou-se para a porta. —

Começarei a arrumar os suprimentos amanhã. Esteja certa que comeu um jejum apropriado antes de se juntar a mim.

Elas arrumaram os suprimentos nos alforjes, jantaram na Casa da Guilda, e então foram pegar sua carga... um garoto de nove anos indo estudar em Nevarsin. Seu pai era um ourives e amigo de Perdita, que se despediu de seu filho com uma série de exortações de boa conduta, terminando com:

— ... e não dê a elas nenhum problema, Coryn.

— E por que daria, Pai? — Coryn disse com um ar de inocência que possivelmente queria dizer “problema”! — Elas não são minhas tias?

Jamilla lançou um olhar inquiridor para Perdita, que lhe lançou um olhar “explico depois”, e foram saindo da cidade.

A viagem estava distante o suficiente de Thendara para eles cavalgarem lado a lado e Jamilla tentou começar uma conversa com Coryn.

— Você está empolgado em ir para Nevarsin?

— Não.

— Já viajou antes?

— Não.

Ele parecia muito constrangido com alguma coisa.

— Você está nervoso com a viagem? Não é assim tão ruim.

— Se não é assim tão ruim, por que minha mãe morreu em uma? — Coryn disse bruscamente.

— Sua mãe? — Jamilla estava alarmada.

— Mara n'ha Kindra. — Perdita explicou. — Ela morreu caindo num desmoronamento há cinco anos atrás. Eu a conheci vagamente; ela costumava ir para Armida.

— Se você a conheceu ao menos vagamente, então a conhece mais do que eu. — Coryn disse com amargura. — É claro que ela nunca se importou em me conhecer. O Pai deve pensar que as Renunciantes são nobres e maravilhosas, mas eu acho que ela era uma meretriz. Sem dúvida seria diferente se eu tivesse nascido uma garota, mas como sou um garoto, fui jogado fora como um erro de uma prostituta! Seu juramento precioso diz que vocês são todas

mães, irmãs e filhas uma das outras, mas Zandru ajude todos os filhos de vocês, para que ninguém mais seja!

Ele chutou seu *chervine* e cavalgou um pouco mais à frente delas, enquanto Perdita o olhava cautelosa. Jamilla continuou a guiar os animais de carga, mas se sentia atordoada e chocada. O cinismo e amargura não seria perturbador em ninguém; mas em uma criança de nove anos, as tinha deixado assustadas.

Coryn continuou à frente delas até alcançarem a primeira bifurcação, quando então voltou para cavalgar atrás de Perdita enquanto Jamilla e os animais de carga faziam a retaguarda, mas não emitiu uma palavra pelo resto do dia.

Infelizmente aquele silêncio não se estendeu em seu sono. Jamilla tinha problemas para dormir e quando finalmente estava começando a cochilar, sonhou que seu bebê chorava chamando por ela. Ela tentou ir até ele, mas não conseguia se mover, e o choro continuou até ela pensar que ia gritar. E quando acordou, o choro ainda estava lá. Ela se arrastou assustada até o saco de dormir de Coryn e descobriu que ele era a origem do barulho. Ele falava dormindo e estava soluçando... o triste som de uma criança abandonada e desamparada. Jamilla o balançou gentilmente e ele acordou, batendo com sua cabeça no maxilar.

— Pesadelo? — ela perguntou simpaticamente.

Ele olhou amuado para seu colo e comprimiu os lábios fortemente.

— Quer conversar sobre isso?

— Por quê eu deveria querer conversar com você? Você não liga pra nada. É só uma Amazona. Faz o que quiser. Joga fora as coisas quando se tornam inconvenientes... eu não confiarei em você para nada! — ele se deitou de costas para ela e Jamilla voltou para seu saco de dormir, tentando se acalmar.

Seu filho estaria chorando por ela, ela se perguntou, e sentiria, quando crescesse, que ela o havia abandonado por que não o queria mais? Ele entenderia que ela fez o que realmente acreditava ser o melhor para ele, sem considerar o que custaria para ela? E o que ela tinha feito era a melhor coisa a fazer?

Ela não ouviu Coryn chorar novamente aquela noite, mas ela se perguntou se ele ficou acordado pelo que restava dela.

Ele estava quieto no outro dia, mas chorou de novo em seu sono aquela noite. Jamilla silenciosamente moveu seu saco de dormir para perto dele e, muito suavemente, tomando cuidado para não acordá-lo, cantou uma canção de ninar. Aparentemente deu certo, pois ele parou de chorar e dormiu em paz. Ele lançou um estranho olhar a ela quando acordou de manhã e encontrou-a perto dele, mas não disse nada. E naquela noite, quando montaram acampamento, ele pôs seu saco de dormir perto do dela... não tão perto quanto estava de manhã, mas bem mais perto do que do outro lado do fogo, onde ele estava antes.

Nos dois próximos dias ele começou lentamente a se aproximar mais; começou a perguntar sobre a direção que estavam tomando, sobre as estranhas plantas ao longo da trilha e por que as estrelas pareciam tão mais brilhantes do que quando estavam na cidade. Faltava um dia para chegar a Nevarsin quando passaram por uma fossa cheia de restos de vários desmoronamentos. No momento a estrada estava limpa, mas havia o suficiente de montanhas por cima deles para ter a certeza de que isso podia mudar a qualquer momento. Coryn olhava muito nervoso enquanto passavam por aquela área, e cuidadosamente esperou até que estivessem fora dela antes de perguntar, examinando cuidadosamente.

— É lá que minha mãe morreu?

— Acredito que sim — Perdita respondeu. — mas normalmente é bem seguro; eu passei por lá dúzias de vezes. Seja como for, passaremos por ela agora.

— Certo. — Coryn disse. — Passaremos. — Mas Jamilla percebeu que ele tremia por quase todo o percurso.

Naquela noite ele colocou seu saco de dormir tão perto do dela que estavam quase se tocando e ela não se surpreendeu quando o choro começou. Dessa vez começou rapidamente os soluços, seguido pelos gritos de "*Mãe!*".

Perdita, poucos metros mais longe, acordou com aquilo, mas Jamilla, já tomando Coryn em seus braços, balançou a cabeça, e

Perdita deitou-se novamente.

— Mãe, mãe, não me deixe! — Coryn chorava, ainda adormecido, mas agarrado desesperadamente em Jamilla.

— Está tudo bem, *chiyu*. — Jamilla murmurava suavemente. — Estou aqui, peguei você, está tudo bem. — ela repetiu essa certeza até que o abraço apertado afrouxasse e Coryn mergulhasse novamente no sono, então ela o aconchegou cuidadosamente a seu lado.

Quando ela acordou de manhã ele estava sentado ao seu lado, a observando.

— Tive um sonho engraçado esta noite. — ele disse. — Sonhei que estava procurando por minha mãe debaixo de todas aquelas rochas e então lá estava uma mulher idosa... realmente idosa, mais velha que qualquer uma que eu já tenha visto... e ela disse que todas as Renunciantes eram minhas mães porque são todas irmãs e filhas umas das outras... então isso significa que você é minha mãe?

Jamilla sorriu e o abraçou.

— Sim, Coryn, é o que isso significa. É sobre isso que diz o Juramento... não é pretender tirar-nos de nossas famílias, é supostamente fazer de todas parte de uma família maior.

E Edrik ainda é parte de minha família, ela percebeu, mesmo que ele seja um menino e que não possa viver comigo... Edrik ainda é meu filho. Quando retornasse à Thendara, iria vê-lo, mesmo que fosse mais doloroso para ambos do que uma separação completa. Ambos iriam enfrentar isso, doloroso ou não.

Coryn a abraçou em despedida na entrada do Monastério de Nevarsin, e abraçou Perdita também, *"porque se Jamilla é minha mãe, você é minha tia"*. Então Jamilla e Perdita começaram a viagem de volta à Thendara... e para seu outro filho e sobrinho.

Fim

PARTEIRA

por Deborah Wheeler

Sobre Deborah Wheeler e

"Parteira"

*A primeira venda profissional de Deborah Wheeler foi para minha antologia *Sword and Sorceress II*. Naturalmente eu pedi uma história para minha antologia e ela me trouxe "Parteira", o que não era o que se esperaria de uma história com esse título... bem dito.*

Deborah é uma mulher bem jovem com uma filha de quatro anos; ela começou a escrever histórias (a maioria sobre animais) na sua adolescência, sem sucesso profissional; então colocou sua ambição de escritora no apoio "a favor de questões sociais mais 'sérias' do que cuidados com a saúde". Ela "foi para o lado da psicologia por um tempo" e se tornou mestre no Colégio Portland; então foi uma instrutora de fisiologia e bacteriologia em seu colégio quiroprático e foi Diretora da escola quando sua filha Sarah era apenas um bebê. O resultado, ela diz, foi um "colapso total" e ela teve sorte de desistir antes de sair com muitas seqüelas. Ela é faixa preta em Kung Fu e apóia ativamente treinos de artes-marciais para mulheres. Atualmente ela é professora voluntária em um programa de natação com bebês em Y.

MZB

O ninho estava vazio, exceto por um grande ovo escuro. O segundo sinal de boa sorte era que a entrada do lar do *banshee* estava parcialmente bloqueada pela neve e escombros, o que significava que ele não poderia voltar sem dar à Gavriela um aviso significativo. Infelizmente também significava que ela estava presa em um lugar pequeno e mal cheiroso até que conseguisse cavar para sair.

Gavriela n'ha Alys se agachou novamente e pensou na sua situação. Ela não havia chorado desde que seu juramento foi tomado, e não choraria agora. Devia ter esperado em Nevarsin pela sua escolta de Renunciantes, que tinha sido atrasada pelo mau tempo. Gavi havia pensado apenas em sua própria impaciência e na piora da nevasca; ela não passaria outro inverno isolada pela neve, não importasse o quanto fossem preciosas as anotações médicas que estava copiando. Sua substituta, uma risonha e auto-suficiente irmã de Temora, já havia tomado seu lugar; não havia nada entre Gavi e a trilha para Thendara senão uma estúpida regra de não viajar sozinha; então ela havia aproveitado a oportunidade. Depois havia percebido que estava sendo seguida e imaginou bandidos, ou pior. Em seu medo havia se perdido nas alturas.

Gavi correu, transpirando através de suas calças manchadas para trilhas. Com certeza ela podia parar para descansar um pouco, confiando que a avalanche que a havia desviado para esse abrigo já houvesse destruído, ou pelo menos atrasado, seus perseguidores. Ela não podia encará-los, ou correr deles, mesmo que conseguisse achar seu animal de carga. Suas habilidades em brigas eram pouco adequadas; sua escolta deveria ter uma mulher competente com uma lâmina afiada e punhos certos. Mas ela estava sozinha...

Todos os ferreiros nas forjas de Zandru não poderiam consertar aquele ovo quebrado. Gavi disse a si mesma severamente. *E falando em ovos...*

Ela se aproximou do ovo marrom, respirando pela boca para evitar o mau cheiro dos hábitos de vida do *banshee*. Estava localizado perto de uma pilha central de ossos e vísceras. À meia-luz ela pode detectar um formato regular de inchaços e rachaduras em sua superfície. O ovo era tão feio e fedorento quanto sua mãe.

Seus olhos avistaram um grande osso que parecia livre de fragmentos de carne podre. Ela identificou-o como a omoplata de um *chervine*. Ela o pegou, tranquilizada pela sua textura lisa e seca, e voltou para o monte de neve e cascalhos. O osso pouparia suas luvas de serem rasgadas, pois poderia precisar delas mais tarde. Mesmo assim, cavar era um trabalho duro e, quando seu corpo esquentou, Gavi teve que retirar umas camadas de roupas.

Uma ou duas vezes ela pensou ter ouvido um som atrás dela e se virou, com medo de que o *banshee* tivesse voltado através de outra abertura. Ela não podia entender por que o pai estava ausente... os *banshees* não chocavam seus ovos? Mesmo na luz parcial, ela podia ver que a toca não tinha outra entrada. Ela já havia aberto um espaço largo o suficiente para rastejar quando o ovo começou a rachar violentamente. Um bico curvo, com um brilho molhado, emergiu da fenda quebrada.

O primeiro impulso de Gavi foi se enfiar pela estreita abertura, indiferente ao estrago na pele ou roupas, mas a precaução tomou conta dela. E se a cria possuísse a legendária rapidez e apetite de um *banshee* adulto? Ele a pegaria antes que conseguisse pegar sua faca. Ou, pior ainda, e se aquilo a pegasse ainda no meio da abertura?

Cr-rack! Fragmentos de casca se espalharam pelo chão primitivo. Por trás do bico veio uma cabeça ossuda, cutucando vagamente no buraco que ainda era pequeno para sair. A criatura fez um baixo som de borbulhar.

Gavi deu uma curta e nervosa risada.

— Sua ave estúpida! Ponha seu nariz de volta para dentro para conseguir bicar sua saída.

Como em resposta às suas palavras, a ave começou a girar violentamente e o seu choro mudou para lamentos e tremores. O movimento se tornou tão agitado que Gavi teve medo que ele pudesse se virar e rachar o crânio nas pedras. Ela esqueceu os nascimentos que havia testemunhado, muda e infeliz, em seu vilarejo na infância. Suas Mães da Guilda queriam treiná-la para ser parteira ou para que cuidasse de animais, mas ela não quis nada disso. Tinha replicado que já havia visto o suficiente de inocentes

morrendo e tinha trocado lençóis sujos por uma vida inteira. Ela havia fugido para a Casa da Guilda de Thendara para escapar daquele círculo de dor e incompetência. Não mencionou que havia sentido cada mente em dor chamando por ela.

Agora o esforçado filhote de *banshee* tinha se enrolado todo em volta de sua gosma. Ela pôde perceber seu desespero como se fosse o seu, podia senti-lo perdendo a força enquanto batia sua cabeça mole contra a casca intacta.

— Idiota, não deste jeito!

Gavi colocou a omoplata do *chervine* no chão e aproximou-se do ovo. Pegou sua adaga e introduziu-a dentro da casca, usando a lâmina como uma alavanca para aumentar a abertura. O filhote se aquietou assim que ela encostou em sua prisão. Ainda estava molhado de líquido amniótico, mas não cheirava tão mal como ela pensava.

Assim que ela aumentou a abertura para a cabeça, a agitação começou novamente, forçando-a a se afastar antes que a coisa a derrubasse. Logo que o resto do pescoço flexível emergiu da casca rachada, apareceu um corpo roliço em duas pernas grossas. Exceto pelas peles penduradas em seus pés, o filhote estava todo molhado e se parecia muito com um grande frango ensopado. Mesmo à meia-luz, Gavi pode ver que aquilo não tinha olhos. Ela se afastou e seu coração batia acelerado. É claro, ele caçava através do som e detectava o calor do corpo. Sua cabeça balançava para trás e para frente como se estivesse cheirando o ar. A qualquer momento ele a perceberia e atacaria...

O filhote de *banshee* deu um passo inseguro e começou um fraco murmúrio.

Pense, estúpida! Gavi gritou com ela mesma. *Do que recém-nascidos precisam? Comida, é claro! E se você não lhe der nada, ele comerá você!*

O pequeno alforje que ela costumava carregar não havia se perdido como a bagagem com seu animal. Gavi levantou a aba e pegou um pacote de carne seca. Lutando para controlar o tremor, ela estendeu um pedaço. O filhote continuou seu choro comovente, balançando para trás e para frente em seus pés com garras. Ela se

aproximou, balançando a comida à frente de seu nariz. De repente a ave se agachou, a barriga encostou no chão, e ele abriu a boca.

— Olhe, estúpido. — Gavi disse enquanto jogava a carne para dentro do bico aberto do filhote. — Aqui está. Quem poderia pensar que precisaria ser alimentado com a mão, um animal grande e feio como você? — *A mãe banshee que o estaria alimentando em circunstâncias normais.*

O filhote de *banshee* engoliu o pedaço de carne de uma só vez e voltou à sua postura anterior. Gavi balançou sua cabeça e alimentou-o outra vez, e de novo. Ela não tremia mais, mas agora se preocupava com sua reserva de comida. Se aquilo se satisfizesse com tudo que ela tinha, não a atacaria, mas o que comeria até que encontrasse ajuda? E se sua escassa reserva não fosse suficiente, ele poderia resolver que ela daria uma ótima sobremesa.

O filhote engoliu toda a carne, mais algumas frutas secas e mingau, então fechou seu bico com um sonoro estalido. Ainda com sua barriga saliente no chão, se aproximou dela. Gavi disse para si mesma que isso poderia não ser uma postura de ataque, e se forçou a permanecer imóvel. A parte inferior do filhote já estava começando a secar e estava ficando felpudo em volta da cabeça e pescoço enquanto se esfregava em suas botas e coxas. Ela se sentiu tentada a tocar em suas penas macias.

Evanda e Avarra, ele pensa que sou sua mãe! Repulsivo como devia ser para seus olhos humanos, ela supôs que a coisa do bando deveria apelar para um adulto de sua própria espécie.

— Não! Eu devia tê-lo ajudado a sair de sua casca amaldiçoada por Zandru, mas eu não queria ser uma pajem para você, ou para ninguém mais!

Mas não havia jeito. Ela o tinha alimentado e conversado com ele, e agora ele se escovava contra suas pernas em uma carência por contato, atraído pelo calor de seu corpo. *Banshees* tinham a reputação de serem tão estúpidos quanto mortais, e o puro instinto a havia imprimido no cérebro dele como sua única fonte de comida e amor.

— Suponho que isso é uma pequena graça. — ela disse, se movendo através da entrada da toca. — Se você pensa que sou sua

mãe, não tentará me comer. Tem apenas mais um pouco para limpar para poder sair daqui. Não, não me bata com sua cabeça, sua ave tola. Você começará um deslizamento e enterrará nós dois! Vá para trás! — Enquanto a ave investia contra ela, ela o agarrou com as duas mãos em volta de seu fino pescoço. Por baixo parecia felpudo, mas estava coberto com uma pele viscosa. Logo que ela o tocou, a ave parou de se debater e começou seu murmúrio amoroso.

— Cale a boca! Apenas não entre em meu caminho e nós dois estaremos livres. Posso tomar meu caminho para Thendara, onde qualquer mulher racional iria querer estar para o inverno, e você pode ir para qualquer lugar, tão alto e tão longe de mim quanto conseguir. Entendeu? — O filhote de *banshee* esfregou sua cabeça contra sua cintura e intensificou seu ruído de devoção.

Gavi se colocou através do buraco, percebendo com alguma exasperação que o havia feito bem largo para o filhote. Enquanto ele se contorcia e se debatia através da abertura, ela se levantou e olhou em volta. Não havia sinal de seu *chervine* na neve renovada, mas também não podia ver nenhuma pegada de seus seguidores. O sol vermelho estava mergulhando através do horizonte.

Ela colocou a última camada de roupas que havia tirado durante a escavação. Ainda tinha algum tempo antes de ficar escuro e não poderia perder nenhum. Com a caída da noite ficaria mortalmente frio e os *banshees* caçariam, se estivesse ainda acima da linha das árvores. Ela se orientou o melhor que pode pela posição do sol, se inclinou ao lado da montanha e começou a descer. O filhote saiu atrás dela, lamentando em angústia.

— Oh, pare com isso. Não sou sua mãe. Não é bom pensar que sou uma bruta sem coração por te abandonar. Você pertence a este lugar e eu não. Se ocupe caçando alguma coisa. Xô! — Ela o expulsou com suas mãos e o bebê parou, balançando sua cabeça para os lados em confusão.

Em plena luz do dia, ele era mesmo tão feio quanto ela havia pensado.

— Eu não tenho tempo para isso, tenho que continuar. Não, não comece aquela tortura novamente, não posso levá-lo comigo. Pobre coisa, eu sei que a luz o deixa sonolento... então vá achar

algun lugar para se enrolar, e me deixe com meus problemas. — Finalmente, vendo o filhote tomar sua postura de barriga no chão de adoração, ela gritou. — Saia daqui, sua coisa nojenta! — e foi com essa sensação que a criatura, choramingando tristemente para si mesma, retornou para a boca de sua toca.

Ela passou a linha das árvores antes de escurecer, gelada e arranhada de um tombo numas pedras soltas. Um tornozelo latejava ameaçador, seu cotovelo estava machucado e inchado, e suas luvas rasgadas, mas no geral ela havia chegado facilmente. Era capaz de engolir uma porção de sua comida e encontrar um lugar seguro entre as folhas de algum bosque gramado. Ela fez uma cama de lascas secas caídas e se enterrou no meio delas para se aquecer.

Gavriela despertou enregelada de um lado. Um monte bem largo e macio estava colocado ao longo de suas pernas. Ela franziu seu nariz quando um odor inconfundível a alcançou, e abriu os olhos.

O filhote de *banshee*, agora notadamente maior do que no dia anterior, batia com sua cabeça contra ela, gorjeando em contentamento. Gavi sentiu o cheiro de suas gosmas e assobiou.

— Sua ave estúpida, o que está fazendo aqui? Não, você não está autorizada a me seguir. Ah! Idiota, saia do meu pé! Seu lugar é lá em cima, depois da linha das árvores, e você deveria ser noturna. — Ela se levantou e observou o monstro festejante.

— Parece que você se virou bem sem mim. Toda essa gosma em seu peito deve ser restos do jantar da noite passada. *Argh!* Suas maneiras à mesa poderiam ser melhores. Não, não deixarei você perto de mim até que o limpe um pouco. Fique parado! — As lascas de pinheiros eram absorventes e faria a coisa cheirar melhor.

Ela descartou a última mão de folhas do solo e empurrou o filhote para longe.

— Agora vá, você me ouviu? Eu não quero você! Fora!

O filhote ficou a alguns passos longe, os olhos sensíveis ao calor localizados em seu crânio brilhavam na pálida luz do sol. Seu murmúrio degenerou-se para um triste soluço.

Gavi não pode segurar um sorriso.

— Você faz os mais ridículos ruídos, mas isso não faz diferença. Fora.

Ela se virou e continuou a descer.

Ela sabia que a ave a estava seguindo, mantendo-se escondida nas sombras das rochas. *Banshees* adormeciam de dia e a luz direta do sol devia tornar qualquer atividade mais difícil. *Se pelo menos essa coisa desistisse e voltasse para onde pertencia!* ela resmungou, se perguntando se ela havia criado um pervertido, fora do comum, um monstro adorador de humanos.

Depois de muito tempo ela encontrou a trilha dos *chervines* selvagens da montanha e sabia que aquilo a levaria para alguma fonte de água. Enquanto examinava as pegadas, ela detectou impressões de ferraduras. Se a própria sorte de Evanda estivesse com ela, seu animal de carga tinha sobrevivido, e ela tinha uma chance de recuperar sua comida e equipamentos. Ela correu rapidamente ao longo da trilha.

Gavi correu pela área sem nenhum cuidado. Estava apenas a uma curva da trilha principal e, de repente, estava praticamente de cara com um homem estranho, rapidamente levantando de uma pequena fogueira. Era tarde demais para corrigir seu erro. Ela estava tão preocupada em escapar do *banshee* e achar seu animal de carga perdido, que esqueceu do homem que a havia perseguido no dia anterior. Ela sabia que não podia se defender contra vários atacantes experientes. Contra um, talvez... Sua adaga estava firme e forte em sua mão.

O homem à sua frente, enxugando suas mãos em seus calções feito em casa, claramente não era um bandido e parecia estar sozinho. Gavi deixou a ponta de sua adaga guardada, mas não relaxou sua postura defensiva. Seus olhos localizaram seu *chervine*, amarrado em um galho mais afastado do fogo, parcialmente livre. Suas preciosas roupas quentes e o manto estavam espalhados irreverentemente na poeira.

— Esse é meu animal e minha carga.

O rosto do pastor corou em um sorriso distorcido, mostrando dentes mal cuidados.

— Ho, ho, ho! — ele exclamou em um grosso sotaque provinciano. — Achado não é roubado, esta é a lei das montanhas. Você ser de fora, talvez não conheça a lei. Quem ser seu homem?

— Sou uma mulher livre, não respondo a nenhum homem.

— Não! Mas ainda, eu ouvir algo do tipo. Sem lorde você ser. Uma cama e uma surra em breve irá ensinar você, ho, ho, ho! A menos que você goste deles do outro modo. — ele gargalhava, muito impressionado com seu próprio humor.

Gavi apertou seus lábios em repulsa. E ela ainda achara o filhote de *banshee* feio! Aquilo era apenas uma criatura da natureza, guiada por instinto. Ele não queria ofendê-la pessoalmente e não sabia fazer melhor, ao contrário do homem à sua frente, rindo enquanto se aproximava, que tinha a aparência externa de racionalidade, mas era incapaz de decência ou honra. Ela investiu com sua adaga para que tivesse a certeza de que ele a visse.

— Estou avisando, estou preparada para me defender.

Ele parou, mas sua expressão desagradável não mudou.

— O quê, com esse pequeno alfinete? — ele ria, olhando para baixo, para sua vasta barriga almofadada. — Não, não faria mais que um arranhão. Poderia servir para palitar os dentes mais tarde.

Gavi lutava para não tremer, percebendo a fraqueza de sua posição. Uma parte de sua mente continuava contestando: *Ele está tentando derrotá-la pelo medo, não o ouça! Uma Amazona Livre nunca desiste, você não aprendeu nada? O que suas irmãs da Guilda diriam sobre isto? Você ainda pode apontar para um alvo vital. Sua gordura não protegerá sua garganta ou os olhos. Você pode usar seu próprio peso contra ele!* Mas suas defesas psicológicas tinham se rompido e ela soube que ele podia ver o desespero em seus olhos.

A mesma fúria que a havia levado da casa de seu pai aos portões da Casa da Guilda de Thendara ferveu no coração de Gavriela. *Não!* ela protestou. *Eu não serei amedrontada como algum animal estúpido! Sei que tenho pouca habilidade para a luta, mas se não posso pará-lo de nenhuma outra maneira, será meu cadáver que ele terá. Avarra tenha piedade pela minha alma!*

Ela deu alguns passos para trás, pensando em fugir e depois descartando a idéia. Estava enfraquecida pela noite em claro e ser

pega por trás eliminaria qualquer vantagem que ela pudesse ter. Ela apertou o cabo de sua adaga e deu um profundo suspiro. Havia ainda uma pequena chance de atordoá-lo o suficiente para escapar.

O pastor fez um rápido movimento, diminuindo a distância entre eles pela metade. Gavi sabia que não poderia enfrentá-lo, mesmo em pânico. Se preparou para o choque de seu ataque quando, de repente, o ar se encheu com um horrendo grito de lamento. Aquilo a paralisou, congelando seu coração e quase a fazendo largar sua faca. Novamente veio o grito, tão perto que ela não conseguia determinar sua direção.

O efeito sobre o homem foi igualmente aterrador. A cor esvaiu-se de seu rosto, deixando-o quase branco, e ele começou a tremer violentamente.

— *Banshee* — ele sussurrou. — Ah, é o fim dos dias com certeza, para ouvir o *banshee* em plena luz do sol.

— É o fim dos dias com certeza por querer encostar um dedo em mim ou em minhas coisas! — Gavi gritou. — Acha mesmo que eu pretendia me defender com essa adaga sozinha? Vá embora antes que eu chame o demônio para te engolir!

Por um momento ela temeu que sua astúcia nativa o faria parar para pensar, mas sua inteligência tinha desaparecido com sua rude aparência. Ele sumiu na descida da trilha, deixando para trás seus próprios equipamentos do acampamento. Gavi não parou de tremer até que ele estivesse bem longe de sua vista.

O lamento veio outra vez, mais suave e com direção mais definida. Agora ela podia ver o filhote acima dela, descendo com uma graça inesperada. O *chervine* deu um áspero relincho, seus olhos virando em pavor, puxando sua corda. Gavi o acalmou.

— Não, pare, sua ave idiota! Você irá espantá-los com minha bagagem e então estarei novamente onde comecei. Está bem, eu irei até você. Fique bem aí!

O filhote parecia ter crescido desde a manhã, suas penas mais lisas e menos felpudas. Seu lamento de caça virou um murmúrio de prazer enquanto ele se aproximava.

O alívio varria para longe o terror enquanto Gavi se inclinava para o *banshee*, seus braços automaticamente o envolvendo.

Passaram-se longos minutos até que ela pudesse sussurrar.

— Oh, sua ave nojenta e ridícula, você me salvou! Eu fui tola o suficiente para viajar sem uma escolta, e você se ofereceu para ser a minha. — Ela se agachou. — O que farei com você agora? Não posso ficar aqui, mesmo que quisesse, não com o inverno chegando. Não, pare de bater em mim com seu bico, esses dentes são afiados! Escute, idiota... oh, quem é a idiota? Eu, por quebrar uma regra que foi feita para me proteger, ou você por pensar que sou sua mãe?

O *banshee*, ainda zumbindo em alegria, enrolava seu pescoço ao longo de suas coxas. Ela o alisava hesitante, sentindo as penas lisas e oleosas por todo seu corpo de bebê.

— Você realmente não pode vir comigo. — ela disse com voz suave. — Você nem deveria estar acordado agora, não é saudável para você. E deve voltar para as alturas que é o seu lugar, assim com eu tenho que voltar para Thendara.

Ela percebeu que parte dela estava presa ao filhote, mesmo ele sendo tão feio como era. Ela o havia ajudado a nascer, o tinha alimentado, cuidado dele, falado com ele como um companheiro... e agora devia deixá-lo ir. Ela devia fazê-lo voltar para seu ambiente natural. Mas como? A repreensão não o havia intimidado, embora ela devesse sua vida àquele fracasso.

Gavi tomou a horrível cabeça em suas mãos, cuidadosamente evitando o lugar dos olhos sensitivos. Ela procurou em seu coração por palavras que faziam parte tanto de um ato de amor como de compreensão.

— Você deve seguir seu caminho, meu amigo, como eu devo seguir o meu. Não por você ser feio em meu ponto de vista, ou por que não há vínculo entre nós. Mas apenas por que sua vida deve ser aqui em cima, onde você poderá crescer. Você é um filho dos Deuses, não menos do que eu, e eles nos fizeram diferentes. Volte para seu lugar com minha bênção. *Adelandeyo*. Vá em paz.

O filhote de *banshee* se manteve firme e aquecido em seu lado, seu murmúrio em compasso com as batidas do coração. Gavi não pode ver nenhum sinal de resposta ou compreensão. Por que ela esperava que ele entendesse? *Banshees* eram tão estúpidos

como se fossem praticamente sem cérebros, ela sempre tinha ouvido falar. Seu próprio medo é que os faziam sobreviver.

O filhote abaixou seu bico levemente curvado e serrilhado, acariciando sua coxa com a superfície lisa. Então ele se levantou pesadamente e partiu para cima em uma rapidez surpreendente. Gavi observou até que ele estivesse fora de vista, então esfregou suas mãos e roupas com folhas aromáticas antes de se aproximar do *chervine* novamente.

Enquanto se limpava e guardava nos alforjes suas roupas e saco de dormir, Gavriela pensou, *Ele não podia me entender, mas entendeu. Talvez eu tenha falado da mesma maneira que ele havia me alcançado de sua casca. Se eu posso trazer à vida um banshee, posso aprender a amar qualquer coisa. As Mães da Guilda estavam certas, eu devo usar meus dons, não para assistir bebês morrendo... mas para ajudá-los a viver. Mas elas nunca acreditarão no nascimento que me ensinou essa lição!*

O *chervine* batia nela com seu focinho macio enquanto desciam as colinas a caminho de Thendara e seu lar.

Fim

RECRUTAS

Por Maureen Shannon

Sobre Maureen Shannon e

"Recrutas"

"Recrutas" vêm - de acordo com a autora - da história "Sempre há uma alternativa" por Pat Mathews (vejam Garotas serão Garotas). Maureen diz, "eu me encontrei meditando sobre o tipo de mulher que gostaria de juntar, e não podia acreditar que todas eram tão intensamente amargas. Certamente algumas petições seriam desajustadas por um razão ou outra; por isso 'Recrutas'."

Esta é uma história alegre, uma prazerosa mudança das histórias comuns de Amazonas Livres, as quais sugerem, "atrás de cada Amazona Livre há uma história, normalmente uma tragédia" - justificado, é claro, por estarem em uma sociedade como Darkover, onde qualquer mulher que opte por uma vida diferente estará com um sério problema, pra não dizer cruel. Contudo, sem minimizar a seriedade dessa escolha dolorosa da mulher, é bom tomar um descanso das inesquecíveis tragédias de algumas dessas escolhas.

Maureen Shannon é instrutora no Colégio Comunitário Kankakee, aonde ensina a escrever com criatividade, novas composições, e comunicações tecnológicas (o que quer que seja). Ela é mãe de duas garotas, de dezessete e vinte anos, e avó de dois meninos. Vive no campo (Clifton, Illinois) com três cães, seis gatos e um cavalo.

MZB

— É uma casa adorável — entusiasmou-se Esarilda — e em um excelente local!

Quase todo mundo teria olhado para a mulher ao meu lado como se ela tivesse perdido o juízo. A construção que estávamos olhando poderia ser todo o tipo de coisa, incluindo um bordel e uma barraca de mercenários, mas uma coisa que nunca poderia ser, era adorável. Com três andares de altura e três quartos de largura, a fachada de pedra escura mal-cuidada, quase sem janelas, estava situada em uma estreita travessa na qual estávamos. Uma grande área vazia à nossa direita tinha restos queimados de um depósito e estava tomada por um cheiro desagradável de lixo de algumas dúzias de anos. À nossa esquerda uma velha taverna partilhava a parte mais alta da parede de nossa casa. Atravessando a rua, tinha outra taverna encostada em algumas pequenas vendas. Ao fim da travessa, um grande e extenso prédio abrigava uma combinação de uma casa em ruínas, taverna e bordel.

Mas eu concordei. Era uma casa adorável e um lugar adorável, pois a casa pertencia a nós e representava a primeira expansão da Irmandade da Espada, cuja primeira casa tinha sido estabelecida há apenas alguns poucos anos atrás em Thendara. E aquela casa já estava tão cheia com novas Irmãs juradas que o abarrotamento tinha se tornado a maior preocupação para nós. Então, um homem cuja irmã havia desistido da prostituição para se tornar uma de nós, morreu e nos deixou esta propriedade em Caer Donn. Então Esarilda e eu viemos para inspecioná-la, para vermos o que precisava ser feito e preparado para quaisquer recrutas que viessem para nosso lado. Mas eu não poderia ajudar duvidando de minha capacidade de comandar um alojamento mesmo sabendo que vivo na Casa da Guilda de Thendara desde que tinha cinco anos. Eu acharia alguém para se juntar a nós? Em Thendara, apenas de ouvir falar, nos apareceram novos membros. Como qualquer um iria saber que estávamos prontas para receber recrutas? Se conseguíssemos alguma, estaria eu pronta para comandar para que todas nós vivêssemos harmoniosamente juntas?

— Vamos entrar. — pediu Esarilda.

Estávamos tremendo de frio; era um vento atrasado de inverno. Peguei a grande chave de bronze de sua corrente em meu pescoço e destranquei a pesada porta chapeada de cobre. Mas foi preciso a força de nós duas para empurrá-la e assim conseguimos passar. E a porta devia ter sido do sexo masculino, pois protestou com um áspero e alto ruído quando a empurramos para dentro.

A sala central era uma pequena fortaleza, construída como uma, sem dúvida, quando a construção alojava mercenários. Apenas uma porta quebrava a unanimidade de paredes de madeira maciça e rachaduras do teto dava aos defensores a habilidade de derramar água fervente em invasores. A impressão que eu tinha era a de que algumas poucas leais espadachins poderiam refrear um exército desta sala.

Esta porta dava para um segundo vestíbulo com uma escadaria levando para cima e portas se localizavam em cada parede. Nós abrimos e sondamos cada quarto em nosso caminho, Esarilda emitindo gritos deliciados a cada nova descoberta. Para ela tudo parecia ter uma qualidade, desde a enorme e antiga cozinha aos numerosos pequenos quartos no segundo e terceiro andar. Eu tentava compartilhar seu otimismo, tentando me ajustar indiretamente no prazer da minha companheira, vinte anos mais velha do que eu cronologicamente, mas bem mais nova emocionalmente, diante do mundo.

— Venha aqui e dê uma olhada. — ela chamou. — Venha ver o que tem aqui atrás, Maellen.

Eu a procurei atrás da porta da cozinha dentro de uma estreita passagem que dava, Esarilda já havia descoberto, para uma leiteria e também um celeiro de bom tamanho. Os dois locais estavam uma bagunça, os antigos ocupantes não haviam limpado nada. Arreios e ferramentas totalmente estragados, grandes pilhas compostas de esterco, enquanto grandes jarros, que um dia contiveram leite e queijos, estavam tão espalhados que era impossível notar de imediato se todas ainda estavam inteiras.

— Rápido, rápido, Maellen. Vamos saindo! Apenas vamos ver o que mais temos.

Me sentindo como a cauda de um burro, sempre seguindo atrás, fui saindo do celeiro para o longo e estreito jardim da casa. O último tesouro de Esarilda eram três árvores rabiscadas cujos galhos despídos ainda sustentavam alguns frutos murchos. Esarilda, pulando feito um gafanhoto, seu curto cabelo eriçado ao redor de sua cabeça como a cauda azulada daquela criatura, tinha desaparecido dentro de uma pequena construção na parede do fim do jardim. Agora ela saía, tirando teias de aranha de seu rosto, que ostentava um sorriso.

— Venha ver, Maellen. — ela chamou novamente. — Que achado! Isto é um aviário e adivinha só? Tem até uma ave sentada em um ninho cheio de ovos!

Pelo tom de sua voz, você teria pensado que ela tinha descoberto uma preciosidade incomparável. Ela me impeliu a entrar e ver a pequena galinha marrom com meus próprios olhos.

— Não, não. — eu disse, parando na porta e dando uma olhada no acúmulo de anos de teias, sujeira e insetos mortos. — Eu posso ver claramente daqui. Ela realmente parece ser uma preciosidade. Mas venha agora, Esarilda. É quase meio-dia e estou ficando com fome. Talvez a taverna aqui ao lado sirva comida.

Com o jeito de uma criança, Esarilda andou depressa pelo jardim até a porta. Eu senti um pouco de culpa por usar a tentação da comida com ela, sabendo que isso era algo que ela nunca resistiria. Mas havia ainda muito o que fazer se fossemos dormir esta noite em nosso novo alojamento. Demais para apenas duas mulheres. *O quanto antes, pensei comigo mesma, antes que pudéssemos achar outras para se juntar a nós.*

Sondamos por um momento ou dois do lado de fora da porta da taverna cuja fascinante placa proclamava que este era O Coelho-de-chifres Animado. Um nome estranho é claro, mas assim que conheci meu anfitrião, fiquei encantada pela perspicácia de quem deu esse nome. A clientela comum parecia ser de viajantes de vários pequenos negócios, incluindo algumas mulheres; então minha companheira e eu entramos e achamos uma pequena mesa próxima à parede de onde teríamos uma boa vista da porta de entrada e poderíamos, vendo que seríamos atacadas, fazer uma rápida saída

através das passagens que davam para os reservados no final do jardim da taverna. Meu anfitrião em pessoa veio apressado tirar nosso pedido.

— E o que vai ser, *domnas*? — ele perguntou, sua profunda voz de baixo se expandiu para um exterior que era tão redondo e jovial quanto a aparência de um urso da floresta. — A especialidade de hoje é guisado de tripas e minha esposa fez um excelente pastel de frutas. Irão querer? Eu garanto — ele foi indo, não nos dando tempo de responder — é a melhor coisa do cardápio de hoje. Não a única coisa, oh, puxa, não. Minha Carla é muito boa cozinheira para isso. Mas a melhor coisa. Então, será guisado e pastel?

Mal nos dando tempo suficiente para acenar com nossas cabeças, ele tinha saído de um pulo como um assustado coelho-de-chifres. Esarilda bateu as mãos com alegria.

— Ora, ora — ela afirmou. — ele é um bom homem.

Minha mãe uma vez de disse que qualquer uma que entrava para uma irmandade tinha uma tragédia em seu passado. Eu sabia que isso era verdade sobre Esarilda, mesmo que nunca tenha ouvido os detalhes; minha mãe se recusava a bisbilhotar e eu mesma sou relutante em perturbar sua recente aparência cheia de alegria com perguntas sobre as misérias do passado. Homens a haviam realmente maltratado, tal como a maioria de nós, e ela ainda conseguia achar qualidades compensadoras em alguns daqueles que conhecia. Mas eu não tinha tempo para me surpreender novamente com o caráter de minha amiga, pois a esposa do anfitrião tinha saído de seu domínio para ajudar a posicionar nossa comida. Ela era tão alta, magra e calma quanto ele era baixo, gordo e turbulento. Assim que as tigelas e pratos estavam colocados à nossa frente, ela acenou para ele ir à outra mesa e, puxando um banco, sentou-se conosco, dando-nos um olhar curioso enquanto dizia:

— Posso me juntar a vocês?

— Adoraríamos. — Esarilda lhe disse, entre uma colherada de guisado. — Hummm, este é o melhor guisado de tripas que eu já comi. Você é uma cozinheira maravilhosa. — Ela garantiu sua sinceridade engolindo outra grande colherada.

Nossa anfitriã inclinou sua cabeça em agradecimento como uma generosa mulher. Ela gesticulou para que eu começasse a comer.

— Sou Carla e vocês são as novas proprietárias da casa ao lado. — ela começou. — São membros da Irmandade da Espada. E não é só por que reconheci as argolas em suas orelhas ou suas túnicas vermelhas, nem por que tenho uma prima na Casa da Guilda de Thendara que vem me ver de vez em quando vestida como vocês. Não, é essa chave de bronze em seu pescoço, *domna*, que eu vi tantas vezes quando o velho Larren vinha aqui para almoçar. Ele me contou no último inverno, quando estava tão doente, o que pretendia fazer com sua propriedade... é claro que, dificilmente há uma alma em Caer Donn para quem ele não tenha contado, tão orgulhoso estava de "*minha irmã, a espadachim*"! Eu estava esperando que vocês chegassem.

Eu larguei minha colher. Suas palavras e face eram serenas e eu dificilmente saberia dizer se ela estava sendo educada ou hostil.

— Por acaso vocês viram a placa em cima da porta quando entraram?

— Sim? — eu era educada, ainda reservada, mas Esarilda não:

— Tão adorável, Carla, realmente um encanto. Quem pintou?

— Minha filha Shaya. E ela é o motivo de eu estar esperando que vocês chegassem. Ela é uma boa garota, Shaya é, e uma cozinheira decente caso se concentre. Mas aí está o problema. Raramente ela quer se concentrar. Pinta quadros como aquela alegre pintura de seu pai na placa da taverna ou talha pequenas estátuas como aquelas na estante. — ela apontou para algumas dúzias de estátuas de madeira, todas com o mesmo capricho da pintura. — Eu consegui bons casamentos para minhas outras filhas e agora só restaram as duas menores e Shaya. Mas qual homem iria querer uma esposa que está sempre sonhando? Shaya é um pouco frágil, duvido que a fizessem uma espadachim, mas minha prima me disse que há outras funções em uma Casa da Guilda.

— Mas Carla — eu protestei. — membros da Irmandade devem vir por sua própria vontade.

— Oh, é a sua vontade se juntar a vocês, estou apenas quebrando o gelo por ela. Ela é um pouco tímida, minha Shaya. Está lá em cima. Vocês subirão quando acabarem de comer?

Eu concordei, ainda relutante. Aquelas que se comprometerão conosco devem ter certeza em sua determinação por causa da oposição que irão encontrar. Muitos homens, e mulheres também, sentem que nossa Irmandade não é natural, inadequada, um perigo para os relacionamentos de homens e mulheres em todos os Cem Reinos. Tão dominadora quanto a mulher parecia, eu temia que sua filha estivesse se confiando a nós por algum propósito desonesto, talvez como uma espiã.

Esarilda foi a primeira a subir as escadas, saltando os vários degraus como se não tivesse consumido comida suficiente para três homens grandes.

— Olá! — eu a ouvi dizer. — Sua mãe disse que quer se juntar à Irmandade. — eu estava há um passo atrás, então minha primeira impressão de Shaya foi a melodia de sua voz quando ela respondeu para Esarilda numa tonalidade de sinos.

— Sim. Este é meu grande sonho desde que a prima Callie voltou para nos contar sobre a Irmandade. Por favor, digam que eu posso tentar.

Meu coração se apertou quando a vi. Frágil era por outro lado a definição de aleijada; uma doença da infância a havia deixando com uma perna menor do que a outra. Era tão baixa quanto Esarilda, mas duas vezes mais magra e com uma grande quantidade de cabelo castanho em volta de seu rosto e olhos grandes e sonhadores. Como ela conseguiria se defender? Esta mulher nunca poderia empunhar uma espada e derrubar um homem.

— Mas, Maellen, na verdade, nem eu posso. — protestou Esarilda e eu afundei em vergonha quando percebi que havia falado em voz alta.

Shaya falou em sua voz baixa e suave.

— A prima Calli diz que nem todas as irmãs são chamadas para lutar. Algumas alugam seus serviços como guia ou equipamentos e outras ficam na Casa da Guilda e fazem a costura, cozinham, limpam e assim sendo, sou uma ótima costureira e minha mãe me ensinou

bastante de suas habilidades na cozinha. Juro que poderia ser de grande valor para a Irmandade se vocês me deixarem apenas tentar. Eu também pinto — ela adicionou modestamente — e muitas pessoas dizem que minhas pinturas são boas. Eu posso pintar uma placa para a fachada da casa que faria com que as pessoas soubessem que ali é uma Casa da Guilda. E posso cantar e tocar para entreter as irmãs à noite.

Suas palavras vinham aos turbilhões e quando acabaram, ela se sentou, olhando para mim com aqueles olhos grandes e tristes. Eu não tinha certeza se Shaya era o tipo de mulher que a Irmandade estava procurando; a maioria das recrutas de minha mãe em Thendara eram adultas que haviam tido uma vida rude e difícil. Ainda assim, nossa regra era aceitar qualquer mulher que desejasse manter o juramento por um ano. Depois disso, se ela gostasse dessa vida, poderia se comprometer por três anos e finalmente se tornaria um membro para a toda vida como éramos Esarilda e eu.

— Muito bem — eu decidi. — Se você deseja se juntar a nós por um ano de experiência, você pode.

— Posso ir hoje? — Shaya se levantou com dificuldade, se apoiando em uma bela muleta esculpida.

Ela transforma tristeza em beleza, eu pensei. Ela e Esarilda se darão bem juntas.

— A casa está uma bagunça — eu a avisei. — Não há nenhum local limpo para descansar nossas cabeças esta noite e duvido que alguém tenha cozinhado alguma coisa naquela cozinha por anos.

Shaya riu com alegria.

— Então já há alguma coisa que eu possa fazer. Ajudarei a cozinhar e limpar e então comeremos e dormiremos bem esta noite.

Ela era tão boa quanto falava, pois nós três escolhemos um quarto no segundo andar para cada uma de nós e estendemos lençóis limpos nas camas que tínhamos trazido de Thendara. Como não tivemos tempo de arrumar a cozinha antes do jantar, Carla bateu na porta do jardim com uma bandeja cheia de uma comida deliciosa. Seu rosto usualmente sóbrio estava repleto de sorrisos enquanto observava Shaya comer vorazmente sua comida com um entusiasmo que era mais típico de Esarilda.

— Bom. — Carla elogiou. — Vocês já fizeram bem para ela. Ela nunca comeu tão bem em casa. — Ela foi embora, prometendo apesar de todo o nosso protesto, que voltaria no dia seguinte para limpar a cozinha. — Deixe minhas outras filhas ajudarem seu pai sem mim dessa vez. — ela resolveu. — Fará bem para elas.

Já passava do meio-dia do dia seguinte quando nós quatro fomos assustadas por um ressonante sino. Pulamos, nossos corações batendo aceleradamente, e olhamos uma para a outra. Então Shaya começou a rir.

— É o sino da porta. — ela avisou. — Eu me lembro de ouvir esse som quando os mercenários moravam aqui. Oh, minha nossa, do modo que agimos, você deve ter pensado que era Zandru vindo a nós de seu inferno mais escuro!

Tomando minha posição de mãe da casa, fui responder ao chamado, mas fiquei grata que as outras três viessem atrás de mim. Pus a mão na minha espada, para que fosse vista como algum tipo de chefe. Já teria que defender nossa casa?

Carla teve que vir e me ajudar a arrastar a pesada porta para abri-la. Olhei de cima dos sete íngremes degraus para a rua onde estava uma garota, um cão e um burro com a ave mais feia que eu já tinha visto empoleirada em suas costas. A burra, de aparência bem velha, tinha uma capa remendada e uma crina rala com um mínimo tufo de rabo. Além disso, sua barriga estava tão grande e inchada de sua prenhez que parecia que a qualquer momento poderia explodir. O grande cão de caça parecia mais alto e forte que a burra. Depois de olhar para nós todas, ele bocejou, revelando as presas formidáveis, deitou no chão e começou a lamber suas enormes patas. A ave se eriçou, levantando sua crista suja e ficou olhando para mim com brilhantes olhos negros afundados em sua cabeça feia e nua.

— Eu vim para me juntar às Espadachins. — disse a recém-chegada. — Vocês tem um estábulo para meus amigos?

Ela era tão notável quanto seus animais. Não havia dúvida de sua gravidez; como a burra, ela estava tão enorme que parecia que iria flutuar com o vento forte. Ela já tinha cortado seus cabelos há algum tempo, pois agora estava todo enrolado em volta de sua

cabeça em anéis de dois centímetros de comprimento, num tom amarelo-rosado. Seus olhos eram verde-acinzentados e se inclinavam nos dois lados de um nariz arrebitado e sardento.

— E então? Irão me deixar parada neste frio e umidade ou já posso entrar?

Um pouco chocada, pois esta nova candidata parecia ainda mais inadequada do que a primeira, eu lhe indiquei o portão de trás do jardim, e entrei para destrancá-lo para ela. Carla seguiu para O Coelho-de-chifres Animado, rindo disfarçadamente consigo mesma, enquanto Esarilda e Shaya subiam as escadas para limpar outro quarto para nossa mais nova recruta.

Eu levei a garota para o estábulo, me desculpando por seu estado de abandono.

— Não tem problema. — disse a garota. Embora seus movimentos fossem desajeitados, por causa de sua enorme barriga, eles estavam bem fluidos. — Tenho um pouco de cereais para Cassilda. — ela dava palmadinhas na burra enquanto a guiava para dentro da baia na qual havia colocado um pouco de palha velha. — mas Fang já comeu o resto da comida que eu tinha comigo. Você terá que conseguir mais para seu jantar.

O cão de caça parecia saber que ela falava com ele, pois esfregou sua ampla cabeça contra o seu ombro. Sua dona lhe deu um rápido afago antes de voltar sua atenção para a ave.

— Venha, venha, minha preciosa — a garota murmurava para a ave enquanto a passava para um poleiro, checando suas amarras para ter certeza que suas pernas não estavam esfoladas. — Seefar, na verdade não é minha. — ela explicou. — Não como Cassilda e Fang que são meus desde que eu era uma criança. Eu a encontrei quando estava vindo para cá. Houve uma batalha e acho que ela foi ferida e deixada para morrer. Então a trouxe comigo. Não poderia deixar seus olhos de espiã para o homem errado, poderia? Não, é claro, não poderia.

Um pouco aturdida, eu sugeri que fossemos e cuidássemos de seu conforto, agora que seus companheiros já tinham sido cuidados. Quando o cão começou a segui-la, sugeri que o deixasse no estábulo, mas ela disse que não poderia fazer isso até que a criatura

se sentisse confortável em seu novo lar. Então, enquanto eu aquecia o mingau para nossa nova candidata, alimentei o cão de caça com sobras do almoço. Ambos estavam comendo como se não vissem uma boa comida por semanas quando Esarilda e Shaya se juntaram a nós. Foi a maneira amigável de Esarilda que arrancou a informação que eu estava relutante em perguntar.

— Kadi — ela respondeu quando Esarilda perguntou seu nome.
— Meu tio intitulou-se Rei nas Colinas Kilghard onde eu havia sido adotada desde quando era um bebê de colo. Ele planejava casar-me com seu filho mais novo, pois minha mãe era filha *nedestro* do Lorde de Serrais e ele almejava aquele *laran* para seu neto. Eu mesma tinha apenas um pouco, não o suficiente para me qualificar para as torres, mesmo assim fui para a Torre de Neskaya por um período para aprender como controlar meu dom.

Ela viu o pavor no rosto de Shaya e apressou-se em tranquilizá-la.

— Realmente, é muito pouco. Apenas *laran* suficiente para trabalhar com animais e nada mais. É verdade. Por favor, não antipatize comigo.

A risadinha de Shaya saiu como pequenos sinos.

— Como se eu pudesse! Acho isso maravilhoso, não importa o que as pessoas da cidade resmunguem sobre os *Hali'imyn*. Mas, não se preocupe. As pessoas estão sempre me tratando como uma estranha por eu pintar animais como se estivessem vivos. Isso não faria a menor diferença para mim. Você pode até dormir em meu quarto esta noite se quiser.

Tendo sido criada com seus quatorze irmãos e irmãs, Shaya estava excitadíssima ao pensamento de um quarto só para si, mas alegremente renunciava o privilégio para oferecer conforto para a recém-chegada.

— Talvez seja melhor não. — disse Kadi. — Meu bebê pode nascer a qualquer hora. Era a primeira vez que ela havia falado sobre sua gravidez. Grata por terem tocado no assunto, Esarilda pegou a mão da garota na sua, sorrindo por todo o seu rosto arredondado.

— Para quando deve ser a pequena doçura?

Fiz uma pequena careta ao seu tom de entusiasmo. Eu sabia que Esarilda tinha dado à luz algumas crianças, mas nenhuma havia sobrevivido, pelo que eu sabia. Você deve estar pensando que bebês não são mais uma novidade. Tendo vivido em uma Casa da Guilda pela maior parte da minha vida, eu tinha visto um grande número de bebês vindo e indo. Se fossem meninas, era permitido que ficassem e fossem criadas como uma de nós. Mas se fossem meninos, podiam ficar apenas até completarem cinco anos. Encontrar lares adotivos para eles e ter presenciado agonizantes separações entre mães e filhos, havia reforçado minha decisão de nunca ter filhos. Tinha pouca chance, na verdade, desde que decidi nunca tomar um homem como amante. Larguei minhas reflexões com um baque quando ouvi a resposta de Kadi.

— A qualquer momento, se meu cálculo estiver certo. Eu estava realmente rezando para Avarra para que conseguisse chegar aqui a tempo. Olhem só, o concebi na última primavera. Havia quatro luas e vocês sabem o que sempre dizem que o que você faz debaixo de quatro luas nunca deve ser lembrado nem lamentado. Bem, eu não lamentei naquela noite. — ela suspirou profundamente e fechou seus olhos; um ar de contentamento distraído tomou sua face.

Abrindo os olhos, ela viu nossos rostos assustados e corou.

— Quem é o pai da criança? — perguntou Esarilda, passando a Kadi um pouco de pão e queijo.

Balancei minha cabeça. Eu nunca teria ousado perguntar algo tão pessoal. Se tivesse, a outra pessoa com certeza teria se ofendido. Me perguntei se seria a preocupação sincera de Esarilda que fazia as outras pessoas aceitarem as perguntas mais pessoais.

— Ele era um técnico em Neskaya, um dos que havia sido gentis comigo quando cheguei lá. Ele está morto agora, morto na mesma batalha que feriu minha pobre ave. Tantos estão mortos agora, incluindo meu tio, e o primo que ele forçaria a se casar comigo; eu não tinha exigido que meu filho fosse assumido. Se ele soubesse que o pai de meu bebê era filho de um Lorde Ridenow, nunca teria me atirado para fora, mas teria começado a pensar em exigir mais poder através de minha criança. Bem, agora está

acabado. Eu fiz uma longa jornada para chegar aqui. Estava a caminho de Thendara quando encontrei algumas espadachins que estiveram na batalha e me disseram para vir aqui. Então eu vim. — ela se inclinou para a frente para erguer suas pernas em um banco e então se recostou de volta na cadeira. Seu sorriso de satisfação era tão aquecedor quanto a chama no fogão. — Como é bom estar em casa. Eu desejava pertencer à Irmandade desde a primeira vez que ouvi falar sobre ela durante minha estadia na Torre de Neskaya. Uma vida sem um homem para ordenar coisa alguma, para dizer “faça isso” ou “faça aquilo” e tomar decisões por mim como se não tivesse mais cérebro nem vontade como uma criança imbecil. Como seria bom!

Eu troquei olhares com Esarilda. Teríamos uma rebelde em nossas mãos? Havia muitas regras para se viver numa Casa da Guilda. Às vezes parecia para mim que estávamos cercadas por todas aquelas regras que faziam nossa existência possível sem batalhas diárias com homens da guarda e outros que se ofendiam por nossa liberdade do controle masculino.

Esarilda balançou levemente a cabeça, seu cabelo frisado balançou e voltou novamente no lugar. Ela se inclinou e pegou a mão de Kadi.

— Venha, criança, é hora de ir para cama.

Ela ajudou nossa mais nova recruta a se levantar e se virou para guiá-la para as escadas quando, de repente, Kadi se curvou e apertou sua barriga, com uma expressão assustada em sua face. Deu um pequeno grito.

— Acho que, talvez, o bebê venha esta noite.

Mais tarde, quando estava em sua cama, ela me deu um sorriso cansado.

— Se eu tiver sorte, daqui a não muito tempo, vocês terão mais uma nova candidata para as Espadachins.

Eu odiaria perturbá-la, então decidi não dizer nada sobre ela ter que doar um filho. *Teria tempo o suficiente para dizer mais tarde,* pensei, mas, como sempre, Esarilda precipitou-se.

— O que fará se for um menino?

Kadi estava concentrada em sua respiração e não respondeu por um momento. Depois que a contração tinha passado, ela ofegou.

— Deverei mandar uma mensagem ao pai de Darril. Há tão poucos homens ainda vivos em sua casa desde os anos de batalhas que o pai de Darril dará boas vindas a seu neto *nedestro*.

— Você não se importa em desistir de seu bebê? — Shaya perguntou curiosamente. Ela estava sentada ao lado de Kadi, o cão de caça esticado a seus pés.

Kadi balançou sua cabeça, apertando a mão de Shaya, enquanto respirava rapidamente pela boca. Quando a contração passou, ela respondeu para Shaya.

— Não, por que na verdade eu não escolhi ter um bebê agora. Se Darril estivesse vivo, poderia ter sido diferente. Mas eu penso que não; duvido que ele iria querer deixar a Torre e eu tenho planejado ser uma Irmã da Espada por muitos anos. Acho que darei uma boa espadachim.

Agora ela não tinha tempo para mais conversa. Esarilda tinha sido parteira na Casa de Thendara por alguns anos e disse que nunca havia visto um parto proceder tão rápido e aparentemente sem esforço. O treinamento que Kadi havia tido na Torre de Neskaya a ajudou a controlar sua dor e as semanas que passou viajando haviam deixado seu corpo forte e saudável. No fim da tarde, Kadi deu à luz não um, mas dois filhos de cabelos avermelhados. Eles eram pequenos, mas vigorosos, e seu forte choro deliciava Esarilda.

— A maioria de meus filhos nunca respirou — ela disse tristemente — mas esses pequenos nobres chorarão a noite inteira se não estiverem satisfeitos. Rápido, minha doçura.

O repique do sino me deu uma boa desculpa para deixar a sala tão quente, tão barulhenta e tão emocional. Eu nem mesmo me importei que Shaya e Esarilda ficassem para trás, murmurando para os gêmeos enquanto sua cansada mas triunfante mãe olhava.

Duas mulheres estavam no topo dos degraus, suas faces estavam indefinidas na luz bruxuleante de minha tocha.

— Esta é a casa da Irmandade da Espada? Sim? Então procuramos abrigo.

Me sentindo cansada por tantas coisas estarem acontecendo tão rápido, mandei que elas entrassem no vestíbulo. Ali havia mais luz e poderia vê-las claramente. Uma delas era uma mulher grande, forte e saudável, com ar de comandante. Isso por que ela deu uma última olhada para a rua e então encostou seu ombro na porta. A porta que eu fazia força todo dia para fechar, fechou-se facilmente.

— Bem — eu pensei, mais ou menos coerente. — ao menos posso achar um trabalho para esta recruta. Ela pode ser guardiã da porta. — Então balancei minha cabeça, percebendo como estava sendo tola.

— Sou Mhari e esta é Clea e viemos nos juntar à Irmandade da Espada. Este é o lugar certo, não é? — Sem esperar pela resposta, ela continuou. — Onde está a mãe da casa?

— Eu sou a mãe da casa. E irei tomar seu juramento, mas aviso a vocês que nós da Irmandade levamos mesmo a sério um juramento. — Eu pensei comigo mesma. *Devo me preocupar, mas como um advogado leal de nossos princípios, devo ser impassível.* — Queremos que entendam o que envolve se tornar uma de nós.

Primeiramente, a mulher menor falou.

— Sabemos que temos muito o que aprender mas entendemos um pouco do que a Irmandade faz. A esposa de um dos homens da guarda do Castelo Hawkrigde fugiu para se juntar às Espadachins. Ela deu à luz três crianças em três anos e disse que estava cansada de ser uma égua parideira. Alaric foi atrás dela, para colocar algum juízo nela e trazê-la de volta, mas ela havia entrado para a Irmandade e recusou-se a voltar. Ele ficou por perto um tempo e aprendeu o que pode sobre elas. Finalmente desistiu e voltou, mas por todo aquele inverno ele falou bem sobre aquela organização. O que nós ouvimos, acreditamos. — Sua voz era aguda quando terminou como se tivesse medo de que eu não me convencesse e elas tivessem que ir embora.

Mhari colocou seu braço protetor em volta de Clea e beijou sua face. Desafiante, ela olhou para mim.

— Meu marido tomou Clea como sua *barragana*, mas fui eu quem a amou. Ouvimos falar que as Espadachins podiam ser

amantes de mulheres sem serem julgadas baixas e anormais pelas outras irmãs.

— Bem, sim, assim é. Mas essa não é razão suficiente para entrar para a Irmandade.

— Ah, essa não é a única razão. — Mhari falou firmemente. — Eu fui dada em casamento pelo meu pai, que não se importou que eu fosse contra ser forçada a aceitar meu marido. Ele era bem mais velho que eu e já havia enterrado duas esposas. Mas fiz meu dever e lhe dei quatro filhos. Ele era um perverso; queria ao menos doze bastardos espalhados pelo campo. Então forçou o pai de Clea a dá-la a ele, na verdade, vendê-la. E ainda virou meus filhos contra mim.

Agora era a vez de Clea tranquilizar Mhari. Murmurou umas poucas palavras tranquilizadoras e segurou a mão da outra mulher. Mhari sorriu suavemente para ela e escolheu o lado perdido da batalha.

— Agora ele e meus filhos estão mortos e o Castelo Hawkrige foi dado para um dos lordes que seguem o rei Hastur. Nós deveríamos ser parte de sua recompensa, para fazer conosco o que desejasse. Então Clea e eu juntamos nossos pertences, pegamos os cavalos de montaria que eram nossos e partimos.

— Primeiro — Clea me contou. — ficamos com medo que tivéssemos de fazer nosso caminho através dos campos onde as batalhas estavam sendo travadas para ir à Thendara. Mas no último inverno, nosso lorde, que faz negócios aqui em Caer Donn, ouviu sobre o desejo do velho Larren. Então viemos para cá e esperamos até que chegassem. Pois aqui estamos. Por favor, diga que podemos ficar.

Então ela ofegou e se virou para Mhari. Mhari olhou por cima de meu ombro e então empurrou Clea para trás dela, empunhando uma longa faca e mantendo-a abaixo como se soubesse como usá-la. Eu me virei. O cão de caça de Kadi estava parado na porta atrás de mim.

— Está tudo bem. — eu disse, aliviada. — Fang pertence a uma de nós da Irmandade.

Então Shaya veio mancando até a vista.

— Oh, Maellen, Kadi está preocupada. Foi despertada de seu sono pelo vínculo com sua burra. O animal está tendo problemas para parir e Kadi quer ir ajudá-la, mas Esarilda a proibiu de deixar a cama. Achei que talvez minha mãe pudesse ajudar. Ela foi parteira de todas as minhas irmãs e cunhadas. Talvez uma burra não seja tão diferente. — Ela estava tão preocupada que não prestou atenção em nossas novas recrutas.

— Este é um trabalho para mim. — disse Clea. — Meu pai foi um ferreiro que também praticou enfermagem e parto de cavalos. Um burro não é diferente de um cavalo. Tenho certeza de que posso ajudar.

— Você volte e tranquilize Kadi — eu disse a Shaya. — e eu levarei nossas novas irmãs ao estábulo. — No caminho, expliquei a elas que Kadi havia acabado de dar à luz a gêmeos e não podia sair da cama. — Estou certa de que ela está impaciente. — eu adicionei. — Ela e seus animais são ligados pelo *laran*.

O cão de caça foi conosco e deitou perto da cabeça da burra. Eu havia tido pouco contato com animais e por isso não poderia ajudar a melhorar o conforto de animais irracionais, assim como de qualquer outro. Clea sabia exatamente como ajudar no parto da burra e logo eu estava espantada em ver o recém-nascido se esforçar em suas pernas trêmulas. Desajeitado como parecia, logo tinha achado seu caminho ao lado da mãe e então Clea estava guiando sua cabeça para o calor vital do leite da burra. Quando já tinha bebido bastante, Mhari pegou a criatura e começou a andar para a porta.

— Aonde está indo? — eu perguntei.

— Ora, levar este pequeno à sua dona. Ela nunca descansará até ver que ele está são e salvo.

O cão de caça correu a sua frente e eu segui, balançando minha cabeça. Um cão em uma sala de parto já era bem estranho, mas um burro?

Quando Kadi viu Mhari entrar, com as pernas do burrico penduradas e sua cabeça tão longa e ridícula girando como se olhando tudo em volta, ela se sentou na cama e estendeu seus braços.

— Oh, que gentil você é por trazê-lo para mim. — ela chorou. Enquanto afagava o pelo macio do burrico, sorria para Mhari que havia colocado seu braço em volta de Clea. Ambas sorriam de volta, mas foi Mhari que disse. — Bem, pra que servem as irmãs?

Esarilda e Shaya, cada uma segurando um dos gêmeos, haviam se aproximado perto da cama e admiravam o burrico. O quarto estava vivo com o bem gerado pelas quatro.

Balancei minha cabeça, rindo de orelha a orelha. Este era certamente o mais estranho, mas o mais alegre, bando de recrutas jamais vindo para o caminho de uma mãe.

Esse era um bom começo.

Fim

UM DIFERENTE TIPO DE CORAGEM

por Mercedes Lackey

Sobre Mercedes Lackey e "Um Diferente Tipo de Coragem"

Um das idéias principais criadas (e criadas novamente) sobre as Amazonas Livre é a idéia de que todas as mulheres não são capazes de ganhar seu sustento como soldados mercenários ou guia de montanhas. Desde o começo estas são as mais populares e visíveis Amazonas Livres; mas há também muitas outras, e talvez o segundo enredo mais popular sobre Amazonas Livres seja a história sobre a mulher que se estabiliza no papel mais tradicional, a curandeira.

Mercedes (Misty) Lackey vive em Oklahoma, e sua ocupação é "programadora de computadores", mas ela relaciona escrever como um de seus hábitos, seguido por bordado e costura; ela teve várias histórias publicadas numa pequena e semi-profissional revista de fantasias (nestes dias de mercado reduzido, aquilo contava como crédito em publicação) e é música, já tendo várias canções publicadas em pequenos jornais de música popular. Ela também grava performances de ópera para nós quando transmitimos na rádio em Bay Area. Julga sua inclinação por música católica, pendendo para a ópera popular; nomeia-se uma "chocólatra recuperada e coca-cólatra inveterada" (a conhecendo e temos a certeza de que ela prefere uma soda àquelas químicas ilegais), e "gostaria de se tornar boa o suficiente como escritora para sustentar (a si mesma) sem ter que bater cartão". Todos nós queríamos!

MZB

Rafi esfregava as cicatrizes em suas mãos repetidamente enquanto estava sentada em sua cela no pequeno e seguro abrigo de viajantes, esperando que nenhuma das outras duas Irmãs da Guilda que estavam com ela notassem o movimento. Caro, alta, magra e segurando o lampião, se movia rápida e eficiente pelas paredes, tapando com musgo os buracos por onde o vento continuava a assobiar. Lirella, menor que sua companheira livre e muito mais musculosa, havia trazido braçadas de lenha para dentro e estava preparando uma refeição quente. Ambas haviam deixado bem claro para Rafi que seus esforços em ajudar apenas atrapalhariam o trabalho delas.

As cicatrizes doíam, como sempre faziam quando suas mãos estavam geladas, e Rafi tinha medo que se as duas mulheres mais velhas percebessem sua furtiva massagem, considerariam aquilo como mais um sinal de fraqueza.

Sua esperança foi em vão; os olhos cinza de Caro, tão rápidos em detectar qualquer movimento à sua volta, fixaram-se nas mãos de Rafi. O rosto comprido de Caro não demonstrou expressão que Rafi pudesse decifrar, mas só conhecia a mulher mais velha há seis meses. Rafi se manteve indiferente e os olhos de Caro fitaram brevemente seu rosto antes de desviarem-se novamente. O olhar tinha sido vago, evasivo, mas assim mesmo Rafi desanimou.

Nem Caro nem sua companheira livre Lirella queriam Rafi junto nessa viagem, mas não havia escolha para nenhuma delas.

— Nossas ordens da Casa de Thendara são entregar este pacote diretamente nas mãos do Guardião de Caer Donn — A mãe da Guilda Dorylis havia dito. — Sim, eu sei que os Domínios não tem nada a ver com Aldaran, oficialmente. Como nós, as Torres nem sempre prestam tanta atenção à política oficial. É por isso que eles contam conosco para enviar recados como este para eles. A Irmandade não sabe nada do que está neste pacote, nem nos importamos, e o Guardião de Elhalyne sabe disso. Há algum perigo envolvido em carregá-lo e foi por isso que Thendara pediu que eu escolhesse as duas melhores mercenárias para transportá-lo, mas há um problema nisso. Nenhuma de vocês são *comynaras*, nem se familiarizaram com os protocolos que cercam um Guardião. Eu

francamente duvido que vocês teriam permissão para chegar perto dele. Rafi, por outro lado...

Rafiella havia ficado tão vermelha quanto o cabelo rebelde em sua cabeça.

— Eu sei, eu sei. Ela teve treinamento para Guardiã em Neskaya. — Caro replicou, alisando seus cabelos castanho-acinzentados com os dedos impacientes. — Ela seria admitida sem nenhuma pergunta.

Mas Rafi havia ouvido as palavras que Caro não havia pronunciado: “*Treinamento para Guardiã... no qual ela falhou, como falha em tudo que tenta.*”

Rafi tentou não demonstrar que havia ouvido o pensamento.

O resultado foi que todas as três estavam dividindo o abrigo duvidoso em um caminho mal conservado no extremo das Hellers em pleno inverno. Lirella não fazia segredo do fato de que sentia que a presença de Rafi tinha transformado seus passos em rastejar, e fora a causa direta delas terem parado neste lugar em vez do abrigo na Casa da Guilda de Caer Donn que esperavam alcançar esta noite. Caro tinha sido mais prudente, mas Rafi podia ainda sentir sua reprovação.

— Eu... há alguma coisa que eu possa fazer? — ela perguntou em voz baixa.

Lirella bufou sem disfarçar. A parceira de cabelos louros de Caro nunca fez nenhuma tentativa em disfarçar o que sentia. Rafi não serviria de ajuda nem para descarregar e amarrar os *chervines*... ela tinha medo deles... mal podia controlar o seu quando cavalgava, e seu medo era transmitido para os animais, fazendo-os pular e se assustar. Nem ao menos contribuía com sua parte em deixar seu equipamento seguro. É verdade, ela acendeu o fogo usando sua pedra-da-estrela quando nenhuma das outras duas puderam conseguir nada dos galhos úmidos que era tudo o que tinham disponível. Mas não era nada melhor em cozinhar ou montar um acampamento do que era com os *chervines*.

— Paciência, *bredhyina*. — Caro disse num tom baixo. — Ela está apenas meio isolada. E quando, em uma Torre ou na pele de uma dama, ela teria aprendido alguma coisa sobre acampamento?

— Não é apenas isso... — a outra mulher replicou suavemente.
— É que ela é uma... uma... uma mijona!

Caro reprimiu um sorriso com as mãos. “Mijona” era de fato a descrição exata da recém-chegada e a mais jovem Irmã. Lirella tentou, sem muito sucesso, ensiná-la no combate armado e desarmado, mas a garota não apenas não tinha mostrado aptidão para o que era o objeto de suporte principal da pequena Casa da Guilda de Helmscrag, mas tinha demonstrado um nível de incompetência que Caro não acreditaria se não tivesse visto com seus próprios olhos. Não é que ela não tenha tentado... ela havia caído sobre si mesma (literalmente) tentando. Lirella finalmente não quis mais ensiná-la, depois dela quase ter quebrado um tornozelo na tentativa de uma simples investida. E nas Sessões de Treinamento...!

Ela tinha fugido da primeira que freqüentou, soluçando histericamente. Caro estava convencida que ela continuava chorando depois de cada uma, mas pelo menos agora ela o fazia em particular. Durante a Sessão, ela sentava, mãos cerradas em seu colo ou constantemente esfregando as cicatrizes que as cruzavam, pálida como a própria Dama da Morte. Respondia apenas quando questionada diretamente, e com uma voz tão baixa que mal podiam ouvi-la. Uma verdadeira mijona!

Mesmo assim, ela era nada menos do que Irmã de Caro.

— Eu posso pensar em uma coisa que seria útil... — ela começou.

— Sim? — a garota tropeçou no próprio pé, pulando.

— A única madeira aqui está molhada e meio podre. Se quisermos algum calor aqui esta noite... bem, deve haver alguma árvore caída por aí. Se você pegar o machado e tentar achar alguma...

Rafi pegou o tal machado e correu para a neve... mas não rápido o suficiente para perder o comentário de Lirella:

— Você não tem medo que ela corte fora o próprio pé com aquilo?

Lágrimas arderam em seus olhos, e longe dos olhares críticos das companheiras livres, deixou-as cair.

Lirella estava certa... ela poderia muito bem cortar fora seu próprio pé. Ela esteve perto de fazer aquilo com a faca de madeira de treinamento pelo menos uma dúzia de vezes. A faca que usava agora era apenas por aparência... ela nunca teve intenção de sacá-la. Se o fizesse, seria mais perigoso para si mesma e para suas Irmãs do que para qualquer atacante. Para que ela havia feito o Juramento?

Não seja mais estúpida do que é... disse para si mesma tristemente. *Você sabe por que fez o Juramento.*

Aquele dia terrível, aquele dia horrível quando a *Ieronis* de Neskaya a havia mandado de volta para seu pai, dizendo que ela não tinha a “força” para aguentar mais treinamento como uma Guardiã, e nem os nervos para o trabalho excessivo em uma Torre... Ela havia tentado... ah, misericordiosa Avarra, como ela tentou... mas a dor, as queimaduras toda vez que ela tocava alguém, toda vez que era tocada... os limites de sua resistência tinham sido alcançados, e rápido. A chama, que ela sentiu ser impossível de agüentar, e que a pequena Keitha, uma mera criança, aguentou sem nenhum lamento, fez com ela desejasse ter morrido da doença do limiar como tantos haviam morrido.

Seu pai olhava para ela quando parou na sua frente; seus olhos duros e avaliadores. Pelo que ela podia se lembrar, ele a havia chamado de “boca inútil para alimentar”. Ela não tinha a beleza que havia facilitado arrumar maridos para suas irmãs e não foi capaz de comandar os servos do castelo quando sua mãe morreu. Ele ficou abertamente aliviado quando Neskaya havia pedido permissão para treiná-la como Guardiã. E agora que estava de volta, inútil para Neskaya; então ela seria inútil também para ele.

— Pelo inferno de Zandru, você é uma coisinha tão sem graça. — ele tinha dito finalmente, com desgosto. — Todo esse tempo na Torre, e sua aparência ainda não melhorou. E o que faria com você, se não fosse por Lorde Dougal, não teria idéia. Todavia, a velha mulher do lenhador morreu e ele quer muito uma aliança com nossa casa. Você não tem nenhum valor, mas ainda pode se casar, e isso é tudo o que ele quer. Ele não tem herdeiros, então veja se dá um a

ele rapidamente. Estará aqui dentro de dez noites; faremos a cerimônia *di catenas* assim que ele chegar.

Rafi havia parado em choque e enfraqueceu. Tentou se aguentar, mas desmaiou no chão. Tudo que conseguia ver em sua mente era a imagem de sua mãe, se arrastando com criança atrás de criança, finalmente morrendo tentando parir a última. A voz de seu pai, severa e impaciente, tinha finalmente a acordado. Ela se curvou desajeitadamente, dizendo algum tipo de agradecimento apropriado e deixou sua presença com o passo incerto de um cego.

Ninguém se preocupou em dar uma olhada nela... ninguém nunca esperaria que fugisse. Sempre havia sido tão obediente, tendo sucesso nisso como em nada mais. Então ninguém a havia parado ou mesmo perguntado quando ela deixou o castelo, descendo a vila, e lá achando a pequena Casa da Guilda das Renunciantes. Ela sabia que em nenhum outro lugar estaria segura, pois mesmo em sua vida pacata tinha ouvido falar de Dougal, e no modo que suas esposas morriam, tentando dar a ele o herdeiro que tão desesperadamente desejava. Casar com ele era receber a sentença de morte.

Ela nunca tinha pensando antes em se abrigar com elas; nunca tinha tido muito a ver com as Amazonas Livres antes. Tinha ouvido boatos, é claro, alguns de elogios, a maioria não; e tinha pretendido deixar de lado a maioria delas como o luar do solstício de verão. A única coisa de que tinha certeza era de que nenhuma mulher ou garota que havia feito seu Juramento precisava temer a rejeição de um homem novamente.

O pequeno mundo atrás das portas da Casa da Guilda a havia tomado completamente de surpresa. Lá, pelo que parecia, mulheres eram livres para serem tão fortes, tão espertas, tão auto-suficientes quanto qualquer homem. Estavam livres para resolver suas próprias vidas completamente, sujeitas apenas a algumas regras da Guilda. Rafi tinha se deslumbrado... nunca havia imaginado que uma coisa dessas poderia existir. Afinal havia achado algo mais dentro daquelas paredes. As Irmãs da Guilda cuidavam uma das outras.

Ela parou, encostada em uma árvore, tão cega pelas lágrimas que não podia continuar procurando por madeira. Havia tido tanta esperança nisso; ao menos, tinha achado algo que poderia dar certo

para uma mudança. Ela queria pertencer, achar seu lugar naquela camaradagem. Depois de ver o cuidado, e sim, o amor que aquelas mulheres tinham umas pelas outras, ela sabia que não haveria nada no universo que pudesse querer mais. Mas havia falhado na Guilda, assim como havia falhado em tudo o mais.

Ela não podia ter adivinhado, é claro, que o único comércio das mulheres da Casa da Guilda de Helmscrag era a venda de suas habilidades como guerreiras, guardas e guias. Das onze mulheres da pequena Casa da Guilda, apenas a própria Mãe da Guilda nunca se incumbia de tais missões. Infelizmente para Rafi, sua lamentável falta de habilidades físicas era tão grande quando sua falta de beleza. Quando criança, sempre era a última escolhida nos jogos... pelo fato de sua presença em um lado garantir uma desvantagem automática... e última como parceira de dança. Mesmo aprender a se defender tinha sido uma tarefa insuperável.

Lirella tinha decidido lhe dar um estímulo extra, sendo com ela mais dura do que o normal. Tudo o que isso havia trazido fora dolorosos machucados e lágrimas abundantes.

Tentando manter a si mesma protegida, seu *laran* havia feito os pensamentos de suas colegas Renunciante claramente dolorosos para ela. Lirella a considerava uma covarde chorona. Caro pensava apenas que ela era estúpida demais. A Mãe da Guilda estava convencida que a raiz de suas dificuldades estava no excesso de auto-piedade, e que ela precisava ser arrancada disso. O resto dividia essas opiniões em maior ou menor intensidade. O consenso geral era que ela era completamente insegura e uma total perda de tempo. Mesmo sua aparência era um pouco desconcertante para elas. Suas roupas sempre tinham a aparência de que tinha dormido com elas, e não importava o quanto cuidadosamente fosse cortado, seu cabelo nunca falhava em parecer como um desarrumado monte de feno. Ela dificilmente dava a impressão desejada de auto-suficiência e auto-confiança de uma Renunciante.

Talvez seu pai estivesse certo em rotulá-la como inútil. Certamente suas Irmãs tinham certeza disso. E aquilo havia machucado muito mais do que qualquer coisa que já havia acontecido com ela.

Então, mais uma vez, ela se sentiu a seguidora indesejável, a desvantagem no time. O sentimento de ser deixada de fora ficara mais intenso pelo relacionamento especial entre Caro e Lirella. É quase irônico que a única coisa que tinha agradado as Irmãs da Guilda (e suavizou um pouco a própria atitude de Caro para com Rafi) tinha sido a sua reação para com aquele relacionamento. Rafi simplesmente não tinha ficado nem um pouco perturbada com aquilo, e aquilo havia surpreendido a todas... que esperavam era que ela reagisse com histeria quando percebesse. Mas sua única reação foi uma triste inveja.

Deve ter sido o pensamento nas companheiras livres que trouxera um toque de alarme ao seu *laran*. Ela foi tirada de seu pântano de lágrimas por um choque. Algo... algo estava muito errado no acampamento!

Ela apertou sua pedra-da-estrela e tentou visualizar, então gritou de dor quando viu por um momento através dos olhos de Caro e sentiu o golpe da espada que Caro levava em seu próprio corpo.

A Mãe da Guilda as haviam avisado do perigo... e ela estava certa. O perigo era bem maior do que qualquer delas imaginava.

Rafi arrastou-se pela neve até o pequeno abrigo, mas estava mais longe do que havia pensado. No momento em que alcançou o acampamento, a luta havia acabado.

Quatro homens mortos estavam jogados ao crepúsculo; Lirella estava caída, inconsciente. Caro se inclinava sobre ela, tentando reanimá-la, enquanto pressionava um horrível ferimento em sua própria coxa num esforço para estancar o sangramento.

No momento em que Rafi chegou em seu raio de visão, Caro desmoronou por cima do corpo de sua companheira livre.

Rafi nem ao menos parou para pensar; talvez fosse a ausência de olhos críticos sobre ela, pois moveu-se sem nenhuma dúvida ou hesitação. Sua primeira ação foi amarrar bem apertado o pior dos ferimentos, esperando diminuir ou parar o sangramento; a segunda foi procurar nas mulheres ferimentos não imediatamente visíveis. Além de ter tido um pouco de treinamento no uso de seu *laran* para

a cura, ela tinha aprendido a monitorar, e usou aquela habilidade naquela hora.

Caro estava em profundo choque e sofrendo por uma grande perda de sangue; Lirella estava em uma condição pior. Havia levado uma pancada na cabeça que havia fraturado o crânio. Rafi fez o pouco que podia para aliviar a pressão que sentia estar crescendo ali, mas Lirella precisava de tratamento profissional, e rápido.

Rafi sabia que não seria capaz de mover as mulheres para dentro do abrigo sozinha; além de serem muito mais pesadas do que ela, seriam como peso morto. Ela se manteve imóvel em indecisão, mas a urgente necessidade de tirá-las da neve para dentro do abrigo a pressionava. Pensou firme por um momento... então lembrou-se dos *chervines*, ainda amarrados em seus apoios atrás do abrigo. Ela não ousou deixar seu medo dos animais vir para a superfície. Trouxe um dos que usavam como animal de carga para a frente do abrigo e colocou o arreio, movendo-se devagar e cuidadosamente, para não assustá-lo e evitar cometer erros que poderiam estragar tudo. Ele bufou ao cheiro de sangue fresco, mas para seu alívio não passou disso. Amarrando-o perto de Lirella, correu para dentro do abrigo e trouxe um dos cobertores de seu saco de dormir para fora. Usou sua faca para fazer um buraco em cada ponta e rapidamente amarrou o mais seguro que podia. Ela o esticou na neve e rolou Lirella por cima dele com o máximo de cuidado de que era capaz, então amarrou as cordas em cada lado do arreio do *chervine*. Pegou a rédea, tentando projetar calma para ele, e guiou-o devagar para dentro do abrigo, arrastando Lirella no cobertor. Quando Lirella estava a salvo lá dentro, e enrolada em seu próprio saco de dormir, Rafi repetiu o procedimento com Caro.

Estava bem escuro agora... e ela descobriu para seu imenso alívio que Caro havia mentido sobre o estado da madeira. Logo já havia montado a fogueira e tinha uma chama considerável para que fosse capaz de administrar o pouco cuidado que podia para suas Irmãs sem medo de que congelassem mais do que já estavam. Ela lhes tirou suas roupas sangrentas e rasgadas, cortando-as onde precisava, todo o tempo trabalhando devagar e pensando a cada passo por vez. Então enfaixou seus ferimentos, desta vez com

bandagens próprias e medicação, e enrolou-as de volta nos sacos de dormir agora juntos. Ela sabia que elas precisavam se manterem aquecidas e deste jeito teriam o confortável calor e presença do corpo da outra.

Mas ela sabia muito bem que ambas precisavam de mais ajuda do que ela poderia dar. Não ousava deixá-las sozinhas... mesmo se supondo que pudesse controlar um dos *chervines* bem o suficiente para procurar ajuda, não tinha idéia em qual direção estava o socorro mais próximo. Sentou-se na agonia da indecisão, distraidamente esfregando as cicatrizes em suas mãos, tentando pensar em uma resposta, quando a própria sensação de uma daquelas cicatrizes lhe deu a resposta que precisava.

A distância não era barreira para o *laran*, particularmente não no mundo superior. E haveria uma Torre por perto, e lá dentro seus Curandeiros treinados, e toda a ajuda que precisava.

Não havia ninguém para monitorá-la; mesmo sendo perigoso, ela teria que fazer. Se fosse apenas sua própria vida em jogo ela nunca se atreveria... mas não era. As vidas de Caro e Lirella poderiam ou não aguentar se recebessem cuidado profissional, e logo. Ela não tinha escolha. Não importa o que sentiam por ela, estava obrigada pelo Juramento e pelo jeito que começou a gostar e admirar as duas por darem toda a ajuda através da força.

Ela se enrolou nos cobertores que achava que podiam ser ocupados, tendo certeza de que o fogo não se espalharia em sua "ausência", e checkou novamente suas pacientes. Quando estava satisfeita que tinha feito tudo o que podia, se posicionou o mais confortável que era capaz, e forçou-se a começar.

Esta era uma parte do treinamento que ela tinha feito direito; uma por uma, apagou todas as sensações externas de sua mente, concentrando-se apenas na pedra-da-estrela em sua mão. Por um breve momento, seu medo retornou, e a puxava de volta, (*Eu poderia morrer lá em cima...*), mas ela o controlou, embora mantendo-o em segundo plano, e caiu profundamente dentro das profundezas da pedra.

Então estava fora, flutuando sobre o próprio corpo.

Eu sou uma coisinha sem-graça, ela pensou, olhando para a desarrumada menina-mulher no monte de cobertores, seu rosto manchado de lágrimas, seu cabelo bagunçado para todo o lado. Ao menos ela era mais arrumada na forma que usava quando estava fora... Mas não mais atraente; de fato, mais assexuada e esguia ao ponto da magreza, mas pelo menos não tão... desarrumada.

Mas agora não era hora de pensar em si mesma. Rapidamente deixou sua mente levá-la para o mundo superior, a luz superior tomando o lugar do mundo sólido que estava deixando para trás. Agora ela estava em um plano cinza e infinito; procurou em sua volta pela Torre, cuja manifestação ela sabia que devia estar ali...

E estava. Brilhando com sua luz própria, lembrando, com uma solidez familiar, aquela em Neskaya, e ela apressou-se em sua direção, chamando com sua mente e coração, e esperando que alguém lá dentro a ouvisse.

Uma figura repentinamente tremeluziu, tomando forma entre ela e seu objetivo, e pela aura de poder que usava, Rafi sabia que devia ser a Guardiã. Seu rosto tendia a variar e se modificar atrás do véu que usava, mas o sentimento de poder contido e controlado era constante e inconfundível.

— Criança... — a Guardiã disse dentro de sua mente. — Você perturbou nosso trabalho. Por qual possível motivo fez isso?

Rafi não se importou com explicações, mas simplesmente abriu sua mente e mostrou tudo para que a Guardiã pudesse examinar. A telepata deu uma exclamação de surpresa e Rafi a sentiu doando um pouco de sua força, firmando-a e apoiando-a enquanto Rafi sentia que começava a cair.

— Mandarei ajuda, pequena Amazona. Chegará o mais rápido que puder... Mas você deve mantê-las vivas até que chegue. Portanto, você deve fazer... e então... — Como pássaros retornando para o ninho, suas instruções entraram na mente de Rafi; ela sabia que, se tivesse forças, não teria dificuldade em segui-las. E, desejou com vontade, teria forças, para quanto tempo precisasse...

— Agora, criança, você está sem monitoração, e voltar será perigoso. Agente firme e lembre-se que a ajuda está a caminho. — Ela deu a Rafi algum tipo de impulso mental...

Um fogo azul surgiu em sua volta por um instante e estava toda enrolada, meio congelada e com cãibras, em seus cobertores perto da fogueira. Estava exausta, e toda dolorida... seria tão bom apenas deitar aqui e deixar o frio tomar conta dela. Seria tão fácil deslizar para o sono; o frio já parecia estar diminuindo. Estava tão cansada...

Caro gemeu e o som a acordou para seu dever, agindo como um estímulo. Ela se desvencilhou dos cobertores, movendo-se devagar, pois os músculos estavam endurecidos, e foi dar uma olhada em suas Irmãs.

Logo que tocou a mão da mulher mais velha, as instruções da Guardiã vieram para a superfície de sua mente. Por um momento ela se encolheu de medo... fazer como ela havia dito a abriria para mais dor do que jamais sentira antes... mas Caro gemeu novamente e, apesar do medo permanecer, ela sabia que não aguentaria deixar suas Irmãs sofrerem por mais tempo. Ela tentou concentrar o máximo de coragem que possuía, somando aquela pouca coragem com as palavras de seu Juramento, e foi ao trabalho.

Cuidadosamente entrou em contato com Lirella. As instruções da Guardiã tinham sido bem claras e, enquanto trabalhava lentamente, ficava mais fácil segui-las. A pressão da fratura tinha que ser aliviada, e o coágulo que estava se formando diminuído. O resto poderia esperar até que a ajuda especializada chegasse. Quando havia feito tudo o que podia por Lirella, voltou para Caro, forçando o sangramento que ensopava suas bandagens a diminuir e parar.

Fora isso ela não podia ajudar, mas estava consciente do profundo e vital vínculo entre as duas mulheres. Era algo que ela sabia ser bem maior do que qualquer uma na Casa da Guilda havia imaginado... ninguém com pelo menos um toque de *laran* teria perdido isso... e a extensão dessa afeição nunca deixou de maravilhá-la. Ela nunca havia visto nada como aquilo; certamente seu pai nunca havia demonstrado nenhum amor por nenhuma mulher, e vínculos emocionais eram proibidos para todos em treinamento para Guardiã. Mesmo agora, estava presente uma pontada de inveja. Ela estaria muito bem se tivesse alguém que

cuidasse dela do jeito que essas duas cuidavam uma da outra. A presença desse vínculo a motivava quando ninguém mais podia. Seria impensável deixar algo como aquilo morrer, quando estava em suas mãos salvá-lo.

Era um trabalho duro e penoso. Tomava todo o resto de energia que ainda tinha... e não lhe restava muita depois daquela viagem sem monitoração ao mundo superior. Hora após hora seu medo e a dor que compartilhava com suas Irmãs a arrancava de seu contato. Em cada momento que isso acontecia, ela sabia que nunca poderia forçar-se a terminar o que havia começado. E então, quando as lágrimas de dor paravam, uma olhada para a face retorcida de Caro ou o rosto cinzento de Lirella, a tocavam o suficiente para mandá-la de volta ao contato novamente.

Quando enfim terminou, gelada como nunca havia estado antes e tremendo de cansaço, seu trabalho ainda não estava completo. As instruções da Guardiã incluíam o fato de que as duas mulheres precisavam de fluidos para repor o sangue perdido, e rapidamente. Então Rafi se arrastou para o fogo, incapaz de empenhar força o suficiente para andar, e colocou caçarolas com neve para derreter e, cuidadosamente, com a colher despejou o chá e a sopa que havia feito em suas gargantas. Quando amanheceu, ambas estavam fora de perigo imediato, e Rafi ouviu o som de cascos de cavalos do lado de fora.

O abrigo estava repentinamente abarrotado de pessoas; Rafi se arrastou para fora do caminho para um canto escuro e desabou em seus cobertores.

— Pelos infernos de Zandru! — praguejou um homem jovem, cujos cabelos flamejantes irredutivelmente o proclamava do Comyn. — Como, em nome de todas as coisas sagradas, alguém destreinado manteve essas duas vivas por tanto tempo?

Ninguém se preocupou em responder a questão, a qual era mesmo puramente retórica. Embora sua energia fizesse com que parecessem mais pessoas, havia de fato apenas quatro deles. Havia dois Curandeiros, um deles o jovem, o outro uma mulher grisalha, serena e confiante. Com eles estavam duas garotas, um pouco mais velhas que Rafi, para trabalhar como monitoras; ambas eram belas e

muito atraentes, e pareciam estar envolvidas. Parecia que os quatro já estavam longamente acostumados a trabalhar como um time. Rafi percebeu pelos seus gracejos que haviam sido mandados para lá logo que a Guardiã os tinha acordado, e haviam levado toda a noite para achar o abrigo. Pareciam maravilhosamente viçosos e cheios de energia para Rafi, mas todos os quatro eram viajantes experientes e tinham há muito tempo aprendido o segredo de cochilar na sela.

Rafi os observava de seu canto; pareciam sair e entrar em foco constantemente, uma hora aparecendo como simples mortais, depois parecendo meio transparentes, e mostrando redes faiscantes de energia saindo de dentro deles. Ela havia perdido a noção do tempo, e pareceu a ela que passara alguns momentos depois que a *Ieronis* sentou Lirella e Caro, e começou a falar em voz grogue.

Por estranho que pareça, foi Lirella que pensou nela primeiro.

— Rafi... — ela sussurrou, tentando pensar apesar de uma cegante dor de cabeça. — Nós a mandamos lá fora para buscar madeira...

— Keighvin, a Guardiã disse que havia uma terceira, aquela que nos chamou! Para onde ela foi? — a garota que a tinha monitorado exclamou.

Os olhos de Keighvin foram atraídos irresistivelmente para um fardo encolhido no canto. Ele levantou-se e em dois longos passos estava olhando atentamente para baixo. Uma face mortalmente pálida o olhava, aparentemente composta de pouco mais que pele esticada sobre um esqueleto com olhos.

Rafi olhava para o jovem Curandeiro, tentando ler seus pensamentos. Tudo o que importava para ela agora era que Caro e Lirella estavam em boas mãos; estava longe de se preocupar consigo mesma. Passou um momento até que ela soubesse através de sua mente que elas estavam bem; com alívio, ela suspirou, e deixou-se ir... e o abrigo e seus ocupantes começaram a desaparecer.

— Pelos infernos de Zandru! — Keighvin exclamou novamente.

— Alguém me ajude!

— Ela fez tudo isso sozinha? — Caro perguntou descrente.

Todas as três Renunciantes estavam sentadas envoltas em mantos de pelo na fogueira recentemente restabelecida. Os *Ieronis* haviam trazido tudo o que achavam que seria necessário e isso era bem melhor do que o que elas tinham. Nenhum Curandeiro quis mover as mulheres feridas por pelo menos um dia, e quanto a Rafi... ela não estava em estado muito melhor do que suas duas Irmãs.

— Tudo isso, e mais. — a segunda Curandeira, Gabriela, replicou. — Duvido que eu teria pensando em usar o *chervine* para arrastá-las para o abrigo. Eu certamente não teria tido a coragem de ir para o mundo superior pedir ajudar sem ser monitorada.

Rafi estava finalmente aquecida, e estava em um estado sonolento de semi-consciência no qual não parecia se importar que as pessoas estavam falando sobre ela como se não estivesse ali. De fato, a conversa era bem interessante.

— E não sei sobre você, *mestra* — Keighvin disse, embalando uma caneca de chá quente com as duas mãos — mas para ser franco, não acho que eu teria esgotado minhas forças do modo como ela fez por ninguém. Quero que vocês saibam que houve uns poucos momentos de incerteza sobre se nós poderíamos impedi-la de se esvaír totalmente. Ela chegou muito perto de se matar por pura exaustão na intenção de salvar vocês duas... ela tem uma maldita adoração por vocês, saibam disso. Leva seu Juramento de Renunciante literalmente por completo, todos nós vimos isso em sua mente. E eu ainda gostaria de saber como alguém sem nenhum treinamento como Curandeiro conseguiu manter as duas vivas por tempo suficiente até que nós chegássemos.

— Apenas não soa como a Rafi que conheço. — Lirella parecia intrigada.

— Devo dizer que você a conhece muito menos do que imagina. — Keighvin replicou com uma sobranceira levantada.

— Temos um ditado nas montanhas... — a monitora Caitlin disse timidamente. — “Uma criança é o que aprende”. Pelo que eu vejo, me parece que a sua Rafi foi chamada de inútil várias vezes. Quando você é chamada de fracassada, tende a se tornar uma. E eu não quero ofender, *mestra*, mas ela não serve exatamente para a

vida de uma mercenária. Sem querer, você a mandou para mais uma tarefa que ela estava condenada a falhar.

— Aquela falta de jeito, por exemplo. — Keighvin sorveu seu chá pensativamente. — Não é algo em que ela pode ajudar. Há algo errado bem aqui... — ele bateu levemente em sua testa. — e aqui. — Ele estendeu uma mão. — Se você tem *laran* posso mostrar a você. Estou surpreso que Neskaya nunca dissesse a ela; isso poderia tê-la salvado de várias mágoas desnecessárias.

— Pode ser reparado? — Caro queria saber.

Ele balançou sua cabeça pesaroso.

— Talvez nos tempos do avô de meu avô, mas não agora. Perdemos mais habilidades a cada ano. Não é nada incapacitante, em nenhum caso. Tudo que ela precisa fazer é lembrar de nunca se mover sem pensar.

— O que é algo que uma guerreira não pode se dar ao luxo. — Lirella o lembrou.

— Quem disse a você que ela tem que se tornar uma guerreira? — ele disse. — Minha irmã está com a Guilda de Elhaly, e ela não podia lutar de seu jeito nem em um galinheiro. Ela é uma Curandeira, como eu, e uma parteira. Meu pai se recusa a reconhecer sua existência, mas nós, que seguimos as regras dos Curandeiros somos um poucos mais pragmáticos; me sinto feliz em dizer que ela faz mais o bem onde está do que se desperdiçando como parteira de uma égua. Ela está me fazendo ter um grande respeito pela Guilda; por falar nisso, por que vocês não mandam essa criança para lá? Rima constantemente me manda cartas reclamando que precisam de uma aprendiz desesperadamente. Pelo jeito que cuidou de vocês, Rafi certamente tem o talento para isso.

Para seu próprio espanto, Rafi ouviu-se dizer baixinho.

— Por favor... eu adoraria.

Seis pares de olhos se viraram para encontrar os dela; cinco com espanto, um com divertimento.

— Então, o coelho-de-chifres encontrou a voz. — Keighvin encheu outra caneca com chá, com uma generosa dose de mel, e entregou a ela. — Não é uma vocação fácil, você sabe. — ele disse, se agachando à sua frente. — Você se desgasta constantemente, às

vezes em favor de pessoas ingratas, e raramente dorme uma noite inteira e sem interrupções. Algumas vezes verá coisas que irão partir seu coração. Isso será mais verdade para você do que para mim, por que você estará vendo as crianças judiadas, esposas abusadas, e não será capaz de fazer nada pelas suas condições, exceto tratar os ferimentos e esperar que seu próprio exemplo lhes mostre que não precisam conviver com o abuso, a menos que queiram. Você precisará da força do espírito do mesmo modo como suas duas Irmãs aqui precisam da força do corpo.

— Sim, mas... — ela disse, um pouco tímida. — você disse que eu tenho o talento... e... fiz as coisas certas... você disse!

— No geral, você fez. — Gabriela disse afetuosamente. — E aí está sua resposta, *mestra*. — Ela olhou diretamente para Caro. — Novamente, não foi sua culpa, mas o modo de dar confiança a essa garota não é tentando obrigá-la a lutar de volta, mas dar-lhe algo em que possa ter sucesso. Ela não é covarde, não quando se põe em risco para salvar os outros. Apenas tem um tipo diferente de coragem que nenhuma de vocês está acostumada a ver.

Rafi olhou para as cicatrizes na mão que segurava a caneca.

— Eu... eu sou uma covarde. — ela disse. — Não consigo aguentar a dor. Foi por isso que me mandaram embora de Neskaya.

— Ora. — A quarta pessoa do grupo entrou na conversa pela primeira vez. — Eu também não consigo aguentar muita dor. Por isso me tornaram monitora. É só que alguns de nós têm menos tolerância que outros. Isso certamente não faz de você uma covarde. Você teve coragem o suficiente para fugir de seu pai, não teve? Tenho quase certeza de que eu não ousaria isso. E você foi tão corajosa na noite passada para fazer o que sabia que tinha de ser feito, não importa o que custasse a você. Isso é muito mais coragem do que eu tenho.

— Assim fala Gwenna, que desenterrou nós três com as mãos nuas quando estávamos meio-enterrados por uma avalanche no ano passado. — Keighvin disse à Rafi em um tom baixo.

Rafi olhou para a jovem mulher com os olhos arregalados em espanto. *Se alguém que houvesse feito aquilo dizia que ela era corajosa... bem, talvez, apenas talvez...*

— Então, qual é o veredicto? Eu sei qual será a resposta de Rima se oferecer mandar-lhe essa sua jovem Irmã. Eu já trabalhei o suficiente com Renunciantes para saber que o ofício de Curandeira é tão honorável quanto o ofício de uma guerreira. Eu tenho encontrado Rima; ela é uma ótima instrutora. Quando ela encerrar com Rafi, vocês provavelmente não a reconhecerão, e ela será uma Renunciante que qualquer Casa da Guilda terá orgulho. Qual é a sua resposta? — Gabriela perguntou a Caro.

— Primeiro e principalmente, temos que completar nossa missão... — Caro replicou pensativa, enquanto olhava para Rafi com novos olhos. — Não posso falar pela Mãe da Guilda, mas...

— Mas?

— Eu acho, depois que ela ouvir o que tenho para falar... que deve ser sim.

A *Ieronis* parecia imensamente satisfeita com eles mesmos... Keighvin sorria generosamente para Rafi.

Quanto a Rafi, sorveu seu chá em silêncio e seus olhos estavam brilhantes e pensativos, enquanto contemplava um futuro que repentinamente havia se tornado mais radiante que seus sonhos mais turbulentos... e bem lá no fundo, algo se tornava um pouco mais forte.

Confiança, e um diferente tipo de coragem.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Doc* de
Gisele (Digital Source)

